

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SONAYRA DOS SANTOS CARNEIRO

**PERFIS, PRODUÇÕES E APROPRIAÇÕES DE AUTORAS REFERENCIADAS EM
TRABALHOS SOBRE A “AMAZÔNIA”**

São Luís - MA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SONAYRA DOS SANTOS CARNEIRO

**PERFIS, PRODUÇÕES E APROPRIAÇÕES DE AUTORAS REFERENCIADAS EM
TRABALHOS SOBRE A “AMAZÔNIA”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Tavares dos Reis

São Luís - MA

2024

SONAYRA DOS SANTOS CARNEIRO

**PERFIS, PRODUÇÕES E APROPRIAÇÕES DE AUTORAS REFERENCIADAS EM
TRABALHOS SOBRE A “AMAZÔNIA”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Tavares dos Reis

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Eliana Tavares dos Reis (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Igor Gastal Grill

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dra. Cristina Altmann

Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE)

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carneiro, Sonayra dos Santos.

Perfis, produções e apropriações de autoras referenciadas em trabalhos sobre a "Amazônia" / Sonayra dos Santos Carneiro. - 2024.

168 p.

Orientador(a): Eliana Tavares dos Reis.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Amazônia. 2. Intelectuais. 3. Mulheres. 4. Região. I. Reis, Eliana Tavares dos. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Pensar no término desta dissertação me faz refletir sobre a árdua jornada que enfrentei, possível graças ao apoio de inúmeras pessoas queridas que me incentivaram, apoiaram e acreditaram em mim ao longo deste processo.

Agradeço, principalmente, à minha mãe, Sônia (*in memoriam*) por todo o cuidado, amor e dedicação que teve em minha criação. E em especial, à minha irmã, Vitória, e ao meu pai, José, por todo apoio e cuidados diários, por sempre me incentivarem, sonharem junto comigo e me acompanharem em meu percurso acadêmico.

Á Luan, meu melhor amigo e parceiro, a pessoa mais incrível, generosa, carinhosa, amorosa e paciente que conheço. Obrigada por todo o suporte ao longo desses anos, em especial durante o mestrado, pelas horas de estudo e pela destreza em me explicar textos sobre assuntos que não tenho a menor afinidade.

Aos meus tios e tias paternos e maternos, em especial, ao meu tio José; ao meu padrinho, Wellington e à minha madrinha, Gracilea, que também me ajudaram em diversos momentos, mesmo diante das minhas ausências.

Á Ana Paula, por todo carinho, cuidado, acolhimento e apoio durante esta jornada, fundamentais para a conclusão desta dissertação.

Aos queridos amigos que a graduação em Ciências Sociais me trouxe, e às minhas melhores amigas, Sarah e Alexia, pelas conversas, viagens, conselhos e debates incansáveis (que na maioria das vezes chegam em lugar nenhum, mas nos diverte bastante) sobre os mais variados temas.

Á minha orientadora, a professora Dra. Eliana Tavares dos Reis, por todas as suas orientações e incentivo, essenciais para o aprimoramento de minha formação. E uma grande inspiração, enquanto professora e pesquisadora (inclusive este trabalho não existiria se não tivesse tido contato ainda na graduação com seu artigo sobre mulheres parlamentares).

Ao professor Dr. Igor Gastal Grill, por todas as orientações, sugestões e pelas indispensáveis aulas e reflexões, cruciais para a conclusão deste trabalho e para minha formação acadêmica.

Á professora Dra. Cristina Altmann, por todas as contribuições realizadas para a conclusão desta dissertação e por ter aceitado fazer parte da minha banca de mestrado.

Ao grupo de estudos que faço parte, o Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC), fundamental para o meu desenvolvimento enquanto cientista social e pesquisadora.

Agradeço, por fim, à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão pela concessão de minha bolsa de mestrado que possibilitou a dedicação exclusiva para elaboração desta dissertação.

RESUMO

O presente trabalho faz parte da agenda de pesquisas do Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC-UFMA) que examina as justaposições entre os domínios políticos e culturais a partir da análise das representações, práticas e perfis de agentes que se posicionam sobre a “Amazônia”. Nesta dissertação, investigamos as trajetórias (sociais, culturais e militantes) e as produções escritas de quatro mulheres, que conquistaram destaque ao escreverem sobre a “Amazônia”: Bertha Koiffmann Becker, Betty Jane Meggers, Edna Maria Ramos de Castro e Violeta Refkalefsky Loureiro. Elas foram localizadas em um universo mais amplo de agentes mais citados/as em teses e dissertações de diferentes áreas das ciências sociais das Universidades Federais do Amazonas, Maranhão e Pará. Por meios de fontes e informações variadas, observamos os investimentos, recursos e consagrações delas em relação aos seus homólogos, igualmente professores universitários porta-vozes da “região”, do sexo masculino.

Palavras-chave: Intelectuais. Mulheres. Amazônia. Região.

ABSTRACT

This work is part of the research agenda of the Laboratory of Studies on Political and Cultural Elites (LEEPOC-UFMA), which examines the juxtapositions between the political and cultural domains by analyzing the representations, practices and profiles of agents who position themselves on the Amazon. In this dissertation, we investigate the trajectories (social, cultural and militant) and written productions of four women who have achieved prominence by writing about the Amazon: Bertha Koiffmann Becker, Betty Jane Meggers, Edna Maria Ramos de Castro and Violeta Refkalefsky Loureiro. They were located in a wider universe of the most cited agents in theses and dissertations from different areas of the social sciences at the Federal Universities of Amazonas, Maranhão and Pará. Using a variety of sources and information, we observed their investments, resources and consecrations in relation to their counterparts, who are also male university professors and spokespeople for the region.

Keywords: Intellectuals. Women. Amazonia. Region.

RESUMÉ

Ce travail s'inscrit dans l'agenda de recherche du Laboratoire d'études sur les élites politiques et culturelles (LEEPOC-UFMA), qui interroge les juxtapositions entre les domaines politique et culturel en analysant les représentations, les pratiques et les profils des agents qui se positionnent sur l'Amazonie. Dans cette thèse, nous étudions les trajectoires (sociales, culturelles et militantes) et les productions écrites de quatre femmes qui se sont illustrées en écrivant sur l'Amazonie : Bertha Koiffmann Becker, Betty Jane Meggers, Edna Maria Ramos de Castro et Violeta Refkalefsky Loureiro. Elles se situent dans un univers plus large des agents les plus cités dans les thèses et mémoires de différents domaines des sciences sociales des universités fédérales d'Amazonas, de Maranhão et de Pará. À travers une variété de sources et d'informations, nous avons observé leurs investissements, leurs ressources et leurs consécration par rapport à leurs homologues, également des professeurs d'université masculins qui sont les porte-parole de la région.

Mots clés : Intellectuels. Femmes. Amazonie. Région.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 PDA** - 1º Plano de Desenvolvimento da Amazônia
- ABL** - Academia Brasileira de Letras
- AP** - Ação Popular
- AP/PA** - Ação Popular do Pará
- AAA** - American Anthropological Association
- ASI** - Assessoria de Segurança e Informação
- ABA** - Associação Brasileira de Antropologia
- AGB** - Associação Brasileira de Geografia
- ABHO** - Associação Brasileira de História Oral
- ANPUR** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
- ANPEGE** - Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia
- BASA** - Banco da Amazônia
- BNDS** - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- CNRS** - Centre National de la Recherche Scientifique
- CDS/UnB** - Centro de Desenvolvimento Sustentável
- CPGB** - Centro de Pesquisa de Geografia do Brasil
- CPC** - Centro Popular de Cultura
- CGT** - Comando Geral dos Trabalhadores
- CEPAL** - Comissão Econômica para a América Latina
- CPT** - Comissão Pastoral da Terra
- CODEMAT** - Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso
- CFE** - Conselho Federal de Educação
- CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CPDOC** - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- EHSS** - École des Hautes Études en Sciences Sociales
- FAB** - Força Área Brasileira
- FIPAM** - Formação Internacional de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas
- FAPEAM** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas
- FAPESPA** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Pará

FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro
FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo
FGV - Fundação Getúlio Vargas
FVA - Fundação Vitória Amazônica
FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
GEAM - Grupo de Estudos Amazônicos e Ambientais
IES - Instituição de Ensino Superior
ICP - Institut Catholique D'etudes Superieures
IHEAL - Institut Des Hautes Études de l'Amérique Latine
IBAD - Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IDESP/PA - Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará
IPR - Instituto de Pesquisas Rodoviárias
IFPA - Instituto Federal do Pará
IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IRB - Instituto Rio Branco
JCF - Juventude Católica Feminina
JEC - Juventude Estudantil Católica
JECF - Juventude Estudantil Católica Feminina
JUC - Juventude Universidade Católica
LAGET - Laboratório de Gestão do Território
LBA - Large Scale Biosphere Atmosphere Experiment In The Amazon
LDB - Lei de Diretrizes e Bases
MIT - Massachusetts Institute of Technology
MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia
MPEG - Museu Paraense Emílio Goeldi
NSF - National Science Foundation
NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
OAB/PA - Ordem dos Advogados do Brasil do Pará
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PQ – Bolsas de produtividade em pesquisa

PT - Partido dos Trabalhadores

PAS - Plano da Amazônia Sustentável

PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PPGCS/UFPA - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFPA

PPGDSTU/NAEA - Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico úmido

PDTSA - Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia

PPGD - Programa de Pós-Graduação em Direito

PPGSA/IFCH - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia

PRONAPABA - Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica

PRONAPA - Projeto Nacional de Pesquisa de Arqueológica

PNCSA - Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

REDOR N/NE - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulher e Gênero

SEDUC/PA - Secretaria de Educação do Pará

SNI - Serviço Nacional de Informações

SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia

SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SUDAM - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

UAP - União Acadêmica Paraense

UGI - União Geográfica Internacional

UNE - União Nacional dos Estudantes

UNCRD - United Nations Centre for Regional Development

UPenn - Universidade da Pensilvânia

UNICAMP - Universidade de Campinas

USP - Universidade de São Paulo

UB - Universidade do Brasil

UNESP - Universidade do Estado de São Paulo

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

UFF - Universidade Federal Fluminense

USAID - U.S. Agency for International Development

ZEE - Zoneamento Ecológico-Econômico

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Betty Meggers e alguns dos participantes do PRONAPA para o Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos, na UFPR em 1964

Imagem 2: Livros didáticos publicados por Violeta Loureiro

Imagem 3: Livro “Amazônia” de Bertha Becker

Imagem 4: Programação do III Simpósio sobre o pensamento de Bertha Becker

Imagem 5: Livros organizados por Edna Castro e publicados pelo NAEA

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Local de nascimento e origem social dos(as) agentes

Quadro 2: Formação Escolar dos(as) agentes

Quadro 3: Principais inscrições profissionais

Quadro 4: Produção escrita e projetos sobre a “região”

Quadro 5: Inscrições políticas e culturais dos(as) agentes

Quadro 6: Honorarias recebidas pelas(os) agentes

Quadro 7: Formação escolar das agentes

Quadro 8: Inscrições políticas e culturais e inserções profissionais das agentes

Quadro 9: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Betty Meggers

Quadro 10: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Bertha Becker

Quadro 11: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Violeta Loureiro

Quadro 12: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Edna Castro

Quadro 13: Honorarias concedidas à Betty Meggers

Quadro 14: Honorarias concedidas à Bertha Becker

Quadro 15: Honorarias concedidas à Violeta Loureiro

Quadro 16: Honorarias concedidas à Edna Castro

Quadro 17: Teses e dissertações em que são mencionadas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 INTELLECTUAIS PORTA-VOZES DA “REGIÃO”: ORIGENS, RECURSOS E A ATUAÇÃO EM “NOME” DA “AMAZÔNIA”.....	30
2 OS PERFIS SOCIAIS, CULTURAIS E MILITANTES DAS PORTA-VOZES DA “AMAZÔNIA”.....	61
2.1. Betty Meggers e “pioneirismo” em pesquisas arqueológicas na “Amazônia”	62
2.2 Bertha Becker: A “cientista” da “Amazônia”.....	71
2.3 Violeta Loureiro: em “nome” da educação na “Amazônia”	83
2.4 Edna Castro e a trajetória de militância na “Amazônia”	92
2.5 As divergências e convergências entre os perfis das pesquisadoras da “região” .	105
3 A PRODUÇÃO ESCRITA SOBRE A “REGIÃO” E A CONSAGRAÇÃO DAS PORTA-VOZES DA “AMAZÔNIA”	113
3.1 A produção escrita sobre a “região” e suas apropriações	117
3.2 As homenagens e consagração das “intérpretes” da “Amazônia”	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS.....	157
FONTES	165

INTRODUÇÃO

A presente dissertação analisa os perfis, posicionamentos e as produções escritas de quatro mulheres, que conquistaram destaque ao escreverem sobre a “Amazônia”: Bertha Koiffmann Becker, Betty Jane Meggers, Edna Maria Ramos de Castro e Violeta Refkalefsky Loureiro. Elas foram localizadas em um universo de dez agentes, igualmente professores universitários, identificados na monografia de conclusão do curso de ciências sociais como referências centrais aos trabalhos sobre a “Amazônia”.

O trabalho de conclusão de curso foi realizado a partir do desenvolvimento do plano de trabalho associado ao projeto de pesquisa “Representações e usos da Amazônia: o trabalho intelectual e político de produção da região por parlamentares brasileiros”, coordenado pelos professores Igor Gastal Grill e Eliana Tavares dos Reis, com o objetivo de investigar:

as condições e os condicionantes de exercício do trabalho político e intelectual de agentes que conquistaram posições no topo da hierarquia política no âmbito nacional e que, em algum momento da sua trajetória, produziram textos (principalmente publicados em livros), de diferentes gêneros, nos quais explicitaram concepções sobre a denominada ‘região amazônica’ (GRILL, 2018).

Seguimos essas diretrizes e a agenda de pesquisas do Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC/UFMA) sobre as justaposições entre os domínios políticos e culturais, para examinar as interferências da atuação política no trabalho intelectual de professores e pesquisadores, que não necessariamente ocuparam cargos políticos, mas se dedicam a entender e intervir na “realidade amazônica”.

O mapeamento de dissertações e teses, defendidas nas diferentes áreas das ciências sociais das Universidades Federais do Amazonas (UFAM), do Maranhão (UFMA) e do Pará (UFPA), resultou em um banco de dados com 65 produções encontradas nos repositórios dessas universidades. A partir delas foram identificadas algumas regularidades como a área de atuação mais frequente de pesquisa (a Antropologia), a incidência de períodos (o ano de 2013), as principais questões atinentes à “região amazônica” (como conflitos socioambientais; produção econômica; desenvolvimento; povos indígenas; religião e literatura) e as principais referências mobilizadas para se pensar a “região”. Essas informações foram cruciais para a compreensão das intersecções entre atividade intelectual e política feita principalmente através da análise dos perfis e a produção escrita desses agentes recorrentemente citados.

Constatamos que todas/os as/os dez agentes estudadas/os foram docentes de diversas universidades tanto do Brasil como do exterior e apresentam um certo investimento em suas

carreiras acadêmicas desde a graduação, obtendo titulações de mestrado e doutorado, bem como estão inseridas/os em Academia Brasileira de Letras, Instituto Histórico Geográfico e Academia Brasileira de Ciências. Elas/eles detêm uma vasta produção de livros, artigos, pesquisas e projetos refletida nos mais diversos temas sobre a “Amazônia”: religião, formação social, desenvolvimento, geopolítica, campesinato são alguns deles, e confluem com os temas mais mencionados nas 65 produções localizadas. Algumas/alguns tiveram inserções em movimentos sociais e estudantis durante a formação escolar e graduação, além de elaborarem trabalhos técnicos para governos e prefeituras (CARNEIRO, 2021). Esses aspectos corroboram as preponderâncias de uma justaposição entre lógicas e papéis intelectuais e políticos, já ressaltados por Pécaut (1990), Coradini (2003) e Grill e Reis (2016).

Ao analisar essas/esses agentes e produções consagrados em domínios acadêmicos, observou-se que as agentes – Bertha Becker, Betty Meggers, Edna Castro e Violeta Loureiro – estão entre os mais recorrentemente citadas no meio acadêmico e em outros domínios de atuação de porta-vozes da “região” e causas associadas. Assim como os outros seis agentes do universo pesquisado, distinguiram-se por suas contribuições à “Amazônia”, estando em posições bem situadas no domínio cultural e produzindo sobre as mais distintas temáticas como “território”, “arqueologia”, “conflitos socioambientais”, “fronteira”. Suas pesquisas também auxiliaram na criação de políticas públicas para a “região”, chegando, inclusive, a assumir cargos em secretarias e ministérios.

O que nos levou a considerar o peso das injunções de gênero para esses casos e a retomarmos e analisarmos os aspectos relacionados aos perfis sociais, culturais e políticos dessas mulheres em relação ao universo mais amplo de agentes para tentar entender quem elas são. Indagando também sobre: quais são seus investimentos sociais, políticos e culturais? O que está na base das condições de afirmação de “mulheres” “porta-vozes” da “região amazônica”? Quais as proximidades e distanciamentos em relação aos seus homólogos de gênero oposto?

Desse modo, tomamos como ponto de partida a abordagem teórica de Pierre Bourdieu, que fornece as ferramentas sociológicas necessárias para refletir sobre os perfis, produção e apropriação de autoras se envolvidas nas disputas pela “região”. Por conseguinte, a inspiração no esquema analítico proposto por Bourdieu para compreender os fenômenos sociais através do caráter processual e relacional, utilizando o conceito de “campo”, nos leva também a refletir sobre seus limites e a considerar a própria dinâmica das configurações históricas e sociais que as agentes analisadas nesta pesquisa fazem parte. Isso porque os “campos” são universos dotados de relativa autonomia e pautados por princípios de legitimação próprios, onde a posição

social dos agentes é identificada pela diferenciação e distribuição de suas propriedades sociais, como no caso do contexto francês, por exemplo, analisado por Sapiro (2012).

A autora tratou das formas de engajamento e de intervenção política dos “intelectuais”. Seguindo três fatores estruturantes do campo intelectual: o capital simbólico que possuem os agentes, a autonomia em relação à demanda política externa e o grau de especialização de suas atividades. Com base nesses elementos, surgiram alguns modelos de intervenção intelectual na França em que o campo intelectual abrange um “universo onde enfrentam-se indivíduos e grupos de diferentes campos, político, sindical, midiático, acadêmico, literário e etc. numa luta pela imposição da visão legítima do mundo social” (SAPIRO, 2012, p. 21).

Em certas configurações históricas e sociais, essas dinâmicas ganham outros contornos, “quando se leva em consideração oposições do tipo centro/periferia, em que as relações envolvem agentes, práticas e universos díspares, alcançando, inclusive, a adoção e a utilização de esquemas de análise nas ciências sociais” (CORADINI e REIS, 2012, p. 10). Alguns autores retratam diretamente a dinâmica dessas configurações mais “periféricas” e a constituição de uma elite intelectual e política atuante nesses lugares.

Como no caso de Sigal (2012), que, em seus estudos sobre intelectuais e a política na Argentina, refletiu sobre a imbricação entre as duas esferas, demonstrando como ocorreram os investimentos no processo de intervenção política. Segundo ela, nas condições periféricas:

Convém, pois, delimitar nossa zona de observação explicitando nosso objeto: mais que a evolução ou natureza das ideias, interessam-nos, por um lado, discursos e práticas que se apoiam na posse de um saber para legitimar pretensões de intervenção na esfera política. Assim, não consideramos os intelectuais enquanto criadores, educadores ou profissionais, mas como produtores e agentes de circulação de noções comuns, concernentes à ordem social (SIGAL, 2012, p.56).

Por sua vez, Pécaut (1990), ao analisar a atuação dos “intelectuais” brasileiros de diferentes gerações, observou a constituição do papel desempenhado por eles em determinados períodos históricos. A geração de 1925-1940, por exemplo, demonstrou preocupação na formulação de uma “identidade nacional”, e ao se alçarem como “porta-vozes” da “nação” criaram mitos que unificaram o país. Enquanto a geração de 1954-1964, defendendo seus interesses, deu ênfase no combate as ameaças externas ligadas ao “imperialismo”.

A posição estabelecida por esses “intelectuais” permitiu que circulassem tanto entre o “povo” quanto entre a “elite”, já que eram legitimados pelo papel político que possibilitava essa circulação, mesclando também suas lutas no espaço de produção cultural com as atribuições relacionadas aos destinos de seus países (PÉCAUT, 1990). Como apontado por Pécaut (1990):

De maneira geral, o papel legítimo do intelectual no Brasil favorece que ele possa: ser elite, quando necessário, ou povo quando precisarem. Mobilizando, segundo a transição possível graças ao hiato entre o social e o político, se erigir como mediadores indispensáveis, substituindo as classes - visto que, melhor que elas mesmas, conhecem seus interesses profundos - e colocando-se na posição do poder, pois, tanto quanto este, se projetam acima do social (PÉCAUT,1990, p.9).

Nesse sentido, as relações entre os agentes não estão necessariamente limitadas por fronteiras rígidas entre esferas sociais, mas emergem de amalgamentos de lógicas e domínios de pertencimentos e trânsitos dos agentes neles envolvidos (GRILL e REIS, 2018; 2016). As relações pessoalizadas e o monopólio personificado de determinados atributos, bem como origens sociais e títulos escolares raros, contribuem para ocupação de posições na hierarquia social e são trunfos utilizados por esses porta-vozes nos espaços do poder no Brasil, como Grill e Reis (2018) apontam:

O primeiro é a relevância das relações pessoalizadas e seu caráter estruturante da dimensão mais vasta do ordenamento tanto social como político, tornando mais fluídos os limites entre o que é formal ou informalmente considerado como da ordem da “política”, da “intelectualidade”, da “religião”, e assim por diante, bem como são menos nítidas as distinções entre interações regidas por lógicas institucionais e pessoais. O segundo é que a monopolização personificada e a ativação de determinados recursos que efetivamente contam (principalmente de origens sociais, títulos escolares e redes de relações) colaboram para a ocupação das posições as mais bem alocadas na hierarquia social como um todo e naquelas posições equivalentes nos domínios específicos (GRILL e REIS, 2018, p. 192-193).

Para assimilar as dinâmicas sociais com diferentes níveis de institucionalização e autonomização, a ideia de *domínio*, proposta por Grill e Reis (2016), é direcionada ao exame de meios específicos, visando compreender universos sociais que possuem “atribuições próprias monopolizadas, com condicionantes operantes para especialização de papéis” (p. 21)”. Ou seja, ela permite:

indicar circunstâncias nas quais não é possível pressupor elevados graus de institucionalização ou de autonomização. O que não significa dizer que não sejam circunscritões delimitadas por injunções legítimas, nas quais atuam agentes portadores de características e trunfos variados de autoridade, que os habilitam a circular entre elas e a produzir e impor representações sobre a vida social (GRILL e REIS, 2016, p. 21).

Para isso, a ideia de *domínio* pode ser operacionalizada por meio de duas estratégias metodológicas:

A primeira diz respeito à possibilidade de circunscrever dimensões da vida social (como a da política, da religião, do direito, da ciência, etc.) erguidas conforme caracterizou Coradini (2012: 69), na “superposição integrada” de lógicas e práticas,

isto é, que não estão encerradas em esferas autônomas, mesmo em situações de relativa especialização de papéis. A segunda é a de permitir delimitar âmbitos de atuação e/ou causas disputadas a partir dos seus protagonistas, credenciados justamente pelo pertencimento/vínculo multidimensional e pelos papéis que conseguem assumir junto com a *multiposicionalidade* em distintos meios” (REIS e GRILL, 2015; GRILL e REIS, 2016, p. 23).

As *justaposições* entre *lógicas e domínios sociais* se verificam na viabilidade dos agentes utilizarem diferentes recursos de luta, além da possibilidade de desempenhar em diferentes papéis e acumularem *multinotabilidades*. Assim, a ideia de *multinotabilidades* indica a capacidade que esses intérpretes possuem de transitarem tanto por domínios culturais como políticos, conquistando posições notabilizadas (GRILL e REIS, 2015). Como exposto pelos pesquisadores:

é possível detectar os múltiplos recursos tanto materiais como simbólicos, sendo eles mais ou menos institucionalizados, personificados por agentes que adquirem notoriedade e legitimidade para definir e agir sobre o mundo social. Compreendendo como, por esse intermédio, alcançam posições (de) notáveis nas hierarquias de domínios específicos e na do espaço social mais amplo, ou seja, desfrutam de *multinotabilidades* (GRILL e REIS, 2016, p. 23).

Como intérpretes da “região”, as agentes analisadas nesta dissertação estão vinculadas aos embates visando a produção e imposição de visões e de princípios de divisão do mundo social. O que inclui tanto a participação nas formulações da “região”, quanto as definições da “identidade regional”. Assim, participam da produção e reprodução das representações objetivadas através de símbolos e das representações mentais, isto é, de conhecimento e reconhecimento nos quais os agentes investem seus interesses (BOURDIEU, 1989). Como *porta-vozes* autorizadas falam em nome do “grupo”, e concentram recursos simbólicos, assim conseguem agir em nome de segmentos diversos, reforçando suas atribuições (BOURDIEU, 2020).

Nesse sentido, as universidades aparecem como um lugar profícuo para agentes monopolizarem oportunidades de poder político e cultural, graças às suas inscrições no espaço por excelência da reprodução da cultura legítima e das completências intelectuais (REIS e GRILL, 2015). Além disso, outros aspectos devem ser acrescentados, para os casos dos professores(as) universitários(as), no caso do Brasil. Dentre eles, segundo Coradini (2018), há uma maior dependência dos centros internacionais e do poder “político”, tanto em suas hierarquizações quanto na segmentação e legitimação das carreiras.

O peso e as modalidades dessas relações dependem das condições específicas de cada segmento. No entanto, não se trata apenas dos(as) professores(as) universitários(as) enquanto

categoria ocupacional e da relação com centros internacionais, nem de todos os seguimentos, mas sim aqueles(as) diretamente envolvidos(as) com atividades de pesquisa e ainda mais com gestão de organismos universitários e públicos em geral.

Nessas condições, aspectos como a divisão do trabalho e a hierarquização dos diferentes tipos de atividades interligadas com o cargo de professores de ensino superior vão estar subordinadas a uma espécie de *spoil system*, ao qual as atividades e os cargos que são de alguma forma associadas à gestão e à política vão estar situadas no topo (CORADINI, 2018). Para o autor:

Como nesse meio as relações com a política são decisivas, particularmente nos níveis hierarquicamente mais elevados do espaço escolar, conjuntamente com as atividades de pesquisa, numa espécie de causação circular, as referências internacionais também são decisivas como recurso de legitimação para a ocupação de cargos de gestão em burocracias universitárias ou governamentais em geral (CORADINI, 2018, p. 199).

Assim, “o crescimento da segmentação está associado com as relações das diferentes atividades com as respectivas posições, recursos sociais e institucionais de seus responsáveis e com as políticas e recursos oficiais” (IDEM, p. 199). No caso das ciências sociais, tais elementos se interligam com seu próprio uso, concepção e expansão. Um dos principais efeitos disso, é a tentativa de uso de alguns dos seus resultados, ou seja, no uso instrumentalizado das ciências sociais como tomada de posição ou a serviço de algum problema “prático” como a serviço da “educação” ou ainda interligado a princípios morais, como a questão da “cidadania”, da “democracia” ou da “sustentabilidade” (CORADINI, 2018).

E, ainda, adquire novos contornos quando se leva em conta a diversidade de recursos e princípios de legitimação do espaço escolar. Dentre os recém doutores em Sociologia e o ingresso na condição de professor de ensino superior, analisados por Coradini (2011), por exemplo, o autor evidenciou que no Brasil, entra pauta tanto a concorrência entre capital escolar e títulos, como também o peso das relações sociais, elementos complementares para a hierarquização social e acadêmica.

No caso dos professores de Direito, Fabiano Engelmann (2012) destacou que a profissionalização da atividade foi fortalecida a partir da década de 1990, com as mudanças das exigências dos cursos jurídicos pelo Ministério da Educação e com a expansão do ensino privado tanto da graduação, quanto da pós-graduação. Esses aspectos desencadearam a valorização dos títulos universitários e o ensino passou a ser uma das atividades principais dos bacharéis em Direito.

Como consequência direta dessa ampliação, houve uma maior valorização da qualificação no exterior. O uso desse recurso somado ao título de doutor, aos contatos acadêmicos obtidos em outros países e somado à “apreensão e domínio das regras do jogo institucional das instâncias reguladoras, fez com que grupos de docentes alcançassem o topo da carreira acadêmica” (ENGELMANN, 2012, p. 495).

Além do acúmulo de trunfos e recursos decorrentes das titulações e das idas ao exterior, a mediação cultural faz parte das estratégias de constituição e legitimação de determinados grupos e são empreendidas no interior de diferentes domínios da sociedade, como a intelectual e a acadêmico-científica (SEILD, 2020).

Nesse contexto, Ernesto Seild (2020) concentra-se em evidenciar o trabalho de mediação realizado por um conjunto de agentes que combinaram recursos provenientes de suas carreiras religiosas e acadêmico-intelectuais. Ele analisa as relações entre a imigração e a colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul e a emergência de agentes católicos que se especializaram em atividades de celebração da “história”, da “cultura” e da “memória” daqueles grupos. Assim, identificou que eles utilizam uma série de recursos de luta acessados através do pertencimento a uma instituição com posição dominante, a Igreja Católica; mobilizam as identificações étnicas para legitimação de suas posições ocupadas e utilizam outros instrumentos simbólicos, como publicações, homenagens, editoras, etc. A mobilização dessas recursos garante seus lugares de intérpretes, produtores da heroização da história dos imigrantes, assim como formam uma matriz de referência comum (SEILD, 2020).

Devemos levar em conta que a análise de agentes que fazem parte desses domínios políticos culturais, envolve não apenas a imposição dos dominantes sob os dominados, mas a existência de interesses de todos os tipos e de diferentes estratégias de imposição e de subversão que colocam os agentes em posições favorecidas ou desfavorecidas, conforme a dinâmica examinada e os objetos disputados (REIS, 2013; 2014).

Nesse sentido, as pesquisadoras que propomos estudar além de participarem das disputas sobre a construção da “região”, ocupam posições relativamente dominantes no exercício de papéis intelectuais e estão envolvidas com o domínio político, o que nos leva, com alguns limites, a abarcar discussões de gênero nesses domínios.

Ao realizar esse tipo de estudo que envolva “mulheres”, “gênero”, etc., há uma série de armadilhas que podem surgir, como aquelas relacionadas aos papéis que as agentes desempenham como docentes, pesquisadoras e militantes. No entanto, tais considerações não devem levar a:

essencializar marcadores sociais de gênero e muito menos encapsular as trajetórias das mulheres reais sob o feixe anêmico de uma suposta condição comum de sujeição. O que se pretende é pôr em relação trajetórias, carreiras, parcerias, constrangimentos e recursos alocados em espaços sociais específicos, como são os campos de produção cultural, marcados eles mesmos por clivagens internas de gênero, que replicam com conteúdos específicos as clivagens decorrentes da maior ou menor proximidade que mantêm com o campo político (PONTES, 2008, p. 535).

Além disso, outros problemas podem surgir, como aqueles relacionados às suspeitas de traição, parcialidade e afins que podem emergir ao fazer pesquisas sobre “mulheres”. Uma das formas de escapar desses obstáculos é “tomar como objeto o sistema e a sistematização das questões que orientam o conjunto de estratégias dos grupos e agentes envolvidos, sem esquecer que o pesquisador [e a pesquisadora] faz parte do sistema que ele mesmo é interessado” (LAGRAVE, 2020, p. 20). Para não incorrer em armadilhas essencialistas, como apontam Reis e Barreira (2020), é necessário:

atentar que as ‘relações de gênero’ sempre carregam ressonâncias e atualizam os modelos (elementares) de classificação, quer dizer, formas de avaliar, sentir e agir. O grande desafio se torna, portanto, relativizar os entroncamentos prévios, buscando condicionamentos, momentos e situações nos quais as classificações operam e produzem efeitos no conjunto das lutas sociais, incluindo as formas de reconhecimento (REIS e BARREIRA, 2020, p. 11).

Assim como os desafios de considerar os condicionantes e as condições que interferem na afirmação de mulheres em determinados *domínios* sociais e como isso pode se relacionar a concepções de trabalho intelectual e a defesa de causas legítimas. Seguimos a orientação da importância de averiguar o peso da aplicação de meios, bens, oportunidades, gerações, formações, formulações, etc. na:

(re) configuração de alocações e posicionamentos assumidos por mulheres, em certos momentos e espaços sociais, [e como] estimulam a formulação de novas interrogações sobre as condições e atributos favoráveis ou adversos às aquisições e agenciamentos de uma ‘dupla e indissociável arte de representação’ em que determinadas/os agentes, investidas de insígnias e posições estatutárias certificadoras de suas tomadas de posição falam em nome (no lugar ou representativas) de categorias ou causas coletivas (REIS e BARREIRA, 2020, p. 11).

E ainda, devemos nos atentar para as contribuições de Norbert Elias (1985), ao apontar como a *balança de poder* entre os sexos se constitui de forma instável, sendo reconfigurada de acordo os processos sócio-históricos. Dentre os aspectos que possibilitam essas variações, encontram-se aqueles relacionados ao controle da violência e dos impulsos, mudanças nos padrões de comportamento, nas condutas morais e costumes. Assim, é possível observar os graus e matizes nos diferenciais de poder entre homens e mulheres, segundo os quais Bourdieu

(2020) destaca que essa relação é constituída socialmente por um sistema de oposições incorporadas de forma inconsciente, as estruturas históricas da ordem masculina:

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas. (...) Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente concordes para se sustentarem mutuamente, no jogo e pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobredeterminação pelas harmonias, conotações e correspondências (BOURDIEU, 2020, p. 21).

Conforme proposto por Joan Scott (1990), a categoria “gênero” possibilita a problematização das proposições relacionadas aos conceitos normativos, que afirmam de maneira categórica, o significado do “homem” e “mulher”, do “masculino” e “feminino”. Para ela, essas ideias fixas devem ser rompidas e um debate político deve ser inserido nos estudos. A autora é uma importante referência na definição de “gênero”, como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 86). Diante disso, a categoria estaria ligada não somente ao parentesco, mas também à economia, à política e à estrutura da organização concreta e simbólica da vida social (IDEM).

Outras problematizações devem ser feitas quando se trata de abordar categorias como “mulher”, “gênero”, “feminino”. Nesse caso, alguns esclarecimentos são necessários:

o primeiro [é] de que a mobilização dessas categorias pode expressar princípios de reprodução, formas de identificação ou dispositivos estratégicos de luta (que podem emergir de forma dissociada e/ou imbricada, conforme o perfil). E o segundo [é] de que não há uma relação imediata entre referências à condição feminina, de mulher ou de gênero e a persistência ou o combate a formas de reprodução de relações e lógicas de dominação; do mesmo modo, a ausência desses termos nas tomadas de posição não significa, diretamente, submissão e entrave à busca de equilíbrio da balança de poder (REIS, 2014, p. 249).

Vários estudos têm sido produzidos sobre a inserção e a atuação de “mulheres” em domínios políticos e culturais, atentando para a configuração dos espaços, recursos e investimentos. Mesmo que outras interrogações emergem do enfoque que propomos, tais dimensões sublinham a multidimensionalidade das inscrições e das possibilidades ou limites às conquistas de posições e aos posicionamentos assumidos pelas protagonistas.

No domínio político, Reis (2014), aponta a raridade dos oito perfis analisados de mulheres parlamentares pertencentes a uma elite política, que alcançaram o topo da hierarquia

política com seus recursos culturais e simbólicos. Desde a entrada na política, acumularam multinotabilidades e desfrutaram das bases institucionais disponibilizadas pelos partidos políticos, transitaram entre distintos domínios, como o midiático e o cultural, reuniram identificações e estratégias que possibilitaram o ganho de espaço na política. Mesmo produzindo efeitos subversivos, não conseguiram fugir dos constrangimentos relativos ao jogo político e das relações de gênero.

De modo semelhante, Altmann (2020) ressalta o processo de diversificação das bases de recrutamento de “mulheres” em domínios políticos e revela os recursos detidos por elas, como os trunfos relativos à herança familiar na política, somado a outros, como aqueles oriundos das organizações militantes e sindicais. A análise dos trajetos de parlamentares evidencia os itinerários de engajamento social e de profissionalização política, constantemente gerados e atualizados a partir das inscrições familiares. Quanto aos recursos escolares, este aparece como um trunfo menos dependente aos processos de seleção dos partidos políticos. A posse elevada de diplomas para esses casos, se distribuiu de maneira equilibrada entre os partidos ao longo das décadas.

Cabe mencionar, ainda, as pesquisas com ênfase no trabalho de produção de bens culturais e simbólicos, como o Pontes (2008), de Reis (2020) e Reis, Machado e Garcês (2020). Pontes (2008), ao analisar as inflexões de gênero no domínio cultural brasileiro entre 1920 e 1960, enfatiza a trajetória social de três mulheres de distintas gerações que atuavam como críticas literárias e ensaístas. A escolha das agentes não foi fortuita, elas não se enquadram no critério da representatividade, foram mulheres que estiveram inseridas e inauguraram novas modalidades de inserção e atuação no domínio da cultura, em paralelo às tensões e constrangimentos que as cercavam em meio às relações de gênero.

Vivendo nos dois maiores centros culturais do país, as presenças delas são inseparáveis das parcerias conjugais que estabeleceram ao longo da vida, transitando por distintos domínios de produção da cultura. Mesmo inseridas em espaço marcadamente masculino e envolvidas nas discussões de gênero, a escolarização elevada e as relações sociais construídas com a atividade cultural, firmaram suas autoridades artísticas em domínios de atuação bem menos cultos, escolarizados e mais abertos à presença feminina.

Reis (2020) identifica os recursos e investimentos culturais de parlamentares com colaborações e participações no trabalho de produção e reprodução de representações do mundo social, como livros de confissões políticas publicados por mulheres com atuação política, que se destacam por seus trabalhos de escrita e construção de identificações (REIS, 2020). Enquanto

Reis, Machado e Garcês (2020), retratam perfis de agentes que ocupam posição de relativo destaque como porta-vozes da “cultura” do Maranhão. As autoras procuram descrever as modalidades de inscrição e a identificação de sentidos que são atribuídos as “questões” que essas “mulheres” são interpeladas. A discussão aponta que determinadas lógicas e práticas podem funcionar como injunções e acabam por reproduzir os modos tradicionais de dominação, somado a isto, estão as possibilidades de subversão que se relacionam ao gênero.

O que converge com a importância das intervenções militantes reconstituídas por Déborah Arruda (2021), que analisa a trajetória de Mundinha Araújo, que apresenta uma trajetória de engajamento militante no Centro de Cultura Negra do Maranhão. Suas inserções e investimentos intelectuais somam-se aos engajamentos e produções, cruciais para seus posicionamentos e posições como “porta-voz” e intérprete da “cultura negra”. A análise demonstra que foi no período da chamada redemocratização que ocorreu o acirramento de lutas em torno de questões específicas, como as que envolvem o movimento feminista e o tensionamento nos debates por parte das mulheres negras, evocando a importância do aprofundamento em questões relacionadas ao gênero, raça e classe.

Essa agenda de pesquisas colabora para a análise das intervenções de mulheres em domínios políticos e culturais e seus impactos na produção de bens simbólicos. Além disso, percebemos a importância de estudar condicionantes e condições que configuram a afirmação de mulheres em determinados domínios sociais e como isso pode se relacionar a concepções de trabalho intelectual e a defesa de causas legítimas.

Através do estudo dos perfis, apropriações e produção escrita das agentes, que constam como referências nas formulações intelectuais dedicadas à construção da ideia de “região amazônica” em diferentes períodos, possibilita-se compreender as práticas de diferenciação, hierarquização de gênero e relações de poder que perpassam nas disputas entre os porta-vozes da “Amazônia”. Além de apreender o lugar das mulheres nesses domínios de concorrência e, suas contribuições na formulação e definição de questões relacionadas à “região”.

A operacionalização da pesquisa foi feita através da sistematização dos dados (local de nascimento, profissão dos pais, escola em que estudaram, graduação, pós-graduação, inscrições culturais e políticas etc.) utilizando a construção de quadros sinópticos, pois, permite que os dados sejam analisados tanto individual quanto coletivamente.

Evitamos o uso de uma posição consagrada das características biográficas das agentes. Por isso, consideramos as posições e tomadas de posições delas assim como as configurações históricas em que estão inseridas e as bases de legitimidade que são articuladas no decorrer de

suas trajetórias. Para a construção dos perfis das agentes, precisamos superar o obstáculo epistemológico da ilusão biográfica, isto é, de considerar a trajetória dos agentes como uma história linear, construída na seleção de fatos sucessivos, “sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio” (BOURDIEU, 1996, p. 189). Nesse contexto, devemos considerar os acontecimentos biográficos junto ao momento em que ele se desenvolveu, relacionando-os ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo espaço (IDEM).

Na sequência, apreendemos dados relacionados às suas origens sociais e início de carreira obtidos na Plataforma Lattes, depoimentos e entrevistas com as agentes, já realizadas para revistas eletrônicas, encontradas em plataformas de mídia como as do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Youtube, além de blogs e jornais. No caso de Bertha Becker, a agente detém um blog onde constam um copilado de entrevistas, informações sobre sua carreira acadêmica, honrarias, eventos sobre o pensamento da agente, dentre outras informações (<http://berthabecker.blogspot.com/>).

A Plataforma Lattes foi uma fonte reveladora das relações que as agentes estabeleceram em diferentes dimensões de suas carreiras (socialização profissional, cargos de administração, produção científica, honrarias, etc.) e instrumento para apreender os princípios de hierarquização e legitimidade vigente nos diferentes domínios de conhecimento. Nesse sentido, é preciso levar em consideração a variação de sentidos que as agentes dão aos itens preenchidos, as informações pré-definidas e os campos de preenchimento obrigatório, que variam dependendo do perfil analisado e do tipo de dados que os agentes estudados desejam exibir (ALMEIDA *et al.*, 2012). No caso das agentes, apenas Betty Meggers detém o currículo preenchido com poucas informações em relação aos outros analisados, a última atualização na Plataforma foi realizada em 18 de maio de 2000.

Também houve algumas tentativas de entrevistas com as agentes Edna Castro e Violeta Loureiro tanto via e-mail, quanto por telefone. No caso da primeira, apesar de ter respondido alguns e-mails, não foi possível entrevistá-la. Quanto à segunda, além de ter respondido os e-mails, também conversamos por telefone, onde falou brevemente sobre seus estudos da “região amazônica”. Ela inclusive chegou a enviar um de seus livros intitulado “Amazônia Colônia do Brasil”, onde conta o início do interesse em suas pesquisas sobre a “região”. Já Betty Meggers e Bertha Becker faleceram respectivamente em 2012 e 2013.

Para além das informações sobre as propriedades sociais, culturais e políticas das agentes foi feita a localização de suas produções intelectuais sobre a “Amazônia”. A

especialização de temas sobre a “região”, o exame e recepção de seus escritos e formulações, também foram considerados para a compreensão das estratégias utilizadas para a consolidação enquanto “porta-vozes” da “Amazônia”. Foram levadas em conta as ligações entre suas inscrições familiares, em espaços de militância, em grupos de pesquisa, suas carreiras enquanto pesquisadoras e as formas de representação sobre a “região amazônica” que produziram, assim como as percepções e avaliações da questão de “gênero” nesses domínios.

O que nos levou a estruturar este trabalho em três capítulos. No primeiro, seguindo uma perspectiva relacional, processual e disposicional, apreendemos as semelhanças e as discrepâncias das agentes em relação aos seus homólogos, compreendendo o que está na base de sua autoridade enquanto intérpretes da “região”. Para isso, buscamos retomar o universo mais amplo do qual as agentes fazem parte, relacionando as propriedades políticas, culturais e sociais em relação aos agentes. São retratadas especificamente 1) as origens sociais, bem como a origem geográfica e a profissão dos pais; 2) a formação escolar (graduação, mestrado e pós-doutorado) com seus respectivos períodos e instituições; 3) as inscrições culturais e políticas; 4) a atuação profissional, sobretudo as vinculações com instituições de ensino e pesquisa; 5) a produção acadêmica (como livros e projetos), considerando os períodos, temáticas e agências financiadoras); 6) as honorárias recebidas.

Seguindo uma ordem etária, no segundo capítulo, retomamos os perfis sociais, culturais e militantes das agentes, e, por esse intermédio entendemos as condições e condicionantes que envolvem a presença de mulheres que contribuem na formulação e definição de questões relacionadas à “Amazônia”. Nesse sentido, examinamos as origens; formações; matrimônios; início das carreiras; inscrições culturais e militantes, o que inclui tanto a participação em instâncias de consagração intelectual e associações profissionais, quanto o envolvimento com movimentos estudantis, movimentos sociais e as “causas” que defenderam ao longo de suas trajetórias como pela “Amazônia”, da “educação”, de “gênero”, além de outros posicionamentos. Também foram consideradas as temáticas que se dedicaram/dedicam, a atuação em congressos (como coordenação de GTs), os projetos e as publicações.

Por fim, o terceiro capítulo expõe a produção escrita e a consagração das agentes. Com o objetivo de identificar as principais representações sobre a “Amazônia” que produziram, examinamos no primeiro momento as temáticas apresentadas nos livros e artigos que elas publicaram. Optamos por destacar aqueles que fazem referência direta à “região” no título, localizamos o ano de publicação, a editora e destacamos aqueles que foram recorrentemente citados nas teses e dissertações localizadas no levantamento anterior (CARNEIRO, 2021).

Além disso, buscamos analisar os prefácios e preâmbulos de alguns dos livros (nem todos conseguimos ter acesso e alguns não tinham prefácios) para analisar as informações presentes, bem como quem escreveu e as informações descritas.

Na sequência, são destacadas as honrarias recebidas, evidenciando o tipo (medalhas, condecorações, diplomas, etc.) e a instituição que concedeu a elas esses prêmios. Atentamos para as homenagens (inclusive as realizadas após o falecimento para os casos de Bertha Becker e Betty Meggers), o que inclui quem homenageou e os discursos feitos as homenageadas, que refletem como são construídas e administradas suas imagens públicas.

1 INTELLECTUAIS PORTA-VOZES DA “REGIÃO”: ORIGENS, RECURSOS E A ATUAÇÃO EM “NOME” DA “AMAZÔNIA”

Para melhor situar os perfis das mulheres investigadas nesta dissertação, o objetivo deste capítulo é apresentar o universo mais amplo de pesquisadores/as examinados/as na pesquisa anteriormente desenvolvida. Foi a partir do trabalho feito para a monografia de graduação que identificamos as agentes que se destacaram como referências centrais em teses e dissertações sobre a “Amazônia”.

Durante o curso de graduação exploramos os repositórios dos programas de pós-graduação em ciências sociais¹ dos 9 estados que compõem a “Amazônia Legal”, em busca de teses e dissertações sobre a “região amazônica” e construímos um banco de dados com 65 produções encontradas nos repositórios da UFPA, UFAM e UFMA. Dentre outros aspectos, identificamos os(as) dez autores(as) mais referenciados(as) nesses 65 trabalhos² e analisamos os perfis e a produção escrita desses(as) intérpretes, com a finalidade de investigar suas tomadas de posição sobre a “Amazônia”.

Desse modo, localizamos as propriedades políticas, sociais e culturais desses(as) agentes, em especial, aquelas relacionadas à origem e à socialização familiar, aos investimentos militantes e profissionais ao longo da vida e ao acúmulo e produção de recursos culturais, em determinadas conjunturas (REIS e GRILL, 2017), além de produções escritas sobre a “Amazônia” com vistas a identificar as principais contribuições para a “região” que eles e elas produziram.

Nos dados analisados, observamos que esses(as) agentes investiram consistentemente em suas carreiras acadêmicas, estudando em diferentes universidades (nacionais e internacionais), adquirindo títulos como os de mestre e doutor. Além de se inscreverem em instâncias de consagração intelectual, como as Academias de Letras e Institutos Históricos e Geográficos de seus respectivos estados de atuação, participaram de diversas associações ligadas às suas áreas de especialização, como Associação Brasileira de Antropologia (ABA),

¹ No período do levantamento (2018-2019), apenas os estados do Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Roraima e Tocantins detinham universidades com essa formação. Dentro desse meio, Mato Grosso, Roraima e Tocantins, apesar de desfrutarem de Programas de pós-graduação na área das Ciências Sociais, no período do levantamento de dados, não possuíam teses e dissertações em seus repositórios ou as produções não manifestaram alguma relação com a “Amazônia”.

² Das universidades restantes (UFPA, UFMA e UFMA), somaram-se 415 teses e dissertações localizados em seus repositórios. No entanto, para fins de análise consideramos aquelas que manifestaram em algum momento no título, nas palavras-chaves, nos títulos dos capítulos ou nos resumos alguma relação com a “Amazônia”. Desse modo, em nosso banco de dados, resultaram 65 produções.

Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), bem como lecionaram em diferentes universidades, tanto do Brasil como do exterior.

Estando também inseridos(as) em *domínios* políticos, eles e elas elaboraram trabalhos técnicos para prefeituras e governos, ocuparam cargos administrativos e colaboraram com ministérios. Quanto às inscrições militantes, alguns(mas) assumiram diversas “causas” e “missões”, à exemplo do posicionamento contra a Ditadura Militar, as próprias formulações direcionadas a questões ligadas à “Amazônia” e envolvimento em movimentos sociais e estudantis durante a formação escolar, graduação e pós-graduação. Observamos que os/as agentes possuem uma consistente produção de livros, artigos, pesquisas e projetos sobre os mais diversos temas associados à “Amazônia”, como “religião”, “formação social”, “desenvolvimento”, “geopolítica”, “conflitos socioambientais” e “campesinato” (CARNEIRO, 2021).

Diante disso, é crucial retomarmos os perfis dos pesquisadores e pesquisadoras mais referenciados/as nos trabalhos sobre a “Amazônia”, principalmente para tentar examinar as posições homólogas e os distintos vínculos entre eles e as pesquisadoras analisadas, especialmente no que diz respeito às suas inserções em *domínios* culturais, políticos e militantes. Para apreender as convergências e divergências dos percursos desses/as agentes, examinamos os dados relacionados às propriedades sociais, culturais e políticas, além dos aspectos referentes à constituição das carreiras universitárias, atuação enquanto docentes e publicações sobre a “região amazônica”.

Com esses dados foi possível perceber a relevância das bases familiares, das formações escolares, dos investimentos e da inserção em *domínios* universitários e políticos, além das instâncias de consagração intelectual e das formulações intelectuais, além das “missões” e “causas” que assumem enquanto formulares de uma identidade regional (REIS e GRILL, 2020).

Consideramos particularmente importantes as estratégias escolares das famílias e os investimentos a longo prazo, que podem ser observados não apenas na dimensão econômica ou monetária, como também podem ser analisadas como estratégias familiares de formação dos agentes sociais considerados dignos e capazes de receber a herança do grupo e de retransmiti-la (BOURDIEU, 2020).

Adicionamos a isso que a posse de diplomas superiores e as inserções profissionais em universidades tendem a reforçar percepções sobre o exercício da autoridade intelectual com base, em alguma medida, no “conhecimento científico”. E, a partir disso, uma concepção das

atividades como “especialistas” de uma “cultura humanística” geral pode ser evidenciada (SEIDL, 2020).

Com base nisso, o primeiro ponto a ser destacado são os perfis dos pesquisadores do sexo masculino em relação às mulheres. Eles são seis: Alfredo Wagner de Almeida, Arthur Cézar Ferreira Reis, Eduardo Viveiros de Castro, Jean Hébette, Raymundo Heraldo Maués e Samuel Benchimol. Já elas são quatro: Bertha Koiffmann Becker, Betty Jane Meggers, Edna Maria Ramos de Castro e Violeta Refkalefsky Loureiro.

Com relação à origem geográfica desses(as) agentes, 5/10 são oriundos(as) da região norte do Brasil: 2 do Pará, 2 do Amazonas e 1 de Roraima. Apenas 3/10 vieram da região sudeste do país: 2 do Rio de Janeiro e 1 de Minas Gerais. Proveniente do exterior são: Jean Hébette, que veio da Bélgica para o Brasil em 1967, morou primeiro em Petrópolis, Rio de Janeiro, até se instalar em Belém; e Betty Meggers, oriunda dos Estados Unidos, veio ao Brasil diversas vezes para a realização de pesquisas na região da ilha de Marajó.

Outro fator investigado foi a posição social de origem localizada através da profissão dos antepassados desses(as) intérpretes, sistematizados no Quadro 1.

Quadro 1: Local de nascimento e origem social dos(as) agentes

AGENTES	LOCAL DE NASCIMENTO	ANO DE NASCIMENTO	PROFISSÃO DOS PAIS
Alfredo Wagner de Almeida	Minas Gerais	1947	Pai: engenheiro
Arthur Cézar Ferreira Reis	Amazonas	1906	Pai: jornalista, teatrólogo e deputado estadual
Bertha Koiffmann Becker	Rio de Janeiro	1930	Pai: proprietário de imóveis, diretor do Banco Israelita Brasileiro e comerciante Mãe: dona de casa e ativista
Betty Jane Meggers	Estados Unidos	1921	Pai: professor universitário e pesquisador Mãe: trabalhava no <i>Smithsonian Institution</i>
Edna Maria Ramos De Castro	Pará	-	Pai: comerciante Mãe: dentista
Eduardo Viveiros de Castro	Rio de Janeiro	1951	Pai: advogado / Mãe: formada em letras
Jean Hébette	Bélgica	1925	Pai: funcionário da Receita Federal
Raymundo Heraldo Maués	Pará	1938	Pai biológico: empresário e comerciante; Pai adotivo: produtor de cachaça; vendedor; cacheiro viajante
Samuel Benchimol	Amazonas	1923	Pai: empresário, aviador de estivas e seringalista
Violeta Refkalefsky Loureiro	Roraima	1944	Pai: explorador de diamantes

Fonte: CPDOC/Sites da internet

Examinando a origem social, observa-se a presença de agentes que possuem ascendentes atuantes em *domínios* políticos e intelectuais, com formação universitária, cargos públicos, empresariado. Alguns(mas) agentes são descendentes de pais e avôs imigrantes que se deslocaram para o Brasil, principalmente fugidos de guerras ocorridas na Europa, e iniciaram uma nova vida no país como comerciantes. Eles investiram na educação de suas/seus filhas(os) e se transferiram para os grandes centros urbanos, como Belém e Rio de Janeiro, para estudar, a exemplo de Bertha Becker, Samuel Benchimol e Violeta Loureiro. Esse(as) agentes são descendentes de judeus refugiados no Brasil devido às Grandes Guerras Mundiais e fizeram parte do fluxo migratório ao redor do mundo, que ocorreu durante os séculos XIX e XX.

Roberto Grun (2008) destaca que a imigração judaica teve fluxos contínuos a partir do final do século XIX até os anos 60 e envolveu judeus de diversas origens e *backgrounds*. Nesse período, o Brasil recebeu um grande fluxo de judeus vindo de distintos países como Marrocos, Rússia, Ucrânia, Áustria, Polônia. As razões são diversas, desde o antissemitismo crescente na Europa, pobreza, esperança de fazer fortuna, ou ainda a fuga do serviço militar, e em outros casos, as motivações foram as crises ocasionadas pelo fim do Império Czarista, da Guerra Franco-Prussiana, da Revolução Bolchevique e da desintegração do Império Austro-Húngaro (CARNEIRO, 2013; OLIVEIRA, 2022).

No Brasil, havia uma diversidade de segmentos e núcleos vivendo com distintos hábitos, tradições e costumes (OLIVEIRA, 2022). Os pais dos(as) agentes buscaram se estabelecer em diferentes partes do país para se estruturarem, como a região norte do país, principalmente pela alta do ciclo da borracha e do cacau nas cidades de Manaus e Belém, respectivamente, o pai de Samuel Benchimol que atuou como empresário e o pai de Violeta Loureiro que trabalhou como explorador de diamantes; outros preferiram as regiões sul e sudeste, onde fixaram moradia em cidades como São Paulo e o Rio de Janeiro, a exemplo dos pais de Bertha Becker.

Para Grun (2008), a constituição da comunidade judaica em uma instituição resulta do processo social que envolve a formação da identidade judaica no Brasil, ao qual os judeus brasileiros obteriam vantagens na sua identificação enquanto “judeus” e, posteriormente, como um “povo de intelectuais”, o que resulta em um facilitamento no despertar de vocações intelectuais dos membros da comunidade (p.110). Segundo o autor, em sua pesquisa realizada com imigrantes judeus que vivem no Brasil:

Quando entrevistamos membros da comunidade, mesmo distantes da vida intelectual, sempre aparece uma visão do “povo judeu como um povo de sábios e intelectuais”, de extrema funcionalidade, se pensarmos na necessidade de lidar com o eterno problema do antissemitismo. É claro que essa auto-identificação não tem

correspondência direta com as “condições de vida objetivas” da etnia no Brasil, mas ela pressiona os seus membros, abrindo espaços simbólicos importantes nas estratégias de reprodução social do grupo. O repertório “judeu é intelectual” permite aos membros das novas gerações o vislumbre e, por efeito da agregação de chances, o engajamento efetivo em profissões intelectuais, constringendo as possibilidades de argumentação dos pais/comerciantes (que normalmente iriam pressionar sua descendência no sentido de perpetuar as atividades empresariais das famílias) durante os contenciosos intergeracionais que irão decidir o futuro das famílias (GRUN, 2008, p. 122).

Nessa linha, nota-se que em entrevistas e publicações dos(as) agentes, eles e elas resgatam suas descendências, fazendo referência e/ou retomando essa ligação com seus antepassados em suas atividades intelectuais. Um exemplo disso, é o livro publicado por Samuel Benchimol intitulado “Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia”, sobre as quatro gerações de judeus estabelecidos na “região”, ao qual demonstra como o Brasil tornou-se a maior nação judaica do mundo. Já Bertha Becker destaca a influência em suas escolhas profissionais:

A ideologia teve também o seu papel. Na divisão que então se dava na comunidade de imigrantes judeus da Europa entre “sionistas” e “progressistas”, meus pais faziam parte do segundo grupo. Para os “progressistas”, a comunidade da Diáspora era tão importante quando o Estado de Israel no asseguramento da continuidade do judaísmo só possível num mundo socialmente justo. Sua proposta era, portanto, não a migração para Israel mas sim a integração/preservação, isto é, a participação plena na sociedade e no desenvolvimento dos países acolhedores, sem abdicar do seu patrimônio cultural. Esta proposta se materializou na criação de instituições culturais e assistenciais locais, particularmente escolas laicas onde se procurava transmitir os valores do judaísmo através do ensino do iídiche, língua universal, e não do hebraico. Meus pais participaram ativamente da fundação de várias instituições, e eu cursei uma dessas escolas até o terceiro ano primário. O dilema de como ocupar um espaço integrando-se com liberdade, e o papel do pioneiro na resolução desse dilema foram internalizados e transpostos para o plano acadêmico-profissional orientando não apenas os temas que privilegiei para investigação, mas sim também o núcleo do meu pensamento e de minha atuação dirigidos para a integração “no e do Brasil” através da abertura de fronteiras (BECKER, 2013, p 55).

Quanto à formação dessas(es) intérpretes e o investimento em suas carreiras profissionais (diplomas, certificações, atividades etc.), localizamos as escolas em que essas(es) agentes estudaram e identificamos os dados para 7 dos 10 casos. Dessas(es), 3/7 estudaram no Colégio Paes de Carvalho, o antigo Liceu Paraense, primeira instituição de educação pública do Pará, com uma intensa formação política e presença de movimento estudantis. É o caso de Edna Castro, Heraldo Maués e Violeta Loureiro, que se envolveram em movimentos estudantis e obtiveram contato com as disciplinas das Ciências Humanas, o que, segundo eles, foi crucial

para a escolha de suas profissões³. Do restante, 2/7 agentes estudaram no Ginásio Amazonense Pedro II, importante escola pública de Manaus. E, por fim, um estudou no Colégio Santo Inácio e o outro no Colégio Sholem Aleichem Israelita, ambas instituições localizadas no Rio de Janeiro.

Ao ingressarem na universidade, o curso mais recorrente entre as(os) agentes foi o de Ciências Sociais, no qual 4/10 deles/as se formaram, seguido do curso de Direito 2/10 e do de Antropologia 1/10. Apenas 2/10 se graduaram em mais de um curso: é o caso de Bertha Becker, que se formou tanto em História quanto em Geografia; e de Jean Hébette, que cursou Teologia e Economia.

Destacamos também a Instituição de Ensino Superior (IES) de formação dessas(es) intérpretes. Metade se formou em universidades do norte do Brasil, região na qual cresceram: 3/10 se graduaram na UFPA e 1/10 na UFAM. 2/10 estudaram na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e 2/10 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Já as(os) nascidos no exterior, Betty Meggers e Jean Hébette, ela e ele conquistaram o diploma na Universidade da Pensilvânia (UPenn) e no *Institut Catholique D'etudes Superieures* (ICP), respectivamente.

Após a graduação, a maioria dos/as agentes ingressou no mestrado (7/10) em Programas de Pós-graduação tanto do Brasil (4/7) como do exterior (3/7). A área privilegiada pela maioria foi a das Ciências Sociais (5/7), sendo 3 em Antropologia Social (dois na UFRJ e um na Universidade de Brasília (UnB) e 2 em Sociologia, 1 na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHSS/França) e 1 na Universidade de Campinas (UNICAMP/ São Paulo). Betty Meggers, que na graduação havia cursado Antropologia, se tornou mestra em Arqueologia pela Universidade de Michigan.

Com relação ao doutorado, 9 entre 10 agentes detém esse título. Sendo que 6/9 se mantiveram na área de estudo na qual realizaram anteriormente o mestrado: Antropologia Social (Alfredo Wagner de Almeida, Eduardo Viveiros de Castro e Heraldo Maués), Sociologia (Violeta Loureiro e Edna Castro) e Arqueologia (Betty Meggers). Apenas Arthur César Ferreira Reis não adquiriu um título de formação superior. No tocante às IES nas quais concluíram o doutorado, metade dos/das agentes permaneceu estudando em universidades brasileiras: 4/9 na UFRJ e 1/9 na Faculdade de Direito do Amazonas. As(o)s outras(os) 4 agentes restantes

³ Edna Castro e Heraldo Maués em entrevistas realizadas ao CPDOC, destacaram o envolvimento com o Colégio Paes de Carvalho como sendo de extrema importância para uma formação política e para seguirem em suas profissões. De forma semelhante, Violeta Loureiro afirmou em entrevista ao Memorial César Leite, a importância do colégio em sua vida profissional.

conquistaram a titulação em universidades do exterior: *Institut Des Hautes Études de l'Amérique Latine* (IHEAL), Universidade de Columbia, EHESS e ICP.

Apenas 4 de 10 têm pós-doutorado, conquistados em universidades fora do Brasil. Dentre os homens, apenas Eduardo Viveiros de Castro, que adquiriu essa formação na Universidade Paris Nanterre na área da Antropologia. Entre as mulheres, Bertha Becker em Geografia na *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Edna Castro em Sociologia na *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), e Violeta Loureiro também em Sociologia na Universidade de Columbia. As informações descritas foram sintetizadas no Quadro 2.

Quadro 2: Formação Escolar dos(as) agentes

AGENTES	GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO	PÓS-DOCTORADO
Alfredo Wagner de Almeida	Ciências Sociais / Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC)	Antropologia Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1973 – 1978)	Antropologia Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1979 – 1993)	-
Arthur César Ferreira Reis	Direito/Faculdade de Direito de Belém e Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro (1927)	-	-	-
Bertha Koiffmann Becker	Geografia e História / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1949-1952)	-	Geografia / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1970)	Geografia/ <i>Massachusetts Institute of Technology</i> (MIT/EUA) (1986)
Betty Jane Meggers	Antropologia/ Universidade da Pensilvânia (1943)	Arqueologia / Universidade de Michigan (1944)	Arqueologia / Universidade Columbia (1952)	-
Edna Maria Ramos De Castro	Ciências Sociais / Universidade Federal do Pará (UFPA) (1966-1969)	Sociologia / École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) (1977-1978)	Ciências Sociais / École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) (1979-1983)	Sociologia/ <i>Centre National de la Recherche Scientifique</i> (CNRS) (1992-1994)
Eduardo Viveiros de Castro	Ciências Sociais/ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC)	Antropologia Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1974-1977)	Antropologia Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1977-1984)	Antropologia/ Universidade Paris Nanterre (1989)
Jean Hébette	Teologia e Economia / <i>Institut Catholique D'études Supérieures</i> (ICP)/ Universidade Federal do Pará (UFPA) (1970-1973) e (1953-1954)	-	Teologia/Instituto Católico de Paris (ICP) (1955)	-
Raymundo Heraldo Maués	História/ Universidade Federal do Pará (UFPA) (1959-1962)	Antropologia Social / Universidade de Brasília (UnB) (1974-1977)	Antropologia Social/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1981 – 1987)	-
Samuel Benchimol	Direito / Faculdade de Direito do Amazonas (Universidade Federal do Amazonas (UFAM))	Economia / Universidade de Miami (UM)	Direito / Faculdade de Direito do Amazonas (Universidade Federal do Amazonas) (UFAM)	-
Violeta Refkalefsky Loureiro	Ciências Sociais / Universidade Federal do Pará (UFPA) (1966-1969)	Sociologia / Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (1980-1985)	Sociologia / Institut Des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL) (1991-1994)	Sociologia/ Universidade de Coimbra (2005-2006)

Fonte: CPDOC/Currículo Lattes

Com essas análises, podemos perceber as convergências e divergências dos perfis deles em relação ao delas, especialmente no que se refere às origens sociais e aos investimentos profissionais mais gerais, como a constituição das carreiras universitárias.

Quanto à profissão dos pais, se observa que eles apresentam um maior número de formação e consolidação em cargos no universo intelectual (4/6) enquanto elas apenas (2/4) detêm pais ligados diretamente com esse investimento.

Na escolha dos respectivos cursos de graduação, as IES são localizadas em sua maioria nas principais universidades federais dos respectivos estados de nascimento/atuação, como a UFPA (4/10) e UFRJ (2/10). E há a predominância da área das ciências humanas (7/10) tanto para elas quanto para eles, em especial as Ciências Sociais (5/7). Eles ainda apresentam ligação com outras áreas de atuação, como Direito e Economia. Esse aspecto é fundamental para entender a divisão sexual do trabalho estruturada na separação e hierarquização entre os sexos e apontada por Hirata e Kergoat (2007). Para as autoras, essa divisão é refletida tanto na estrutura ocupacional, quanto nas etapas relacionadas à educação e nas escolhas dos cursos de ensino superior, onde haveria uma concentração de mulheres em profissões ligadas ao cuidado, relações humanas, por exemplo, enquanto aos homens estariam ligados a áreas relacionadas ao raciocínio lógico e à produção econômica.

E converge com a análise feita por Cãnedo (2001) ao estudar o programa de bolsas do CNPq e Capes no exterior. A pesquisa apontou que os espaços científicos ocupados pelas mulheres têm características específicas e são voltados aos estudos das formas de vida, em geral mais invisíveis, estando situados como uma extensão do espaço doméstico (saúde e ensino), relacionados à produção simbólica (linguística e artes).

De modo semelhante, na pós-graduação para maioria dos casos há o investimento em titulações de mestrado (3/4) para elas e (5/6) para eles. As IES são localizadas em sua maioria no Brasil, com apenas dois casos (Samuel Benchimol e Edna Castro) para a realização no exterior durante o mestrado. No doutorado, todas elas obtiveram o título, enquanto entre eles, apenas Arthur Reis não conquistou o diploma de doutor. E metade delas buscam a titulação no exterior (2/4), enquanto eles cursaram no Brasil, especificamente na UFRJ (3/6). No pós-doutorado, o cenário é modificado e elas apresentam maioria (3/4) contra (1/6), todos realizados em universidades do exterior.

Os investimentos profissionais mais gerais são variados, e apresentam cargos de docência e administrativos. No caso de Arthur César Ferreira Reis, além de professor ele teve uma vida ativa na política institucional e alcançou o cargo de governador do Amazonas durante

o Regime Militar. No decorrer do seu governo realizou iniciativas “em nome” da Amazônia (foi contra tentativas de internacionalização e buscou canalizar para essa região diversos benefícios concedidos pelo governo federal para outras regiões) e aliou seu trabalho político aos estudos enquanto “intelectual”, publicando diversos livros. Ele também ocupou cargos variados como diretor do Departamento de Educação e Cultura do Amazonas (1946-1953) e do Departamento de Indústria e Comércio (1961-1964).

Alfredo Wagner de Almeida apresenta ligações com diversas universidades do país e envolvimento com vários projetos. Além disso, ministra disciplinas de graduação e em programas de pós-graduação sobre a “região”. Também integrou institutos de pesquisa como o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), a Fundação Vitória Amazônica (FVA) e a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Enquanto Eduardo Viveiros de Castro se destaca pela circulação internacional como professor visitante de universidades estrangeiras e foi curador temporário de um museu na França. Já Samuel Benchimol dedicou-se tanto à docência quanto ao empresariado.

Podemos ainda frisar os casos de Edna Castro, Violeta Loureiro, Heraldo Maués e Jean Hébette pela ligação com a UFPA. As(o)s três primeiras(os), além de estudarem na mesma escola, chegaram a prestar o mesmo concurso público para professor(a) do departamento de Ciências Sociais, em 1971. Além disso, devemos destacar a ocupação de cargos administrativos por parte de Heraldo Maués e Edna Castro.

Em 1985, foram realizadas diversas eleições para os cargos dirigentes nas universidades brasileiras, dentre elas a UFPA. Nesse período, Heraldo Maués foi eleito coordenador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), entre 1985 e 1989. Porém, ele interrompeu sua gestão do Núcleo para concluir o seu doutorado, em 1986. Depois disso, voltou como membro do conselho deliberativo durante a gestão de Edna Castro, que atuou como diretora do NAEA por duas vezes, entre 1996-2000 e 2004-2009. A agente tem uma longa relação colaborativa com o NAEA, que persistiu mesmo depois de aposentada, seguindo como uma das pesquisadoras mais ativas e reconhecidas do núcleo, participando dos comitês científicos da revista do NAEA e na pós-graduação.

Tal qual Heraldo Maués e Edna Castro, Jean Hébette também seguiu uma trajetória dentro do NAEA. Ele chegou a ser vice coordenador do núcleo entre 1989 e 1992. Seu trajeto chama atenção por realizar um caminho destoante dos/das demais. Antes de ser professor, Jean Hébette dedicou a vida ao sacerdócio, e trabalhou em diversos países como Holanda, Alemanha, Itália, Reino Unido até chegar no Brasil, em 1967. Após breve estadia em Petrópolis, foi para

Belém, onde conheceu o campesinato da “Amazônia” e, a partir daí, teria buscado ampliar seu conhecimento ingressando no curso de Economia da UFPA, universidade na qual tornou-se professor e pesquisador do NAEA.

Ele foi igualmente professor do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), localizada na cidade de Marabá. Desta última, teria sido um incentivador e um dos principais responsáveis pela sua criação, além de ter sido coordenador do Grupo de Estudos sobre Agricultura na Amazônia.

Para Violeta Loureiro, apesar de ser professora da UFPA, não foram localizadas informações sobre a sua atuação nos quadros dirigentes da instituição, como os casos analisados até aqui. A agente parece ter seguido caminhos distintos dos seus homólogos, dedicando-se a outros órgãos como a Secretaria de Educação (SEDUC/PA) e o Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP/PA). Além disso, ela ministrou disciplinas, palestras e organizou livros didáticos em conjunto com outros professores. Enquanto diretora geral da SEDUC, conseguiu a aprovação da disciplina “Estudos Amazônicos”, que passou a ser obrigatória na grade curricular das escolas de ensino da rede pública.

Do restante das agentes, Bertha Becker iniciou sua carreira como auxiliar de ensino, na sequência foi instrutora e assistente até o surgimento de vagas para professor adjunto no departamento. O percurso da agente chama atenção não só pela atuação ativa em relação a “Amazônia” como também por sua dedicação ao departamento de Geografia da UFRJ, onde esteve envolvida com as modificações mais gerais que ocorreram especialmente na pós-graduação. Além disso, ela deu aulas no Instituto Rio Branco durante dez anos e desenvolveu inúmeros projetos e uma longa relação de cooperação com o CNPq.

Por outro lado, Meggers, que estagiava desde os 15 anos de idade no *Smithsonian Institution*, tornou-se pesquisadora associada da instituição e se dedicou a pesquisas para o museu até o final de sua carreira e criou uma fundação chamada de Taraxacum. Alguns dos dados referentes as inscrições profissionais foram sistematizados no quadro abaixo.

Quadro 3: Principais inscrições profissionais

AGENTES	CARGOS DE DOCÊNCIA	VÍNCULOS COM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA	OUTROS CARGOS
Alfredo Wagner de Almeida	Professor da UEAM (2013-atual); UFMA (2013-2023) e 2009-2015) UFAM (1996-atual); professor visitante da UFF (2002-2004); UFPA (1992-2004); UFRJ (1974-1983)	Bolsista produtividade CNPq; FAPERJ (2002-2004); Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (2006); FAPEMA (1997-1999); Fundação Ford (1974-2015) e (2004); Fundação Vitória Amazônica (2001-2002)	Assessoramento e serviços técnicos e cursos para Prefeitura Municipal de Belém (2002-2004); secretário geral adjunto do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (1986-1987); prestação de serviços à Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração – SEICOM (1993-1994).
Arthur César Ferreira Reis	Professor no Colégio D. Bosco, de Manaus em 1928, na Escola Normal do Amazonas, na Escola da América; professor da EBAP (Escola de Administração Pública) da FGV e da UFF	Diretor do IPEA (1950-1958)	Diretor do Departamento de Educação e Cultura do AM. Chefe de Divisão do Ministério do Trabalho (1946-1953); Diretor do Departamento de História e Documentação do Estado da GB (1961). Diretor do Departamento Nacional de Indústria do Ministério da Indústria e Comércio (1961-1964). Delegado do Brasil à Conferência do Comércio e Desenvolvimento da ONU, em Genebra (1964). Governador do Estado do Amazonas (1964-1967).
Bertha Becker	Professora da UFRJ (1966-1999), do Instituto Rio Branco (1966-1976) e da FGV (1973-1976)	Bolsista produtividade CNPq A1; Consultora e integrante de comissões de pesquisa do CNPq e da Capes (1974-2013); FAPERJ (1990-2013); Large Scale Biosphere Atmosphere Experiment In The Amazon (1999-2013); União Geográfica Internacional (1976-2013); IBGE (1989-1993) e Political Geography Quarterly Elsevier (2000-2005).	Consultora <i>ad hoc</i> da Academia Brasileira de Ciências (2000-2012); Ministério da Ciência e Tecnologia (1993-2013); Escola Superior de Guerra (2000-2013); Ministério das Relações Exteriores (1998); Ministério do Meio Ambiente e da Amazonia Legal (1994-1999) e Ministério da Integração Nacional (2000-2005).
Betty Meggers	Instrutora da Universidade Americana de Washington e professora visitante da Universidade Católica de Goiás (1979-?)	Pesquisadora <i>Smithsonian Institution</i> (1954-2012) e National Science Foundation (1961)	Presidente da Fundação Taraxacum (1979-2012); consultora Battelle Memorial Institute (1965-1968)
Edna Castro	Professora UFPA; UFRJ (1974-atual); Freie Universität Berlin (2011-atual); professora visitante Université du Quebec (1996-1998)	Diretora do NAEA por duas vezes (1996-2000) (2004-2008)	Consultora para o Ministério das Cidades (2007-2009); coordenadora do Rede de Cidades da Pan-Amazônia (2007-atual);

Eduardo Viveiros de Castro	Professor da UFRJ (1983-atual); professor visitante da University of Cambridge (1997-1998); University of Chicago (2004);	Bolsista produtividade CNPq; Pesquisador do Recherche en Ethnologie Américaniste (C.N.R.S) (1999-2001); Instituto Socioambiental (2008-2009); FAPERJ (1997-atual); FAPESP (1992-2006);	Curador temporário do Musée National du Quai Branly (2001-2006)
Jean Hébette	Professor da UFPA (1978-2004) e da UNIFESSPA	Pesquisador e vice coordenador do NAEA entre 1989-1992	-
Raymundo Heraldo Maués	Professor da UFPA (1974-2018);	Bolsista produtividade CNPq e pesquisador do Instituto Superior de Estudos da Religião (1986-1990) e coordenador do NAEA (1985-1989).	-
Samuel Benchimol	Faculdade de Direito do Amazonas (UFAM) e na Faculdade de Estudos Sociais (até 1998)	-	Presidente do Grupo Bemol/Fogás e de diretor da Associação Comercial do Amazonas.
Violeta Refkalefsky Loureiro	Professora da UFPA (1970-atual) e da Faculdades Integradas Colégio Moderno (1974).	Técnica e pesquisadora do Desenvolvimento Econômico Social do Pará (IDESP) (1970-2000)	Diretora geral da SEDUC/PA (1996-2000) e do IDESP (1987-1991); Ministério da Justiça (2007-2012).

Fonte: Currículo Lattes e IHGB

Quanto aos investimentos profissionais, com base no Quadro 3, observamos que não há tantas discrepâncias entre eles e elas, variando em maior ou menor grau, dependendo do aspecto evidenciado, como em relação aos cargos ocupados, posições dentro das universidades onde são professores, os projetos e as bolsas produtividade, por exemplo.

Os principais cargos durante a carreira universitária, observado através do Currículo Lattes dos agentes (Alfredo Wagner de Almeida, Eduardo Viveiros de Castro, Heraldo Maués, Bertha Becker, Edna Castro, Violeta Loureiro), são em universidades federais, principalmente nas IES onde conquistaram suas titulações. Nessas instituições, observou-se que todos são professores(as) eméritos(as).

Quanto aos cargos de gestão como coordenação de departamentos e pós-graduação, apenas as(os) agentes Bertha Becker⁴, Edna Castro⁵, Heraldo Maués⁶ e Jean Hébette⁷ apresentam registros, os três últimos têm em comum a direção do NAEA, como já mencionado anteriormente, um dos principais núcleos de pesquisa sobre a “Amazônia”. O restante apresenta um perfil com ênfase em produção acadêmica de livros, artigos e projetos de pesquisa e raramente estão envolvidos com atividades de gestão.

Evidenciamos que todas(os), em algum momento de suas vidas, atuaram como professoras(es), muitas vezes lecionando em instituições nas quais se graduaram e pós graduaram, como a UFRJ (3/10) e a UFPA (5/10), e alcançaram cargos de coordenação (departamento, pós-graduação, projetos) dentro dessas instituições. Também atingiram o topo da hierarquia acadêmica nas universidades onde atuam/atuaram, UFPA (Heraldo Maués, Edna Castro e Violeta Loureiro), UFRJ (Bertha Becker e Viveiros de Castro), UEMA e UFAM (Alfredo Wagner de Almeida), recebendo título de professor(a) emérito(a). Do restante, Arthur César Ferreira Reis, Betty Meggers, Jean Hébette e Samuel Benchimol também lecionaram em universidades e obtiveram a mesma titulação.

Quanto aos vínculos com instituições de pesquisa, há entre eles e elas o envolvimento com as agências de fomento a nível nacional como CNPq e Capes e, sobretudo, com as estaduais, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), Maranhão (FAPEMA) e São Paulo (FAPESP). Ao analisarmos os perfis que possuem as informações mais

⁴ Coordenadora do Convênio FINEP para Pesquisas em Geociências (1977-1979), (1980-1984), (1989-1990), (1994-2000). Coordenadora do Convênio FINEP para o Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) - Gestão do Território no Brasil (1994-2000), Coordenadora da Comissão de Auxílios e Bolsas (1980-1981).

⁵ Coordenadora do NAEA (1997-2000), coordenadora de curso do NAEA (1994-1997), vice coordenadora do NAEA (1985-1989), coordenadora do Departamento de Sociologia da UFPA (1984-1985)

⁶ Coordenador da pós-graduação em Ciências Sociais da UFPA (2003), do mestrado em Antropologia, do NAEA (1985-1989) e da pós-graduação do mestrado em Planejamento do Desenvolvimento (1980-1981).

⁷ Vice coordenador do NAEA (1989-1992).

detalhadas em seus Currículo Lattes (Alfredo Wagner de Almeida, Eduardo Viveiros de Castro, Heraldo Maués, Bertha Becker, Edna Castro, Violeta Loureiro), as diferenças se sobressaem, principalmente no que diz respeito à produção acadêmica. Das mulheres, apenas Bertha Becker foi bolsista produtividade, enquanto todos os pesquisadores homens mencionados acima são/foram bolsistas produtividade. Mesmo elas apresentando titulações semelhantes em áreas de estudo similares, são eles que apresentam uma maior produção acadêmica, refletida nos projetos e bolsas de produtividade do CNPq. E como bolsistas nível 1, conseguem uma série de benefícios que visam auxiliá-los no financiamento de pesquisas, participação em eventos científicos, publicações, etc. Apesar disso, elas são tão mencionadas quanto eles no levantamento das dissertações e teses nos repositórios dos programas de pós-graduação dos estados que fazem parte da “Amazônia Legal”.

Esses aspectos são essenciais para entender as diferenciações e as hierarquizações de gênero na constituição e na reprodução do espaço universitário no Brasil. No caso das bolsas de pesquisa, mesmo com o aumento de mulheres Bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ)⁸, nas últimas décadas, as assimetrias persistem. Principalmente porque os bolsistas PQ têm acesso a uma série de recursos materiais e simbólicos, visto que o status de bolsista PQ possibilita o acesso a comitês científicos e outros tipos de assessorias, avaliação e ao próprio pedido de novos bolsistas PQ, editais de financiamento, etc. (OLIVEIRA, *et al.*, 2021).

Dentre as variáveis que estão por detrás delas serem minorias na distribuição das bolsas PQ, Barros e Silva (2009) destacam a exclusão histórica das mulheres na produção científica e a concentração feminina e masculina em determinadas áreas do conhecimento, explicada pela tradicional divisão sexual do trabalho. Em convergência a este fator, Cãnedo (2001) ao indicar as discrepâncias e convergências nos dados referentes as bolsas de pesquisa do CNPq e da Capes no exterior nas diferentes áreas do conhecimento, aponta que “os números mostram não uma mudança do “destino feminino”, mas uma recomposição do poder social e maternal” (p. 195). Isso porque, o número de bolsas aumentam para as especialidades que são afastadas do poder político, das questões públicas e dos debates econômicos, domínios ainda predominantemente masculinos.

É importante também levar em consideração o contexto histórico em que a maioria das(os) agentes estiveram inseridas(os). No caso das(os) agentes mencionadas(os) acima,

⁸ De modo geral, os critérios para obtenção das bolsas PQ são: a) produção científica do candidato; b) formação de recursos humanos em nível de Pós-Graduação; c) contribuição científica e tecnológica e para inovação; d) coordenação ou participação principal em projetos de pesquisa; e) participação em atividades editoriais e de gestão científica e administração de instituições e núcleos de excelência científica e tecnológica (CNPQ, 2015).

quando se estabilizaram como professoras(es) a Reforma Universitária de 1968 já estava em curso. E suas carreiras “acompanharam” o movimento de modernização e expansão das universidades brasileiras, especialmente a pós-graduação, a institucionalização da pesquisa científica e da carreira acadêmica (FÁVERO, 2006). Nesse período surge também as Bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq, um dos principais elementos de distinção e hierarquização do domínio acadêmico no Brasil (OLIVEIRA, *et. al*, 2021).

O estreitamento das relações entre pesquisa e pós-graduação deu ao CNPq um papel de destaque de vinculação das políticas nacionais de planejamento, desenvolvimento econômico, científico, tecnológico e associado às políticas de defesa nacional. Diante desse cenário, a “região amazônica” representava interesse estratégico tanto para o Brasil quanto para as instituições científicas internacionais, como a UNESCO, com as quais o CNPq detinha convênios e tratados de cooperação (FAULHABER, 2005).

A partir de 1966, houve na “região amazônica” um crescimento e organização das atividades científicas e tecnológicas, por meio da criação de uma divisão do trabalho entre instituições existentes, bem como a instalação de novos centros de pesquisa. Além disso, houve um aumento significativo nos recursos financeiros, físicos e humanos dedicados a essas atividades, juntamente com a implementação de políticas públicas para orientar o desenvolvimento da ciência e tecnologia da “região” (WEIGEL, 2001).

No cenário nacional, a partir da década de 1960, houve um incremento das ciências sociais, embora proporcionalmente os recursos destinados à área tenham se mantido em menor quantidade em comparação com os voltados para outras áreas de pesquisas. Apesar disso, para a compreensão de problemas referentes à “Amazônia” – sejam aqueles concernentes à compreensão da ocupação socioterritorial ou aos recursos naturais – as ciências humanas e sociais passam a ser consideradas tão relevantes quanto áreas de pesquisa como biológicas ou tecnológicas (FAULHABER, 2005).

Nesse sentido, o interesse pela “região amazônica” ocorre dentro de um processo de alinhamento com os grupos dirigentes em relação à constituição de elites intelectuais capacitadas para ocupação de cargos de direção científica e tecnológica, à institucionalização da pós-graduação e na articulação entre universidade e pesquisa (IDEM, p. 252).

Nos domínios acadêmicos, as vantagens materiais tornam-se secundárias em detrimento dos bens simbólicos, como o prestígio e o reconhecimento, adquiridos principalmente por meio de publicações, concursos, conquista de bolsas de pesquisa, financiamentos, citações,

participação de redes de pesquisa, convites para palestras e cursos, premiações e nomeações honorárias (MENEZES, *et al.*, 2017).

Somados a esses aspectos encontra-se a formação acadêmica no exterior e a inserção em redes internacionais (comércio, militância política ou cooperação científica), que colaboram para o reforço ou emergência de posições de poder no âmbito nacional, recursos altamente disputados. As importações feitas por esses agentes podem ser utilizadas como trunfos, mesmo que sejam adaptados a condições e interesses específicos, resultando na formação de uma “elite mediadora” que atua como intermediária entre os cenários internacional, nacional e local, legitimando e universalizando práticas (ENGELMANN, 2012; REIS e GRILL, 2017; BADIE e HERMET, 1993).

No caso dos professores de ensino superior, a circulação em centros internacionais evidencia como esses agentes se hierarquizam e legitimam suas posições, propiciando, dentre outras coisas, aprovações de projetos de pesquisa, ocupações de cargos administrativos e de outros tipos de contatos lucrativos, incluindo aqueles que proporcionam algum “poder político”. Isso é especialmente relevante no Brasil, onde as relações sociais e escolares se complementam na hierarquização social mais ampla e acadêmica (CORADINI, 2011; 2018).

Nesse sentido, a divisão de trabalho e a hierarquização dos diferentes tipos de atividades referentes à condição de professor de ensino superior estão subordinadas, nessas condições, a uma espécie de *spoil system*, no qual os cargos e as atividades associadas à gestão e, por extensão, à “política”, ocupam os postos mais elevados (IDEM, 2018).

No caso das(os) agentes, ao atingirem o topo da hierarquia acadêmica e com os vínculos adquiridos com diversas instituições de pesquisa, passaram a se dedicar cada vez mais a projetos e livros sobre a “Amazônia”. O volume desse material não passa despercebido e foi sintetizado⁹ no Quadro 4.

⁹ As(os) agentes detêm uma vasta publicação de livros sobre a “região”. Deste modo, selecionamos alguns deles localizados em seus Currículos Lattes e plataformas em geral.

Quadro 4: Produção escrita e projetos sobre a “região”

AGENTES	PRINCIPAIS LIVROS COM TÍTULO “AMAZÔNIA”	PRINCIPAIS PROJETOS SOBRE A “AMAZÔNIA” E AGÊNCIA FINANCIADORA ¹⁰	TEMÁTICA PRIVILEGIADA SOBRE A “AMAZÔNIA”
Alfredo Wagner de Almeida	<ul style="list-style-type: none"> -Antropologia da Amazônia: dissonância e desafios à institucionalização (2019) -Caderno de debates Nova Cartografia Social da Amazônia: (2012) - Antropologia dos Archivos da Amazônia (2008) 	<ul style="list-style-type: none"> -Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford) (2009-) -Minilaboratórios de Cartografia Social e Técnicas de Gestão Territorial no Amazonas (FAPEAM) (2019-) - Megaprojetos em implementação na Amazônia e impactos na sociedade e na natureza (2020-) 	Cartografia social, povos tradicionais, etnicidade, conflitos, movimentos sociais, processos de territorialização.
Arthur César Ferreira Reis	<ul style="list-style-type: none"> - A Política de Portugal no Vale Amazônico (1939) - A Amazônia que os Portugueses Revelaram ao Mundo (1957) - A Amazônia e a Cobiça Internacional (1960) 	-	Formação do Brasil e da Amazônia
Bertha Becker	<ul style="list-style-type: none"> -Geopolítica da Amazônia: A Nova Fronteira de Recursos (1982) -Amazônia (1990) -Amazônia - Geopolítica na Virada do III Milênio (2004) 	<ul style="list-style-type: none"> - Desafios ao Projeto Amazônia (Centro de Gestão e Estudos Estratégicos) (2009) - Limitações ao Exercício da Soberania Brasileira na Amazônia (CNPq) (2005-2006) - Modelagem Ambiental para a Amazônia (Ministério da Ciência e Tecnologia) (2002) 	Geopolítica da Amazônia; território, gestão e tecnologia
Betty Meggers	<ul style="list-style-type: none"> -<i>Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise</i> (1971) -<i>Ecología y biogeografía de la Amazonia</i> (1999) 	-	Arqueologia Amazônica
Edna Castro	<ul style="list-style-type: none"> -Amazônias em Tempo de Transição (org.) (1989) -Amazônia - Região Universal e Teatro do Mundo (org.) (2010) 	<ul style="list-style-type: none"> - Amazônia, sociedade e natureza (FAPESPA) (2021-) - Globalização, Colonialidade e Mineração Estado, empresas mineradoras e lugares sociais na Amazônia e na América Latina (CNPq) (2018-) - Políticas de Desenvolvimento Regional e de Produção de Energia, Regulação e a Formação de 	Desenvolvimento, políticas públicas, meio ambiente estudos urbanos, trabalho, populações tradicionais.

¹⁰ Identificados na Plataforma Lattes, destacamos os 3 projetos mais recentes com título relacionado a Amazônia e que havia indicação dos financiadores.

		Regiões Transfronteiriças na Amazônia e no Prata (CNPq) (2015-2019)	
Eduardo Viveiros de Castro	- Araweté: um povo tupi da Amazônia (2016) - Amazônia: Etnologia e História Indígena (1993) (org) - From the Enemy's Point of View: Humanity and Divinity in an Amazonian Society (1992)	-	Povos indígenas
Jean Hébette	- A invenção da Amazônia (1974) - A Amazônia no Processo de Integração Nacional (1974) - Cruzando a fronteira, 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia (2004)	- Estudos sobre Participação Política em Associações Rurais na Amazônia Oriental (CNPq) (2004) - Pesquisa: O Novo Campesinato Amazônico: 30 anos após o Plano de Integração Nacional-PIN (CNPq) (1998) - Pesquisa Desenvolvimento Rural, Consciência e Práticas Ecológicas na Fronteira Amazônica (CNPq) (1998)	Campesinato, meio ambiente, reforma agrária, fronteira amazônica.
Raymundo Heraldo Maués	-O Folclore de Alimentação: tabus alimentares na Amazônia (1980) -Uma Outra “Invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades (1999) -Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia (2008)	- Mapeamento e Compreensão da Expansão do Pentecostalismo (Mesorregião do Marajó, Estado do Pará, Amazônia Oriental) (CNPq) (2010) - Escalpelamento: lágrimas nos rios da Amazônia (CNPq) (2007-2009)	Religião, pajelança, catolicismo, xamanismo, pentecostalismo na Amazônia.
Samuel Benchimol	-Análises e propostas para o desenvolvimento sustentável na Amazônia (2001) -Eretz Amazônia - os Judeus na Amazônia (1998) -Amazônia: a guerra na floresta (1992)	-	Desenvolvimento econômico
Violeta Refkalefsky Loureiro	-Amazônia: Estado, Homem, Natureza (1992) -Estado, bandidos e heróis: Utopia e luta na Amazônia (1997) -A Amazônia no Século XXI: novas formas de desenvolvimento (2009)	- Amazônia Colônia do Brasil (2022) - Educação Básica: Direito Humano e Capital Social na Amazônia Paraense (CNPq) (2010) - Amazônia: reflexões sobre as possibilidades de desenvolvimento num mundo globalizado (2005-2009)	Desenvolvimento, direitos humanos, sociologia jurídica e educação

Fonte: Currículo Lattes/CPDOC/Sites de *internet*

Quanto aos projetos de pesquisa e às agências financiadoras, observados no Quadro 4, há, de modo geral, a predominância de financiamentos realizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e as Fundações de Amparo à Pesquisa dos respectivos estados onde os agentes atuam, como o Pará (FAPESPA) e Amazonas (FAPEAM). No caso de Bertha Becker, os projetos dos quais fez parte ou desenvolveu foram financiados pelo Ministério de Ciência e Tecnologia durante o Governo Lula (2002-2011) e por órgãos de pesquisa do exterior como o *Large Scale Biosphere Atmosphere Experiment In The Amazon*. Assim como Alfredo Wagner de Almeida coordenando o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), financiado pela Fundação Ford, que tem como objetivos os de:

dar ensejo à auto-cartografia dos povos e comunidades tradicionais na Amazônia. Com o material produzido, tem-se não apenas um maior conhecimento sobre o processo de ocupação dessa região, mas sobretudo uma maior ênfase e um novo instrumento para o fortalecimento dos movimentos sociais que nela existem (PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL, 2021).

Em relação às publicações¹¹ sobre a “Amazônia”, uma das formas de abordar as imbricações entre *domínios políticos e culturais* é observar a objetivação das tomadas de posição escritas divulgadas em distintos veículos, especialmente por meio da publicação de livros. Isso porque essas produções são particularmente adequadas para captar estratégias de legitimação e princípios de classificação em jogo no trabalho simbólico de orquestração de temáticas, papéis, justificativas, etc. (REIS e GRILL, 2020).

Nesse sentido, a maior parte dos agentes examinados apresenta uma certa regularidade em suas produções, sejam elas publicações de artigos ou livros lançados. Apesar de não possuir Currículo Lattes, Arthur César Ferreira Reis apresenta um consistente conjunto de publicações livros sobre a “região”, privilegiando especificamente temas relacionados a “formação social do Brasil” e da “Amazônia”. Principalmente esses últimos foram lançados no mesmo período em que se dedicou igualmente à ocupação de cargos administrativos. Seu primeiro livro, intitulado a “História do Amazonas”, trata das primeiras representações da “região amazônica”. Entretanto, foi em “A Política de Portugal no Vale Amazônico”, lançado em 1939, que o autor aprofundou seus conhecimentos e estudos sobre a “Amazônia”, demonstrando uma preocupação em valorizar a contribuição portuguesa para “região”.

¹¹ Identificamos, produções escritas publicadas relacionadas à “Amazônia”, por meio do Currículo Lattes desses agentes (7/10). Para os demais, encontramos no CPDOC (1/3) e em páginas especializadas sobre eles (2/3).

Enquanto Samuel Benchimol, além da “Amazônia”, permaneceu alinhado a assuntos relacionados ao “desenvolvimento econômico” e publicou, em 1957, “Problemas do desenvolvimento econômico: com especial referência ao caso da Amazônia”. Assim como vários outros livros e artigos sobre a “região”, refletindo sobre questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável e à Bacia do Rio Amazonas. Em outra publicação, intitulada “Amazônia: um pouco-antes e além-depois”, Benchimol enfatiza suas preocupações intelectuais e políticas entre a década de 1940 a de 1970, que, na sua perspectiva, direcionavam-se para a “formulação de uma estratégia amazônica”, horizonte teórico e prático para o equacionamento dos “problemas regionais” (SILVA *et al.*, 2019, p. 37).

Por outro lado, analisando o Currículo Lattes do restante dos agentes, os dados indicam que Jean Hébette, em uma de suas missões pastorais, conheceu a “realidade” do campesinato na “Amazônia”, seu principal tema de estudo. Ele abordou outras temáticas, como “meio ambiente”, “reforma agrária”, além da questão da “fronteira amazônica”. Dentre suas principais publicações, encontram-se: “A Invenção da Amazônia” (1974); “A Amazônia no Processo de Integração Nacional (1974)”; “Ciência e tecnologia para Amazônia” (1983); “Situação social das áreas rurais amazônicas” (1996) e “Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia” (2004), além de diversos artigos.

Heraldo Maués apresenta uma menor frequência de publicações sobre a “Amazônia” em relação aos seus homólogos, tendo focado principalmente em questões relacionadas à “religião”, sobretudo, no “catolicismo”, “pajelança”, “xamanismo” e “pentecostalismo”. O antropólogo publicou artigos em revistas, jornais e capítulos de livros, desenvolveu pesquisas enfatizando os aspectos religiosos ocorridos na “Amazônia”. Escreveu livros como “O folclore de alimentação: tabus alimentares na Amazônia” (1980); “Uma Outra ‘Invenção’ da Amazônia: religiões, histórias, identidades” (1999) e “Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia” (2008).

Assim como podemos perceber que Alfredo Wagner de Almeida e Viveiros de Castro mantêm uma maior frequência na elaboração de livros e artigos sobre a “Amazônia” voltada para as temáticas “povos tradicionais”, “etnicidade”, “conflitos”, “movimentos sociais”, “processos de territorialização” e “cartografia social”.

A produção acadêmica de Eduardo Viveiros de Castro se relaciona amplamente com a questão indígena, sendo um etnólogo americanista com experiência de pesquisa na “Amazônia”. Antes dos seus trabalhos, a etnologia indígena era retratada com enfoque no Brasil Central e não havia muita certeza se a “Amazônia” poderia ser possibilidade de trabalho

(BASTOS e RIAL, 2002). É nesse contexto que os trabalhos de Viveiros de Castro passaram a ser focalizados nos povos indígenas que vivem na “região amazônica”.

Em “Araweté: um povo tupi da Amazônia”, fruto de pesquisa realizada em 1980, para estudar sua cultura, Viveiros de Castro visitou a aldeia situada no igarapé Ipixuna, afluente do Médio Xingu, localizado entre os estados da “Amazônia”. A obra deriva de sua tese de doutorado para Museu Nacional/RJ chamada Araweté: os deuses canibais. Ele organizou ainda outros livros como: “Amazônia: Etnologia e História Indígena”, lançado em 1993 em conjunto com outros antropólogos, e publicou “Araweté: um povo tupi da Amazônia” (2016), além de uma série de artigos escritos sobre a “região”.

Enquanto Alfredo Wagner de Almeida possui atuações em diversos estados como Amazonas, Pará e Maranhão. Suas principais publicações sobre a “Amazônia” são “Antropologia dos Archivos da Amazônia” (2008) e “O congresso nacional e o desmatamento na Amazônia” (2014). Ele organizou outros livros ao lado de professores como “Guerra ecológica nos babaçuais: o processo de devastação dos palmeirais, a elevação do preço de *commodities* e o aquecimento do mercado de terras na Amazônia” (2005); “Terra urbana e território na Pan-Amazônia”; Caderno de debates Nova Cartografia Social, N. 1 - Conhecimentos tradicionais e territórios na Pan-Amazônia” (2010). O autor tem uma vasta produção sobre a “região”, especialmente pesquisas realizadas na “Amazônia maranhense”.

Das mulheres, a norte americana Betty Meggers privilegiou estudar a arqueologia amazônica ao longo de sua carreira. Ela visitou algumas vezes o Brasil, ao lado de seu marido, Clifford Evans, também arqueólogo, para a realização de pesquisas. Em 1971, lançou o livro “*Amazonia: Man and culture in a counterfeit Paradise*”, fruto de 20 anos de pesquisa na “região” e investigou, principalmente, as áreas da Bacia Amazônica, em especial a Ilha de Marajó. Meggers se consagrou como uma das principais estudiosas da “arqueologia amazônica”, tendo influenciado toda uma geração de antropólogos brasileiros voltados para o assunto.

Bertha Becker, apesar de se manter no Rio de Janeiro dando aulas na UFRJ, realizou inúmeras viagens para a “Amazônia” e se consagrou nos estudos sobre a formação geopolítica da “região”. Esse também é o tema de seu primeiro livro sobre a “região”: “Geopolítica da Amazônia: A Nova Fronteira de Recursos”, lançado em 1982. Outros temas privilegiados pela autora foram a formação geopolítica do Brasil e o avanço da pecuária em Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo.

Becker pesquisou a “região” por pelo menos trinta anos, percorrendo os estados que fazem parte da “Amazônia”, destacando que a economia seria “a solução essencial para a conservação” (NASCIMENTO SILVA, 2011, p. 8). Ela participou de inúmeras conferências, palestras e desenvolveu projetos vinculados ao Ministério do Meio Ambiente e ao Ministério da Integração Regional, dentre eles, o Plano Amazônia Sustentável. Também publicou diversos livros e artigos sobre a “região”, como “Amazônia” (1990); “Amazônia - Geopolítica na Virada do III Milênio” (2004); “Geopolítica da Amazônia” (2005); “A Urbe Amazônica” (2013).

Já Violeta Loureiro apresenta um maior investimento em livros, que frequentemente tratam de temas relacionados a “educação”, “desenvolvimento” e “meio ambiente”. Dentre suas obras voltadas para a “região” se destacam: “Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia” (1985); “Miséria da Ascensão Social: Capitalismo e pequena produção na Amazônia” (1987); “Estudos e Problemas Regionais Amazônicos” (1987); “Amazônia: Estado, Homem, Natureza” (1992); “Amazônia: História e Análise de Problemas (do período da borracha aos dias atuais)” (2002); “Amazônia: temas fundamentais sobre o meio ambiente (2015)”; e “História da Amazônia: do período da borracha aos dias atuais” (2015).

Quanto a Edna Castro, ela privilegia em seus livros temas como “desenvolvimento”, “políticas públicas”, “estudos urbanos”, “trabalho”, “povos tradicionais” e “meio ambiente”. Ela organizou diversos livros sobre a “região”, dentre eles, “Amazônia em tempos de transição” (1989); “Energia na Amazônia” (1996); “*Deforestation and Livelihoods in the Brazilian Amazon*” (1997) e “Territórios em Transformação na Amazônia” (2017). Castro publicou dezenas de artigos, organizou dossiês, livros e eventos, participou de palestras e se mantém atuante em diversos projetos de pesquisa voltadas para o estudo da urbanização de cidades na Amazônia e meio ambiente, uma de suas linhas de pesquisa localizada em seu Currículo Lattes.

Ao analisarmos a produção escrita, constatamos que se assemelham nas temáticas, com algumas exceções, muitos deles pesquisam sobre o mesmo assunto, especialmente sobre “desenvolvimento”, “meio ambiente”, “políticas públicas” e “conflitos socioambientais”. Esse dado chama atenção porque quando analisamos os agentes mais recorrentemente citados nas 65 produções, apesar de não haja uma grande discrepância das menções entre os agentes, Alfredo Wagner de Almeida e Edna Castro apareceram como os mais frequentes¹², seguidos por Heraldo Maués e Violeta Loureiro.

¹² Alfredo Wagner de Almeida aparece citado em pelo menos 18 das 65 produções e Edna Castro em 14 teses e dissertações.

Quanto às inserções das(os) agentes em *domínios culturais e políticos* fundamentais para a sua consolidação enquanto “intelectuais”, estas são diversificadas e incluem a participação em movimentos sociais e estudantis, recorrente ainda durante o período escolar, e a composição das principais instâncias de consagração intelectual do país.

Nos casos de Edna Castro e Violeta Loureiro, ambas apresentam um percurso em movimentos como a União Acadêmica Paraense (UAP). A primeira frequentou ainda a Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universidade Católica (JUC), a Ação Popular do Pará (AP/PA) e movimentos sociais como o Movimento das Mulheres Latino-Americanas e o ecológico¹³. Caminho semelhante aos seguidos por Heraldo Maués, que dirigiu alguns desses movimentos estudantis em Belém, e por Jean Hébette, que pertenceu à Comissão Pastoral da Terra (CPT). Eles fazem parte de uma geração de agentes que estiveram envolvidos com movimentos de ação política estudantis de cunho católico e essa experiência biográfica interferiu, de alguma forma, nas suas escolhas, adesões e carreiras universitárias seguidas posteriormente (REIS, 2013). Enquanto Samuel Benchimol aderiu à “causa” judaica e foi líder comunitário e presidente do Comitê Israelita do Amazonas, entre 1975 e 1985, e, por muito tempo teria se dedicado à “comunidade”.

Observamos igualmente a frequência com que os/as agentes atuaram na prestação de consultorias a governos, prefeituras e ministérios. Esse é o caso de Bertha Becker, consultora de alguns órgãos estatais: Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Integração Regional e das Relações Exteriores; Ministério da Ciência e Tecnologia. E de Alfredo Wagner de Almeida, que foi secretário adjunto do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário e prestou consultorias à prefeitura de Belém.

Já as inscrições culturais dos e das agentes, fazem parte de instâncias de consagração intelectual como Academia Brasileira de Letras (ABL) e Instituto Histórico e Geográfico¹⁴ (IHGB) de seus respectivos estados de atuação. Além disso, há a participação dos agentes em associações profissionais como Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e associações de suas respectivas áreas de estudo, como Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Associação Brasileira de Geografia (AGB) e Associação Brasileira de Antropologia (ABA), resumidos no quadro abaixo.

¹³ O nome do movimento é desconhecido, a agente apenas menciona em entrevistas ter “feito parte do movimento ecológico” na França” (tem uma aspa sobrando) (CASTRO, 2013)

¹⁴ Neste caso, 3 das(os) agentes (Arthur Reis, Samuel Benchimol e Bertha Becker) são patronas(os) das cadeiras 48ª, 49ª e 50ª do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Quadro 5: Inscrições políticas e culturais dos(as) agentes

AGENTES	INSCRIÇÕES CULTURAIS	INSCRIÇÕES POLÍTICAS
Alfredo Wagner de Almeida	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).	Diretor do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, colaboração com a prefeitura de Belém e com o governo do Pará.
Arthur César Ferreira Reis	Academia Amazonense de Letras; Instituto Histórico e Geográfico do Pará;	Membro da União dos Moços Católicos de Manaus, governador do Amazonas
Bertha Becker	Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, da Academia Brasileira de Ciências e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – (SBPC); Presidente da Comissão Nacional do Brasil e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE) e membro da União Geográfica Internacional	Consultora e assessora de alguns órgãos estatais: Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Ministério do Meio Ambiente e da Amazonia Legal, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Integração Regional e das Relações Exteriores; Ministério da Ciência e Tecnologia.
Betty Meggers	Membro do <i>National Science Foundation</i> (NSF) e do <i>American Anthropological Association</i> (AAA), Fundação de Taraxacum (Estados Unidos)	-
Edna Castro	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – (SBPC); Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR);	Membro da Juventude Estudantil Católica (JEC); Juventude Universitária Católica (JUC); Ação Popular do Pará (AP) e União Acadêmica Paraense (UAP); Conselheira do Ministério das Cidades; Movimento feminista latino-americano e movimento ecológico.
Eduardo Viveiros de Castro	Membro da Academia Brasileira de Ciências e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).	-
Jean Hébette	-	Comissão Pastoral da Terra Regional (CPT) e participou da (re)criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Região Sul e Sudeste do Pará.
Raymundo Heraldo Maués	Membro da Academia Paraense de Ciências e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), e da Associação Brasileira de História Oral (ABHO);	Membro da Juventude Universidade Católica (JUC); Ação Popular do Pará (AP) e União Acadêmica Paraense (UAP).
Samuel Benchimol	Membro da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.	-
Violeta Loureiro	Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS); Membro da Academia Paraense de Ciências	Ministério da Justiça; SEDUC; União Acadêmica Paraense (UAP).

Fontes: CPDOC e Currículo Lattes

Como observado no Quadro 5, as inscrições culturais entre os agentes consistem em participações em Academia Brasileira de Letras e Instituto Histórico Geográfico, localizados principalmente nos estados onde atuam. A proporção entre eles é de 4/6, enquanto entre elas 2/4. Em suma, é evidenciado a participação/ligação deles com instâncias de consagração intelectual, como as Academias de Letras, um espaço historicamente constituído pela presença masculina. Fundada em 1987, a Academia Brasileira de Letras só foi aceitar a presença feminina a partir de 1976, quando foi revogado o artigo 17 do Regime Interno que indicava que a eleição se restringia aos brasileiros do sexo masculino (FANINI, 2010). De modo semelhante, o IGBH apresenta uma predominância masculina na ocupação das cadeiras e só aceitou as mulheres como sócias, a partir de 1965 (SILVA, 2018).

Além disso, há a presença deles e delas em associações profissionais do país, como SBS, ABA, SBPC, das quais todas elas têm ligação com algum tipo. Dentre eles, apenas três dos seis apresentam inscrições. Esse aspecto pode ser uma pista sobre uma eventual possibilidade de mudança na balança de equilíbrio do poder e necessitaria uma investigação mais aprofundada sobre as relações de gênero em associações profissionais para sabermos se nesses espaços houve uma mudança na participação de homens e mulheres, ou se há um maior envolvimento delas nesse tipo de investimento já que no caso do SBS e da ABA, por exemplo, não há restrições para se tornar membro. No caso dos agentes investigados, eles investem menos em associações profissionais e são mais presentes em outros domínios de atuação, como o político, participando de movimentos sociais e estudantis.

No que se refere às inscrições militantes, são mais recorrentes entre eles (ou ao menos publicizadas), sendo que quatro dos seis estiveram envolvidos com movimentos estudantis, sociais e/ou partidos políticos. Entre elas, apenas Edna Castro apresenta atuação nesses movimentos, e Violeta Loureiro que afirma ter frequentado algumas peças da União Acadêmica Paraense. Em nível mais amplo, elas fizeram parte de um período em que as mulheres não só reivindicaram acesso às universidades e ao mercado de trabalho, como também “romperam os códigos de conduta esperados ao se apropriarem do espaço da política” (BARROSO, 2021, p. 558), lutando contra a ordem política imposta com o Golpe de 1964 (LOPES, 2023).

Esse trunfo frequente na trajetória deles e menos comum no percurso delas, somado a outros, como a cooperação científica, reforça posições de poder no âmbito nacional/local (ENGELMANN, 2012). Nessa linha, o reconhecimento pelo trabalho acadêmico e pela trajetória profissional ao receberem prêmios e homenagens também é outro elemento fundamental para entender as relações de poder e princípios de hierarquização entre os sexos.

Nas análises das honrarias recebidas¹⁵, localizadas na Plataforma Lattes, percebe-se que a discrepância entre elas e eles aparece quando se observa a quantidade e a especificação das honrarias. Elas apresentam um maior número de medalhas, condecorações, prêmios e títulos outorgadas por universidades e governos, seja aquelas concedidas pelos serviços prestados ou referentes ao mérito acadêmico.

Enquanto eles apresentam com maior frequência homenagens de mérito científico distribuídas por agências de fomento às pesquisas, prêmios acadêmicos, como o de melhor tese escrita e títulos de cidadão honorário das respectivas cidades que viveram. O que converge com outros elementos analisados, como a variedade dos trunfos acumulados por eles, como um maior índice de aprovação de projetos nas agências de fomento, a ocupação de cargos em movimentos estudantis e sociais, o reconhecimento no trabalho acadêmico através de prêmios por instituições científicas e as bolsas PQ. Assim como são reveladores das dinâmicas sociais e da divisão sexual do trabalho que estruturam as carreiras universitárias. Essas informações foram organizadas no quadro abaixo.

¹⁵ Por conta do volume de prêmios recebidos por algumas(ns) das(os) agentes foram destacadas as cinco principais. Além disso, no capítulo quatro desta dissertação evidenciamos mais detalhadamente as honrarias recebidas pelas agentes.

Quadro 6: Honrarias recebidas pelas(os) agentes

AGENTES	PRINCIPAIS HONRARIAS RECEBIDAS
Alfredo Wagner de Almeida	<ul style="list-style-type: none"> - “Cidadão Maranhense” concedido pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão em 2001; - Medalha Gomes de Sousa de Mérito universitário, Universidade Estadual do Maranhão em 2014; - Professor Honoris Causa e de Professor emérito, Universidade Estadual do Maranhão em 2014; - Cidadão Amazonense concedido pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em 2018; - III PRÊMIO NESTOR NASCIMENTO ESPECIAL, A Escola do Legislativo Senador José Lindoso-ALEAM em 2021.
Arthur César Ferreira Reis	<p>Foi cidadão honorário das cidades de Belém, Bragança, Tacoatiara, Parintins, Humaitá, Cidadão Honorário Acreano, Carioca e Petropolitano. Recebeu medalhas do Mérito Universitário pela Universidade Federal do Amazônia, do Pacificador, a Ordem do Mérito Militar (Grã-Cruz), Mérito Aeronáutico, Ordem do Rio Branco, Mérito Educacional concedida pelo MEC, Ordem do Mérito Naval, Ordem de José Bonifácio, Comenda Plácido de Castro e Mérito de Serviços Relevantes prestados, ambas concedidas pelo Estado do Governo do Pará.¹⁶</p>
Bertha Becker	<ul style="list-style-type: none"> - Professora Emérita, Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2002. - <i>David Livingstone Centenary Medal</i> para Avanços Científicos no Hemisfério Sul, <i>American Geographical Society</i> em - Membro Honorário, Centro Internacional de Desenvolvimento Sustentável / FGV em 2000. - Medalha Carlos Chagas Filho de Mérito Científico, FAPERJ em 2000. - Mulher do Ano na Área de Ciências, Associação Nacional de Mulheres em 1997.
Betty Meggers	<ul style="list-style-type: none"> - Doutor <i>honoris causa</i>, Universidade Católica de Goiás em 1999. - Diploma de honra, <i>Municipalidad de pueblo libre</i> - Lima, Peru em 1990. - Diploma de honra, <i>Museo Nacional de Antropología y Arqueología</i> em 1990. - <i>Corresponding member</i>, Academia Nacional de História, Ecuador em 1990. - Ordem ao mérito por serviços distinguidos, Governo do Peru em 1989.
Edna Castro	<ul style="list-style-type: none"> - Comenda Francisco Caldeira Castelo Branco, Prefeitura Municipal de Belém – PMB em 2022; - Professora Emérita da UFPA, Universidade Federal do Pará – UFPA em 2021; - Prêmio Professor - Comemoração de 45 anos do NAEA/UFPA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA em 2018. - Professor Titular, Universidade Federal do Pará em 2016. - Diploma de Menção Honrosa, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas em 2013.

¹⁶ Não foram localizados as datas de recebimentos das condecorações.

Eduardo Viveiros de Castro	<ul style="list-style-type: none"> - Melhor tese de doutorado em Ciências Sociais de 1984, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em 1985; - Médaille de la Francophonie, Académie Française em 1998; - Erico Vanucci Mendes, CNPq/SBPC/MinC em 1994; - Ordem Nacional do Mérito Científico, Presidência da República/Ministério de Ciência e Tecnologia em 2008; - Doutorado <i>honoris causa</i>, Université Paris Ouest Nanterre La Défense em 2014
Jean Hébette	<ul style="list-style-type: none"> - Medalha dos 50 Anos da Universidade Federal do Pará, pelos relevantes serviços prestados à instituição, UFPA em 2007; - Professor Emérito, Universidade Federal do Pará em 2001; - "Cidadão Paraense" pela Assembleia Legislativa do Pará em 2017.
Raymundo Heraldo Maués	<ul style="list-style-type: none"> - Professor Emérito, Universidade Federal do Pará em 2010; - Medalha Roquette-Pinto de Contribuição à Antropologia Brasileira, Associação Brasileira de Antropologia em 2010; - Prêmio de Mérito Científico pela contribuição como pesquisador da Universidade Federal do Pará na área de Ciências Humanas, Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa do Estado do Pará – FADESP em 2007; - Homenagem: 25 Anos do Curso de Ciências Sociais, Universidade da Amazônia – UNAMA em 2005; - Comenda do Mérito Francisco Caldeira Castelo Branco, Prefeitura Municipal de Belém em 2001.
Samuel Benchimol	<ul style="list-style-type: none"> - Professor emérito da Universidade do Amazonas em 1998.
Violeta Refkalefsky Loureiro	<ul style="list-style-type: none"> - Medalha do Mérito Francisco Caldeira Castelo Branco, Prefeitura Municipal de Belém em 2022; - Prêmio Florestan Fernandes, Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS em 2021; - Professora Emérita, Universidade Federal do Pará em 2015; - Prêmio pelo talento e trabalho dedicados a relevantes causas públicas, Associação Comercial do Pará em 2014; - Honra ao Mérito por relevantes serviços prestados aos direitos do cidadão e da cidadania, Associação Brasileira das - Mulheres de Carreira Jurídica- OAB/Seção Pará em 2014.

Fonte: Currículo Lattes e IHGB

Com esses elementos evidenciados, nota-se que, por meio da análise das propriedades sociais, políticas e culturais, além dos aspectos relacionados às carreiras universitárias das pesquisadoras e seus homólogos do sexo oposto, foi possível perceber alguns dos princípios de diferenciação de gênero que estruturam o domínio intelectual. Assim como foi possível apreender algumas pistas referentes a hierarquização do espaço universitário quando analisamos dados relacionados as áreas de estudo, ocupação de cargos, bolsas de produtividade e honorarias recebidas.

Chama atenção o fato de apresentarem origens sociais e percursos escolares muito semelhantes, com uma boa parte dos/das agentes já com familiares inseridos em domínios políticos e culturais. Destacam-se entre eles e elas as distintas origens geográficas. A maior parte vem da região norte do país e aqueles/aquelas que são de outras partes do país demonstraram interesse em estudar a “região”, a partir de viagens que ocorrem durante suas formações acadêmicas.

Os investimentos escolares em titulações de mestrado e doutorado em áreas das ciências humanas também são recorrentes entre eles e elas. Eles ainda apresentam ligações com outras áreas do conhecimento, como Direito e Economia. Quanto aos investimentos profissionais, há uma alternância entre cargos administrativos e atuação como docentes em distintas universidades, especialmente aquelas em que se formaram e pós-graduaram.

Mesmo sendo de gerações distintas e com focos de análises e temáticas distintas sobre a “região”, a maior parte passou a pesquisar a “região” ainda durante o período da pós-graduação. Dentre as razões que justificam a proximidade com esses estudos, frequentemente encontram-se por parte deles e delas explicações que remetem a “paixão”, “encantamento” e ao fato de estarem geograficamente próximos.

As diferenças se sobressaem principalmente quando comparamos a produção acadêmica e as bolsas de produtividade do CNPq. Isso porque, eles são maioria no recebimento dessas bolsas enquanto entre elas, apenas uma ao longo de sua carreira foi bolsista. Assim como na conquista de honorarias eles apresentam uma maior predominância de “prêmios acadêmicos”, enquanto elas são reconhecidas com prêmios concedidos por governos e prefeituras, pelos serviços prestados. Os investimentos militantes também são mais recorrentes entre eles que apresentam maior participação em movimentos estudantis/sociais.

Nessa linha, esses aspectos refletem a divisão sexual do trabalho na constituição e reprodução do espaço universitário e fornecem pistas a relação de poder entre os sexos, ao qual apresentaria um cenário instável (ELIAS, 1985). De modo geral, há um crescimento do número

de mulheres nas universidades, especialmente a partir da década de 1970. com a Reforma Universitária e a chamada segunda onda do movimento feminista (GUEDES, 2008).

Mesmo com o aumento da presença delas nesses espaços de atuação, a divisão sexual do trabalho ocorre tanto na ocupação de cargos, já que são eles que ocupam cargos considerados “políticos”, enquanto elas ocupam cargos mais “técnicos”, quanto na aprovação de projetos, na divisão de bolsas PQ e na predominância delas em determinadas áreas de atuação, como as Ciências Humanas. No caso das bolsas de pesquisa, há uma conformação entre determinadas áreas de atuação e os “destinos” sociais das mulheres, que ainda se relacionam a áreas de “cuidado” e aos atributos considerados “femininos”. Assim como a estrutura e a constituição das normas implícitas podem em muitos casos aprofundar as desigualdades (GUEDES, 2008; CÂNEDO, 2001).

Apesar disso, observa-se que essas agentes possuem uma carreira acadêmica consistente, com recursos e grande alcance em suas produções. O trânsito entre distintos *domínios* de atuação e as *multinotabilidades* acumuladas legitimaram suas atuações enquanto *porta-vozes* da “Amazônia”. O que torna necessária uma análise mais detalhada de seus perfis (social, cultural e militante), da produção intelectual (livros, artigos, projetos, etc.) e de outros investimentos mais gerais e, assim, compreender as condições e condicionantes que perpassam a atuação de mulheres que contribuem nas formulações de questões relacionadas à “região”.

2 OS PERFIS SOCIAIS, CULTURAIS E MILITANTES DAS PORTA-VOZES DA “AMAZÔNIA”

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os percursos e discorrer sobre os perfis (sociais, culturais e militantes) das quatro agentes analisadas nesta dissertação: Betty Jane Meggers (Arqueologia), Bertha Koiffmann Becker (Geografia), Violeta Refkalefsky Loureiro (Ciências Sociais) e Edna Maria Ramos de Castro (Ciências Sociais), recorrentemente citadas em trabalhos sobre a “Amazônia”.

Para isso, retomamos aspectos referentes às suas origens sociais, percursos escolares (escolas, graduação, pós-graduação), inscrições culturais e militantes, os investimentos matrimoniais e a constituição de suas carreiras enquanto docentes e pesquisadoras. A análise dos perfis dessas agentes, umas em relação as outras, permite apreender configurações dos domínios intelectuais e, por esse intermédio, compreender condições e condicionantes que interferem na presença de mulheres que contribuem na formulação e definição de questões relacionadas à “região”.

Nessa linha, chamamos atenção para o perfil de Betty Meggers que destoa em relação ao perfil das outras agentes, sobretudo, em termos de origem geográfica. Nascida nos Estados Unidos e pertencente a outra configuração social e política, ela vem ao país em algumas ocasiões para fazer suas pesquisas. E destacamos que, quando iniciam suas pesquisas tendo como temática geral a “Amazônia”, elas estão em momentos e posições distintas em suas carreiras acadêmicas, além de estarem situadas em diferentes centros de produção intelectual. Esses aspectos são cruciais para entender as diferenças entre os perfis, as atividades que realizam, os sentidos de “missão” associados ao papel amalgamado entre dimensão intelectual e política e a relação com o próprio “gênero”.

A americana Betty Meggers estava realizando o doutorado quando veio ao Brasil pela primeira em 1948 com interesse em pesquisar a “região”, e só retornou ao país na década de 1960, no período da Ditadura Militar brasileira. Nessa época, Bertha Becker começou a lecionar no Instituto Rio Branco e deu início as suas pesquisas na “região amazônica”. Oriundas da região norte, Violeta Loureiro e Edna Castro ainda estavam concluindo suas graduações em Ciências Sociais na UFPA. Elas só começaram a pesquisar sobre a “região” respectivamente no mestrado e pós-doutorado.

Um marco que perpassa as trajetórias das pesquisadoras foi a Reforma Universitária de 1968, que impulsionou um aumento significativo da presença de mulheres nas universidades

brasileiras. Esse foi um período importante de mudanças no contexto mais amplo e emergência de discussões sobre a posição social e econômica das mulheres (PERROT, 2019). Segundo Pontes, Rosetti e Reis (2020):

A configuração de um cenário público afeito à importação, adaptação e legitimação de uma diversidade de emblemas e identidades ligadas a “minorias”, possibilitadas pela diversificação de perfis e de repertórios legítimos de mobilização política, só foi mais substantivamente esboçado, no país, na segunda metade dos 1970. Especialmente a partir dos meios universitários (acentuando o fortalecimento dos cursos de ciências humanas e sociais), espaço privilegiado, ao mesmo tempo, de encontros de afinidades (sociais, políticas e culturais), de socialização nas causas pertinentes à gramática democrática em pauta e de aquisição de saberes teóricos e de protocolos de luta compatíveis com as aspirações de transformação do mundo social (PONTES, ROSETTI E REIS, 2020, p.102).

Inseridas nesse contexto, ao galgarem posições em *domínios* culturais, as quatro agentes contribuíram com a paulatina mudança na *balança de poder* entre os sexos, com efeitos de subversão, que definem e redefinem as formas de agir e pensar o mundo social, ao mesmo tempo em que não escapam dos constrangimentos que compõem as relações de gênero (ELIAS, 2000; REIS, 2013). Nesse sentido, as situações nas quais assumiram, de modos diferenciados, as funções de liderança em suas atribuições ou como porta-vozes de *causas* relacionadas a “região” são pertinentes para se pensar na dinâmica dos papéis sociais entre os sexos (BARREIRA, 2006).

2.1. Betty Meggers e “pioneirismo” em pesquisas arqueológicas na “Amazônia”

Filha de dois entusiastas da arqueologia que colecionavam artefatos arqueológicos, Betty Jane Meggers nasceu em 1921, em Washington D.C. Desde cedo ela entrou em contato com as coleções de seus pais guardadas no museu da família, o “*The Meggers Museum Of Technology*”. Seu pai, William Federick Meggers¹⁷, descendente de alemães vindos da Pomerânia, foi professor, pesquisador e um dos pioneiros da espectroscopia, uma das áreas da Física. Apresentado como um grande incentivador de pesquisas, ele conquistou uma carreira de

¹⁷ Recebeu o título de bacharel em física pelo *Carnegie Institute of Technology* em 1910, mestrado em 1916 pela Universidade de Wisconsin e doutorado pela John Hopkins, em 1917. Foi membro e consultor de associações de pesquisa, assim como em vários momentos atuou como presidente de sociedades e organizações técnicas, recebendo inúmeras medalhas e prêmios por suas contribuições à pesquisa e a academia.

notoriedade nos Estados Unidos, consagrado com inúmeras medalhas¹⁸ e homenagens por suas contribuições à ciência (FOOTE, 1970). O pouco que se sabe sobre a sua mãe, Edith Marie Randdant indica que ela trabalhava no *National Institute Of Standards and Technology*, onde conheceu William Meggers (ROSA, 2008).

O casal teve mais dois filhos, William Frederick Meggers Jr, físico, e John Charles Meggers, engenheiro eletrônico. Sua infância coincide com o período da Grande Depressão (1929) e, apesar de não haver muitas informações disponíveis sobre ela, as fontes indicam que o período econômico não prejudicou significativamente o desenvolvimento financeiro da família (ROSA, 2008). Costumavam visitar parentes em Wisconsin e levavam frequentemente a família a passeios em sítios arqueológicos nativos dos Estados Unidos. Essas viagens deram início aos primeiros passos de Meggers rumo à Arqueologia e à sua carreira de pesquisadora (FOOTE, 1970). Seu primeiro trabalho foi aos 16 anos, no *Smithsonian Institution*, onde consertava vasos escavados em Pueblo Bonito, na vila Anasazi, Novo México (POPSON, 2003). Este foi apenas o início de uma longa trajetória na instituição.

Quanto a sua formação escolar, graduou-se em Antropologia na Universidade da Pensilvânia. No mestrado foi para a área da Arqueologia obtendo o título na Universidade de Michigan e, no doutorado, continuou na mesma especialidade, mudando apenas a instituição: conquistou o título de doutora na Universidade de Columbia nos Estados Unidos.

Nesse período, ela conheceu Clifford Evans, ex combatente de guerra, beneficiado pela lei *G. I. Bill Of Rights*, que tinha como principal objetivo conceder uma série de benefícios aos veteranos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), dentre eles, a qualificação educacional. Ele já havia cursado Antropologia na *University of Southern California* e quando retornou à universidade após a guerra, teve o mesmo orientador de Meggers, Leslie White¹⁹.

¹⁸ Dentre as medalhas recebidas encontram-se Frederick Ives em 1947, C. E. K. Mees em 1964, a medalha de ouro do Departamento de Comércio em 1949; a medalha da Sociedade de Espectroscopia Aplicada em 1952; a medalha Cresson do Instituto Franklin em 1953; o prêmio *Pittsburgh Spectroscopy* em 1963.

¹⁹ Antropólogo evolucionista, estudioso da etnologia indígena da América do Sul. White ficou conhecido por suas teorias em defesa da evolução cultural, evolução sociocultural e neoevolucionismo. Desempenhou um importante papel no departamento de Antropologia na Universidade de Michigan Ann Arbor e foi presidente da *American Anthropological Association (AAA)*.

Clifford Evans Jr (1920-1981) nascido em Dallas Texas, desde criança almejava tornar-se arqueólogo. Em 1937 entrou na San Bernardino Valley Union Junior College na Califórnia onde estudou zoologia, botânica e geologia em preparação para sua carreira planejada em arqueologia. No verão de 1940, participou da Escola Arqueológica da Universidade do Arizona em Forestdale, dirigida por Emil Haury. Após a graduação na USC, Evans trabalhou para a Lockheed Aircraft Corporation em Los Angeles. Durante a Segunda Guerra Mundial, entrou para o Corpo Aéreo do Exército dos Estados Unidos, tornando-se Segundo Tenente e B-17 bombardeiro. Em 1944 ele foi enviado para a Inglaterra. Em 1945 foi preso e investigado pelos alemães e libertado meses mais tarde. No mesmo ano entrou na Universidade de Columbia onde conheceu Betty Meggers. Dedicou-se a pesquisa ao lado dela por cerca de 35 anos, especialmente na Bacia Amazônica da América do Sul, foi professor de Antropologia da Universidade de Virginia. Integrou o Departamento de Antropologia do Museu Nacional dos Estados Unidos (hoje Museu Nacional de História Natural) do Smithsonian em janeiro de 1951, como Curador Associado e Arqueólogo (1951-1962). Posteriormente, tornou-se Curador e Arqueólogo Geral e Supervisor (1962-1970), Presidente e Antropólogo Supervisor (1970-1975) e Curador em Arqueologia Geral (1975-1981). Recebeu inúmeras honrarias e prêmios durante sua carreira, assim como participou de diversas associações como a Phi Beta Kappa e a Sigma Xi. Foi membro honorário da Sociedade de Arqueologia Brasileira, da Sociedade Arqueológica de Maryland e da Sociedade Arqueológica da Virgínia, e em 1980 foi nomeado membro honorário da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Faleceu em 1981 após um ataque cardíaco.

Fonte: *American Antiquity*, 1982.

Após a aproximação, casaram-se em 1946, e ela manteve seu sobrenome de nascimento (apesar de ser retratada por alguns documentos como “Betty Evans²⁰”). Juntos, eles passaram a viajar pela América do Sul para realização de pesquisas por cerca de 30 anos, até o falecimento de Evans em 1981.

A parceria entre casais em distintos domínios sociais, como os culturais e políticos são constantemente destacados, principalmente pelos recursos, investimentos acumulados e pelos papéis atribuídos às figuras femininas e se tornou frequente no século XX (PYCIOR, SLACK e ABIR-AM, 1995; PONTES, 2008; CARVALHO, 2017; SOMBRIO 2018). Constantemente eram atribuídas às mulheres as funções de “assistentes”, “pesquisadoras colaboradoras” e “cientistas” (PYCIOR, SLACK E ABIR-AM, 1995), como é o caso de Betty Meggers e Clifford Evans Jr.

Segundo Barnes (2013), a influência de Meggers superou ao que se esperaria para os padrões da época nas posições formais, desde o voluntariado na adolescência até o cargo como pesquisadora associada e especialista em Antropologia do Departamento do Instituto Smithsonian no Museu Nacional de História Natural. Embora fosse considerada qualificada e compartilhasse quase todas as mesmas pesquisas com Evans, foi ele que exerceu o cargo de Curador de Latim do Museu de Arqueologia Americana.

²⁰ Em arquivos como a biografia do pai de Meggers realizado pela Academia Nacional de Ciências, Betty Meggers é citada como “Betty Evans”. Ver em <http://www.nasonline.org/publications/biographical-memoirs/memoir-pdfs/meggers-william.pdf>

Entretanto, no que se refere às contribuições para a Arqueologia, especialmente sobre a “Amazônia”, o nome de Meggers conquistou maior reconhecimento do que o trabalho realizado por Evans. Principalmente no Brasil, onde ela influenciou toda uma geração de “intelectuais” (SOMBRIO, 2018). E, nos Estados Unidos, é lembrada por seu trabalho no *Smithsonian Institution*, sendo inclusive chamada de “*the first lady of Amazon*”²¹.

Os investimentos profissionais mais gerais da agente giram em torno do trabalho que realizou na América do Sul, sobretudo na “Amazônia”. A aproximação ocorreu com a orientação de Leslie White que estudava os povos originários da América do Sul. Nas palavras da agente:

Como muitos outros arqueólogos norte-americanos, meu interesse em arqueologia começou quando eu estava na escola, em Washington D.C. Meu primeiro contato com a arqueologia brasileira ocorreu em 1944, quando eu era uma estudante de graduação na Universidade de Michigan (MEGGERS, 2007, p. 31).

A primeira vinda ao Brasil ocorreu em 1948 e foi marcada por um contexto ao qual a Arqueologia ainda não era uma área reconhecida no país. Na época, havia a predominância de uma perspectiva preservacionista, onde a questão da proteção do patrimônio arqueológico nacional ganhava cada vez mais significado “político”. As campanhas preservacionistas realizadas eram lideradas na década de 1950 por Paulo Duarte, que atuava em São Paulo, José Loureiro Fernandes²², no Paraná, e Luís de Castro Faria²³, no Rio de Janeiro. Dentre os efeitos da campanha, encontram-se o favorecimento à institucionalização acadêmica da área²⁴, à formação de arqueólogos brasileiros e ao início da pesquisa científica nas universidades (BARRETO, 1999).

²¹ “*First lady of Amazonia*” é como Betty Meggers é chamada por Colleen P. Popson, editora associada da revista *Archeology*, uma das revistas mais importantes de arqueologia dos Estados Unidos, pertencente a *Archaeological Institute of America*, instituição mais antiga da América do Norte e maior organização do mundo dedicada a Arqueologia. < <https://archive.archaeology.org/0305/abstracts/meggers.html> >

²² Médico, antropólogo e etnólogo foi professor catedrático de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, criada em 1938. Formou-se na França e ministrava disciplinas de Antropologia na UFPR. Atuou no Museu Paranaense como coordenador da área de Antropologia e Etnografia, onde foi diretor por duas vezes, nos períodos de 1936 a 1943 e 1945 a 1946. Também dirigiu o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), criado em 1956.

²³ Antropólogo, arqueólogo, professor, biblioteconomista e museólogo brasileiro, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Antropologia e primeiro presidente. Atuou na UFRJ e UFF, onde recebeu título de professor emérito. Foi designado pelo governo brasileiro para guiar e fiscalizar as expedições etnográficas do século XX.

²⁴ Foram criadas diversas instituições nesse período, como o Centro de Estudos Arqueológicos que viria a ser absorvido pelo Museu Nacional em 1935. Em 1952, em São Paulo a “Comissão de Pré-História” foi criada por decreto após Paulo Duarte engajar-se na ação política de preservação dos sambaquis, dando origem ao núcleo do futuro Instituto de Pré-História da USP. Após ações preservacionistas semelhantes organizadas por José Loureiro, foi fundado o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) junto a Universidade Federal do Paraná em 1956 (BARRETO, 1999).

Nesse contexto, a vinda de pesquisadores arqueólogos estrangeiros, principalmente franceses e americanos, marcou a constituição e o fortalecimento da Arqueologia no Brasil. Eles influenciaram e orientaram toda uma geração de novos pesquisadores (SOMBRIO e VASCONCELLOS, 2018), e, dentre eles, estava Betty Meggers. Ela ainda estava no doutorado e havia sido financiada pela *Viking Foundation* e *William Bayard Cutting Travelling Fellowship* da *Columbia University*, onde ficou por um ano graças a bolsa de estudos, realizando escavações em parceria com o Museu Nacional, o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu Territorial do Amapá.

Segundo Popson (2003), ela aprendeu sozinha um pouco de português para entrar em contato com as publicações científicas da época, publicando seu primeiro relatório em 1952, mesmo ano de obtenção do seu doutorado. Para a realização do seu trabalho no Brasil, desde o início obteve a ajuda de uma rede de relações que estabeleceu durante a chegada ao país. Dentre eles, foi recebida no Museu Nacional pela antropóloga Heloísa Alberto Torres²⁵, grande intermediadora e responsável para que a agente conseguisse a licença necessária com o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE) para iniciar o projeto (SOMBRIO, 2018).

Quando viajou ao Pará, foi recebida por Inocêncio Machado Coelho, diretor do Museu Emílio Goeldi. Na época, a instituição era estratégica na política científica da “região” e havia sido fundada com o objetivo de difundir o conhecimento sobre “Amazônia” (ARAGÓN, 2001). Ao lado de Evans, Meggers é creditada como uma das primeiras arqueólogas a realizar uma pesquisa que abrangesse todo o estado do Amapá em 1948²⁶, onde foi recebida pelo governador deste estado, Janary Gentil Nunes (1912-1984). Juntos organizaram um projeto no baixo amazonas chamado “*Archaeological Study in the Lower Amazon, Brazil*” e, apoiados pelo Museu Emílio Goeldi, realizaram escavações entre junho e agosto de 1948 no município de Chaves e nas Ilhas Caviana e Mexiana.

A parceria de Meggers e Evans prosseguiu em outros países da América do Sul, onde realizaram pesquisas sobre a cultura material dos povos pré-colombianos na América do Sul. O casal realizou pesquisas na “região” da “Amazônia” em países como Guiana, Equador, Venezuela e Chile, financiados pelo *Smithsonian*, ambos como funcionários da instituição.

²⁵ Antropóloga com pesquisas sobre a cerâmica marajoara. Foi Diretora do Museu Nacional e fez parte do conselho Conselho Nacional de Proteção ao Índio que chegou a presidir, posteriormente a instituição foi substituída pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o qual colaborou com a criação. Além de ser a única mulher do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, de 1934 a 1939.

²⁶<https://repositorio.museugoeldi.br/bitstream/mgoeldi/733/1/B%20MPEG%20Ant%20n1%201957%20HILBERT.pdf> p. 9

Dentre eles, estava o estudo sobre as principais rotas fluviais que se comunicavam entre os Andes e as terras baixas-sul-americanas (IDEM, ROSA, 2008).

Entre 1954 e 1961, Meggers realizou novas pesquisas e escavações na costa do Equador e no Vale do Rio Napa, com uma estreita colaboração com o arqueólogo equatoriano Emílio Estrada Icaza²⁷. O trabalho foi encerrado com a morte do pesquisador em 1961, aos 45 anos de idade. Juntos escavaram lugares como a *Hacienda Chorrera* na Província de Los Ríos e nas instalações de Valdívía, na província de Guayas. O trabalho realizado por eles permitiu que elaborassem uma cronologia para grande parte da pré-história do Equador (BARNES, 2013).

Na Venezuela, ela trabalhou com José M. Cruxent²⁸ e conseguiu recursos de diversas instituições como a Comissão Fulbright, *The National Geographical Society, United States National Science Foundation, The Organization of American States (the Pan American Union), the Smithsonian Institution, the Wenner-Gren Foundation*, além do patrocínio das instituições dos países da América Latina onde pesquisava e dava aulas sobre técnicas como a seriação de cerâmica²⁹ (IDEM).

Meggers esteve presente na organização de um seminário em 1961 sobre análise quantitativa de cerâmica com James Ford, em Barranquilla na Colômbia. A parceria com a *Universidad del Atlántico's Museo Etnológico* contou com a participação de diversos jovens arqueólogos da Argentina, Brasil, Chile, Guatemala, México, Panamá, Peru e Venezuela. O seminário foi uma tentativa de estabelecer uma tipologia comum para a América Latina, para a organização de uma rede de profissionais e uma forma de garantir que os conhecimentos aprendidos fossem difundidos amplamente (BARNES, 2013; FOWLER *et al.* 1982).

Quando retornou ao Brasil em 1967, Meggers encontrou um país em plena Ditadura Militar e às vésperas da Reforma Universitária. As mudanças na “região amazônica” também foram evidentes, com as atividades científicas e tecnológicas recebendo ampliação e destaque, a partir de 1966 (WEIGEL, 2001). Além disso, com a rede de contatos estabelecida anteriormente, não obteve muitas dificuldades no retorno ao país e foi ajudada pelo antropólogo

²⁷ Empresário, político e arqueólogo, formou-se na Wharton School of Finance and Commerce, na Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos. Neto do ex-presidente do Equador, Emilio Estrada Carmona e filho do economista, banqueiro e político Víctor Emilio Estrada Sciacaluga. Viajou por diversos países para estudar, dentre eles, Estados Unidos, França e Itália. Foi um autodidata em análise histórica e descobridor da cultura Valdívía, uma das mais antigas do continente americano. Junto com Meggers e Evans publicou o livro “Cronologia das culturas da Bacia de Guayas” resultado das escavações e da coleta de peças em diferentes sítios arqueológicos. Foi prefeito de Guayaquil de 1954-1956 e embaixador da Assembleia Geral da ONU.

²⁸ Foi estudante arqueologia na Universidade de Barcelona, com a Guerra Civil Espanhola sua carreira foi interrompida em 1939. Após a guerra, mudou-se para a Venezuela, onde é considerado o “pai da arqueologia científica” por suas contribuições a história cultural da Venezuela do período Paleoindiano até o início do período Colonial.

²⁹ Técnica criada para ordenar os vestígios através da presença ou ausência de artefatos.

José Loureiro Fernandes, coordenador do CEPA na UFPR. Ele conseguiu financiamento para que ela e o marido ministrassem um curso sobre assuntos relacionados às técnicas de campo, análise, classificação e interpretação de cerâmica (SOMBRIO, 2014).

No seminário, foram discutidos assuntos relacionados à cerâmica, foi proposto um glossário para os termos arqueológicos e revista as condições de arqueologia no Brasil, especialmente aquelas relacionadas à pesquisa, como financiamentos e facilidades institucionais (DIAS, 1995). Além disso, o contexto histórico, político e social era propício para que realizassem suas pesquisas, já que foi beneficiada mesmo que indiretamente pelas medidas conduzidas pelos militares junto às universidades, como a intervenção da USAID na América Latina, nos anos 1960, em várias áreas e sob três linhas de atuação: assistência técnica; assistência financeira, traduzida em recursos para o financiamento de projetos e compra de equipamentos nos EUA (FUNARI, 1994).

Segundo Funari (1994), o projeto de Meggers foi privilegiado pelos militares em detrimento de outros, como os elaborados por pesquisadores brasileiros, que sofriam com a falta de recursos orçamentários para o desenvolvimento de pesquisas³⁰. Meggers e Evans foram os principais arqueólogos brasileiros durante o período da Ditadura Militar:

Em termos de Arqueologia, os principais atores deste período foram dois americanos. O casal Clifford Evans e Betty Meggers (1947; 1954) estiveram na foz do Amazonas desde 1949 e produziram alguns *papers* antes de 1964. Entretanto, foi somente depois do golpe militar de abril de 1964 que eles foram capazes de criar toda uma rede de apoios que poderiam resultar no desenvolvimento de um *establishment* arqueológico (FUNARI, 1994, p. 28)

Considerada a principal referência da arqueologia na “Amazônia” durante a década de 1980, Meggers esteve envolvida com o processo de criação do Projeto Nacional de Pesquisa de Arqueológica (PRONAPA), em 1970, junto com Clifford Evans e Mário Ferreira Simões³¹, diretor do Museu Emílio Goeldi. O programa abrangeu os estados Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Norte, e obteve apoio de

³⁰ Funari (1994) aponta as pesquisas do arqueólogo brasileiro e ativista dos direitos humanos, Paulo Duarte, que englobavam uma “Arqueologia humanista”, como um exemplo de boicote que ocorreu durante o período da Ditadura Militar.

³¹ Nascido no Rio de Janeiro em 1914, mesma cidade realizou seus estudos, especializou-se em Washington entre 1967 e 1968, ingressou na Aeronáutica em 1932 a 1951 e finalizou sua carreira militar para licenciar-se em geografia e história. Estagiou no Museu Nacional entre 1949 e 1953, realizou trabalho no Serviço de Proteção ao Índio até 1953, posteriormente transferiu-se para o Museu do Índio, onde trabalhou até 1961, trabalhando com diversas comunidades. Em 1962 ingressou na Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, chefiando entre 1963 a 1965. Entre 1964 e 1966 foi Diretor Substituto do Museu e em 1968 promovido a Pesquisador-Chefe, chefiando a seção de Arqueologia até 1976. Mesmo após a mudança da Divisão que se transformou em Departamento em 1981, continuou no cargo até 1985 quando aposentou-se.

instituições científicas importantes, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq), do *Smithsonian Institution* e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DIAS, 1995). Ao todo foram 11 universidades e museus envolvidos, além de 10 pesquisadores³² de distintas universidades brasileiras.

Imagem 1 - Betty Meggers e alguns dos participantes do PRONAPA para o Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos, na UFPR em 1964



Fonte: Foto da Assessoria de Imprensa da UFPR - Acervo do CEPA *apud* Chmyz, 2006).

A realização do PRONAPA desencadeou outro programa semelhante, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA). Iniciado em 1976, com duração prevista de 3 a 5 anos e voltado exclusivamente para a Amazônia Legal Brasileira, o PRONAPABA surgiu como uma forma de investigar os locais que ficaram de fora durante as explorações do primeiro projeto e seria uma solução imediata e urgente para a “Amazônia” (SIMÕES, 1977, p. 297). Betty Meggers atuou junto com Clifford Evans e Mario Simões, diretora científica do Programa. Além disso, diversos arqueólogos³³ do PRONAPA e da equipe do Departamento de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi estiveram envolvidos com as pesquisas (IDEM).

Seu primeiro livro sobre a “Amazônia”, intitulado “*Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit*”, fruto de suas pesquisas na América do Sul, foi publicado em 1971. O livro foi traduzido tanto para o português, em 1987, quanto para o espanhol, em 1999. Ela ainda lançou

³² No relatório preliminar sobre o PRONAPA consta o nome dos pesquisadores de diversos estados do Brasil que participaram do programa, são eles: Silvia Maranca, Eurico Theófilo Miller, Odemar Ferreira Dias, Celso Perota, Valentin Calderón, Nassaro Nasser, José Wilson Rauth, Walter F. Piazza, Igor Chmyz e José Proença Brochado.

³³ Os pesquisadores do PRONAPABA foram divididos por área, Celso Perota investigou a bacia dos rios Xingu e Tapajós, Eurico Theófilo Miller investigou o Alto no Guaporé, entre Mato Grosso e Pontas Negras, no Território Federal de Rondônia, Walter F. Piazza e Ondemar Ferreira Dias, a Cabeceiras do rio Purus e parte oeste da cidade de Rio Branco, no Estado do Acre. O restante das áreas ficou a cargo do Museu Emílio Goeldi, liderado por Mário Simões.

outros trabalhos voltados para a área da Arqueologia, como “*Prehistoric America: an ecological perspective*”, em 1952, “*Anthropological Archaeology in the Américas*”, em 1968, e “*Prehistoric America*”, em 1972. Além de diversos artigos sobre a “região” em parceria com outros pesquisadores e pesquisadoras enfatizando principalmente a “cultura amazônica” e a “arqueologia amazônica”, seus principais temas de estudo.

Em 1968, Meggers coordenou o *Proyecto Andino de Estudios Arqueológicos* nos Andes no Chile (FOWLER et al. 1982). Em 1979, criou uma fundação privada intitulada Taraxacum, para publicar e distribuir a Pesquisa Latino-Americana (BARNES, 2013, p. 4). Ela trabalhou nesses projetos até falecer em 2012, e buscava divulgar os resultados de vários projetos sul-americanos, incluindo: 1) o Projeto Chorrera, iniciado em 1954; 2) uma pesquisa e escavação na Guiana patrocinada pelo Museu Walter Roth; 3) escavações no site Werepiah no Suriname e 4) pesquisa na bacia do Manu no Peru (BARNES, 2013; SANDOVAL, 2012). Esses projetos de pesquisa foram desenvolvidos ao longo de todo o percurso profissional de Meggers, e ajudaram na institucionalização da pesquisa arqueológica profissional na “região amazônica”.

Quanto às inscrições culturais, ela fez parte da maior associação de Antropologia do mundo, a Associação Americana de Antropologia (AAA), chegando a ser secretária executiva da associação por dois anos, durante a presidência da antropóloga Margaret Mead (1959 -1961). Segundo consta, o critério à inserção no conselho executivo da AAA foram a avaliação do currículo pelos pares, a experiência de liderança, o reconhecimento em outros conselhos científicos e as contribuições proeminentes. Ao que tudo indica, ela também fez parte do Conselho Nacional de Pesquisa e da Associação Americana de Avanço da Ciência (BAIN, 2014).

Quanto às suas inscrições militantes, a ênfase no seu “pioneirismo” diante das descobertas arqueológicas e ao fato de ser uma “mulher pesquisadora no século XX” são alguns dos fatores recorrentemente lembrados. Sombrio (2014), através do contato com o diário de Meggers, aponta alguns dos questionamentos feitos pela agente nas pesquisas de campo, num período em que seus interlocutores constantemente duvidavam da sua capacidade de realizar escavações ou vencer os obstáculos que haveria nas longas viagens por ser mulher:

as impressões registradas por Betty Meggers em seus diários demonstram que parte das reações a sua presença em campo caracterizavam-se por surpresa e estranhamento, como a experiência que viveu em Chavez quando um grupo de homens que acompanhava o casal não acreditava que ela participaria da escavação. Anotou também impressões mais gerais sobre assimetrias de gênero, como, quando na casa de Neco, em Chavez, observou que as mulheres faziam suas refeições separadas dos homens da casa e que, por ser uma convidada estrangeira, na maioria das vezes ela era a única mulher na mesa (SOMBRIO, 2012, p. 223).

A autora pontua ainda que a arqueóloga era constantemente questionada se aguentaria os trabalhos de escavação: “Betty Meggers anotou em seu diário que muitas das pessoas que encontrava não achavam que ela fosse participar da escavação, porque diziam que era muito duro para as mulheres. Deixou registrada sua indignação com tais comentários (SOMBRIO, 2018, p.11)”. Em outro momento, ela destaca: “O rio estava agitado e ao pararem em uma loja no caminho o vendedor perguntou aos rapazes como Betty havia aguentado a viagem. Ela sempre anotava esse tipo de comentário em seu diário (IDEM, p. 149)”. No trecho é possível perceber algumas das demarcações de gênero que a agente vivenciou enquanto pesquisadora, numa época em que o mais comum era que as mulheres acompanhassem seus maridos prestando apoio e não ocupando o papel de protagonistas.

Mesmo com esses apontamentos baseados nos diários de campo da pesquisadora e com os dados localizados, não é possível apontar se a agente esteve engajada em algum tipo de movimento político, como o feminista, já popularizado no período em que se manteve ativa em campo. No entanto, assim como suas homólogas, percebemos que os principais investimentos de Meggers foram em relação à pesquisa da “região” e em projetos arqueológicos nos países por onde passou, somados às aulas que dava em cursos sobre as técnicas de escavação e análise. Assim como é preciso destacar a rede de relações que buscou desenvolver com empresários e políticos, para a realização de suas pesquisas na América do Sul. A relação com as universidades americanas não é frequente, em contrapartida, a longa trajetória com o *Smithsonian Institution* não passa despercebida.

2.2 Bertha Becker: A “cientista” da “Amazônia”

Nascida na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, em 1930, Bertha Koiffmann Becker era descendente de pais judeus exilados em terras brasileiras devido as guerras e perseguições ocorridas no país de origem.

No Brasil, havia uma diversidade de segmentos e núcleos vivendo com distintos hábitos, tradições e costumes. A (re)criação de instituições e associações foi uma das principais formas que os imigrantes judeus encontraram para preservar seus hábitos, traços étnicos-religiosos e se organizarem enquanto coletividade na cidade do Rio de Janeiro, como a criação de instituições religiosas, culturais, políticas, filantrópicas e educacionais (OLIVEIRA, 2022).

Os pais de Becker estiveram envolvidos com a filantropia, principalmente voltada para educação. Seu pai, Isaac Koiffmann, veio para o Brasil em 1914 com amigos após deixar toda sua herança para trás, um pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A divisão sexual do trabalho entre os pais de Bertha são bem demarcadas: seu pai ao chegar no país foi vendedor até conseguir comprar uma fábrica de móveis e adquirir um considerável patrimônio. Duas décadas depois, chegou ao cargo de diretor do Banco Israelita Brasileiro. Enquanto sua mãe deteve o papel de “cuidadora”: o “assistencialismo” foi a “missão” de sua mãe, Adélia Vainer Koiffmann, que veio da Ucrânia para o Brasil de navio em 1918 por causa do antissemitismo da época. Ela trabalhou até sua morte, aos 92 anos, em lares para idosos, mulheres e especialmente para crianças órfãs de pais mortos durante a guerra na Europa. E auxiliou na criação de diversas instituições, a exemplo do Lar da Criança Israelita e a Sociedade das Damas Israelitas.

Juntos os pais de Becker procuraram transmitir os valores do judaísmo e com amigos fundaram as primeiras escolas israelitas do país, dentre elas, o colégio Eliezer Steinberg e a Associação Scholem Aleichem, ela chegou a estudar em uma dessas escolas³⁴. Ambos se conheceram no Rio de Janeiro e o casal teve três filhas, Fany, Liuba e Bertha. Todas elas enveredaram pelo caminho intelectual, Fany Rachel Davidovich³⁵, a mais velha, obteve um certo reconhecimento na área da Geografia Urbana e foi inspiração para a escolha profissional de sua irmã mais nova, Bertha. Já a irmã do meio, apesar de não haver muitas informações sobre ela, sabe-se que se graduou em pedagogia.

Quanto a sua formação escolar, Bertha estudou no Colégio Sholem Aleichem Israelita, uma das principais escolas judaicas do Brasil. Na graduação, formou-se em História e Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1948, antiga Universidade do Brasil (UB), nome modificado com a reforma estrutural³⁶ na década de 1960 que reorganizou as universidades federais do país (FÁVERO, 2006). Em entrevistas, costuma destacar que não foi apenas o contexto histórico nacional-desenvolvimentista em que vivia que a levou até as suas escolhas profissionais, como também realça suas características “próprias” e evidencia um

³⁴ Os dados apontam para o Colégio Israelita Brasileiro Sholem Aleichem, fundada pela “esquerda judaica”, buscamos no site da escola informações sobre os fundadores e sobre o surgimento da instituição, mas não foram localizadas. Ver < <https://mapaosc.ipea.gov.br/detalhar/577284>>

³⁵ Formou-se em Geografia e História na Universidade do Brasil e pertence a primeira geração de geógrafos formados por mestres franceses. Além de atuar no IBGE, foi professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), participou de diversos projetos de pesquisa e produziu inúmeras publicações na área da Geografia Urbana.

³⁶ Na década de 1960 foi sancionada a Lei n.º 4.759 pelo governo federal que padronizou o nome das instituições universitárias federais, dentre elas, a Universidade do Brasil, que passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“autodidatismo” que a acompanhou durante a sua trajetória acadêmico-profissional, como geógrafa:

(...) Um terceiro e central componente é o autodidatismo, fruto igualmente do contexto histórico e de características próprias. Já estava casada quando me formei, foi difícil de realizar a Pós-Graduação no exterior, e esta não estava institucionalizada no Brasil para a Geografia (BECKER, 2013).

Depois da graduação, foi direto para o doutorado em Ciências, no Instituto de Geociências, na UFRJ, onde concluiu em três meses sua tese, em 1970, e, no mesmo ano, fez um concurso de Livre-Docência. Em 1975 se especializou em Teorias da Urbanização e Análises de Sistemas Urbanos sob orientação de Akin L. Mabogunje, professor da Universidade de Ibadan na Nigéria e presidente da UGI entre 1980-1984. O pós-doutorado de Bertha foi feito em 1986 no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos.

Na época em que se formou em Geografia já estava casada com Fábio Becker, químico industrial e presidente da Escola Israelita Brasileira Eliezer Steinberg, uma das escolas fundadas pelos pais da agente. Em entrevista, ela destaca a relação: “meu marido, Fábio Becker, era químico industrial e tinha uma cabeça aberta, com atitudes e posições de vanguarda. Faz 10 anos que ele morreu. Mas os frutos do nosso casamento não aparecem somente no meu trabalho” (MARTINS, 2010, p. 66). Seu companheiro é descrito por ela como um “grande parceiro e incentivador para que a carreira de Becker decolasse” (COCOLO, 2014).

O casal teve três filhos, que seguiram caminhos distintos de sua mãe em relação a pesquisas sobre a “Amazônia”. Lídia, a primogênita, é formada em letras, fonoaudióloga, doutora em Artes Cênicas e professora da UFRJ. Paulo é psiquiatra e psicanalista. Beatriz, a caçula, é jornalista e professora do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura e do Departamento de Expressões e Linguagens da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ).

Quanto aos investimentos profissionais de Bertha, eles podem ser analisados a partir de eixos específicos: docência, pesquisa e administração. Ela iniciou sua carreira como docente em um cargo de professora assistente e, à medida que acumulou recursos e reconhecimentos, passou a ocupar diversos cargos administrativos, atingindo o topo da hierarquia acadêmica, ao mesmo tempo em que desenvolvia suas pesquisas sobre a “Amazônia”.

Nesse sentido, podemos observar que a primeira fase se iniciou em 1957, antes mesmo de se formar, quando ela passou a lecionar como professora auxiliar de ensino com contrato anual na UFRJ no Departamento de Geografia. No ano seguinte, foi efetivada no cargo de professora assistente, passando a ser instrutora até 1965. Permaneceu no cargo por dez anos

devido à ausência de vagas para professor adjunto no departamento. Essa posição veio do convite feito por Hilgard O'Reilly Sternberg³⁷, professor de Geografia e seu orientador, após a realização do Congresso Internacional de Geografia realizado no Rio de Janeiro, em 1956. Através do evento, Bertha estabeleceu laços com a União Geográfica Internacional e iniciou sua inserção internacional.

A figura de Sternberg foi importante em vários aspectos, mas podemos destacar o papel desempenhado por ele na Geografia do Brasil. Após se formar na primeira turma da Universidade do Distrito Federal, ele criou o Centro de Pesquisa de Geografia do Brasil (CPGB), instituição importante para a formação e produção acadêmica de Becker e de outros nomes da Geografia no Rio de Janeiro. Com o CPGB, a Geografia da Universidade do Brasil, reformulada estruturalmente na década de 1960 (FÁVERO, 2006), passou a ser projetada para o exterior e conseqüentemente, foi formada uma rede de relações com pesquisadores de várias nacionalidades, além da realização de eventos.

No CPGB, Bertha pesquisava assuntos relacionados à Geografia Agrária e desenvolveu pesquisas junto com seu orientador sobre o Nordeste do Brasil, dentre elas, uma sobre o “clima” e outra sobre os significados dos “Vales Úmidos”. A participação da agente ocorreu, segundo ela própria, “por iniciativa própria em face de problemas observados em excursão de estudos, manifestando a preocupação com problemas regionais” (BECKER, 2013, p. 58). As pesquisas resultaram das excursões pelo Nordeste que Sternberg, estudioso das questões ambientais, costumava fazer.

Ela chegou a participar de diversos eventos por incentivo de Sternberg, como o Simpósio sobre a Reforma Agrária realizado pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática –

³⁷ Hilgard O'Reilly Sternberg foi filho de imigrantes, com pai de origem alemã e mãe com origem irlandesa. Formou-se em 1940 em Geografia e História no Rio de Janeiro, e obteve o licenciamento pela Universidade do Brasil. Na sua função docente, foi um dos professores fundadores da Universidade Católica (PUC) no Rio de Janeiro (1941-1944), Professor Assistente na Universidade do Brasil (1942-44), em 1943 Teaching Assistant na Universidade de Califórnia em Berkeley, professor catedrático de Geografia da UFRJ e vice-presidente da União Geográfica Internacional (UGI), onde estabeleceu ligações internacionais com a geografia brasileira. Ajudou a fundar o Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil (CPGB) na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro em 1951, o que ajudou a fortalecer a posição da capital do país no cenário da geografia brasileira (Kohlhepp, 2017, p. 9). Foi professor visitante de diversas universidades, dentre elas, na Alemanha, Suécia, Canadá e Estados Unidos, onde fixou-se na Universidade de Berkeley em 1964, assumindo o cargo de professor de geografia da América Latina. Em suas pesquisas preocupou-se com temáticas ambientais bem como relacionadas a Amazônia.

IBAD³⁸, onde teria sido a única mulher³⁹ a fazer parte do Simpósio, que tinha Sternberg como um dos organizadores. As atividades do CPGB foram encerradas com a Reforma Universitária de 1967 e 1968, com a extinção da Faculdade Nacional de Filosofia, que reorganizou e realocou os departamentos resultando na criação do Instituto de Geociências (KAROL, 2013).

Se por um lado as informações apontam que Sternberg era alinhado ao IBAD, em entrevista a Mônica Machado para o “GeoBrasil”, Becker pontua a participação do seu orientador no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB): “Ele fez parte do ISEB, foi um dos fundadores. Eu também fiz parte. Embora não tenha participado da fundação do ISEB, pois era muito nova na época, não sabia de nada, mas eu fui, mesmo assim” (BECKER, 2001, s/p.,)⁴⁰.

Em 1966, Bertha iniciou seu percurso no Instituto Rio Branco (IRB), com uma maior autonomia em sua carreira, já que a influência de Sternberg passou a ter menos efeito após sua volta aos Estados Unidos, em 1964, para Universidade de Berkeley. Ela assumiu a cadeira de Geografia⁴¹ no Curso de Preparação à Carreira de Diplomata no Ministério das Relações Exteriores. Com a modernização do ensino que afetava o país, o Curso de Preparação foi reorganizado e, em 1967, em colaboração com o novo diretor e embaixador, Antônio Corrêa Lago, ela implantou a cadeira de Geografia Política⁴² no IRB, inédito no país.

O interesse pela “Amazônia” surgiu após uma viagem junto com os alunos do Instituto Rio Branco. Dentre as linhas de pesquisa em que Bertha atuava na época, encontram-se aquelas relacionadas à transformação agropecuária, desigualdade regional e a “Amazônia”. Após a viagem, ingressou em diversos projetos de pesquisa e chegou a implantar duas novas disciplinas, “Geopolítica da Amazônia” e “Geografia do Mundo Contemporâneo”. Além disso, ajudou a criar e a dirigir por três anos a cadeira de Geografia Política e Econômica no curso de Direito e Relações Internacionais, Legislação e Comércio Exterior organizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

³⁸ Categorizado como um *think tank*, o IBAD foi uma organização anticomunista fundada em 1959 por Ivan Hasslocher, empresário brasileiro do ramo da publicidade e composto por diversos empresários. Segundo Silva (2021) “o IBAD foi apresentado como uma associação civil "a favor da iniciativa privada, da liberdade de pensamento e da dignidade do indivíduo", "com o propósito de trabalhar pelo Brasil, na defesa de seus legítimos interesses, contribuindo, ao mesmo tempo, para sanear o ambiente das nuvens confusionistas oriundas de Moscou” (p. 3).

³⁹ Segundo Karol (2013) as condições de participação de Becker nesse Simpósio são desconhecidas, um dos poucos registros que confirmam sua participação foi o livro “Recomendações sobre Reforma Agrária”, editado pelo IBAD que traz o resultado do simpósio e os participantes do evento.

⁴⁰ Em nenhuma das entrevistas analisadas a agente menciona a participação no IBAD, por outro lado a participação no ISEB é lembrada e destacada por ela.

⁴¹ Anteriores as Becker, Sternberg e Arthur Weiss, ambos geógrafos, foram os professores que lecionaram Geografia no IRB.

⁴² Até então o programa focava na Geografia Econômica, Política e Humana.

Outros esforços da agente datam o período entre 1970 e 1985, época em que intensificou sua atuação em cargos administrativos. Dentre eles, auxiliou na implantação da Pós-graduação no Departamento de Geografia, no Instituto de Geociências e na própria UFRJ. Durante dez anos, foi Diretora Adjunta de Pós-graduação e Pesquisa do IGEO, que envolvia quatro departamentos: Astronomia, Geografia, Geologia e Meteorologia. Nesse período, organizou e fortaleceu a Pós-Graduação em Geologia e Geografia, através da CAPES e CNPq, buscando a contratação de doutores para os Programas, a reorganização do currículo, a criação de laboratórios de pesquisa, e a busca de financiamentos para pesquisa e elaboração de seminários.

Além disso, Bertha esteve envolvida com a implantação do curso de pós-graduação em Geografia em nível de mestrado em 1972⁴³ e ministrou disciplinas sobre desenvolvimento regional. Com os contatos estabelecidos através da UGI, convidou diversos professores a darem aula ao programa.

Mesmo atuando em cargos administrativos, ela continuou atuando como pesquisadora e firmou uma longa relação com as agências de fomento no país. Foi bolsista produtividade do CNPq em nível A1, o que segundo Coradini (2018, p. 214), é considerado o ápice da carreira, como critério e recurso principal de afirmação a demonstração de uma capacidade de “liderança”.

Para a agente examinada, observamos a importância da sua participação em diferentes funções dentro do CNPq desde 1974, como consultora *ad hoc*, membro do Comitê de avaliações de Projetos e representante do CNPq na Comissão Nacional da UGI entre 1977 e 1978, mesmo ano em que passou a ser membro do Comitê de Geociências e consultora *ad hoc* da Capes. Em 1993, ela coordenou a Comissão de Consultores Científicos da área de Ecologia do Meio Ambiente.

Em 1975, tornou-se ainda assessora do projeto sobre o impacto da Belém-Brasília no Desenvolvimento Regional através do Instituto de Pesquisas Rodoviárias (IPR) e o PUR/COPPE. No mesmo ano, participou do Projeto Aripuanã realizado em parceria com o CNPq durante a Ditadura Militar, que tinha por objetivo integrar a Amazônia ao restante do território nacional. As pesquisas faziam parte do pacote de Planejamento do I e II Planos Nacionais de Desenvolvimento realizado pelo Ministério do Planejamento com auxílio do Ministério do Interior, Força Área Brasileira (FAB), Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada

⁴³ O grupo composto por Bertha Becker, Maria do Carmo Galvão, Lysia Bernardes, Terezinha Segadas Soares e Jorge Xavier da Silva estiveram envolvidos na concepção e diretrizes do mestrado em Geografia da UFRJ entre 1970-72.

a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste, a Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT), o CNPq e a UFMT (KAROL, 2013, p. 165).

Para além dos projetos realizados no Brasil, chama atenção o envolvimento de Bertha com atividades realizadas em instituições no exterior. Dentre elas, esteve nos Estados Unidos no MIT/DUSP por quatro meses, chegando a realizar conferências; na França esteve por dois meses no ORSTOM e na Universidade de Paris X como pesquisadora convidada; no México ministrou um seminário sobre a “Amazônia” na Universidade Autônoma do México e lecionou a disciplina de Geopolítica. Também foi convidada a participar de um projeto de dois anos sobre *Rural Development Problems, Politics and Perspectives* do *United Nations Centre for Regional Development* (UNCRD) de Nagoya no Japão. O projeto envolvia nove países e tinha como objetivo o estabelecimento de uma nova configuração para o desenvolvimento regional.

Bertha apresenta diversas inserções desse tipo em seu percurso profissional, tanto entre as mulheres quanto entre os homens analisados nesta pesquisa, é a agente que aparece com mais frequência envolvida em pesquisas com outros professores de instituições fora do Brasil. Esse aspecto é fundamental para entender a circulação internacional de seus trabalhos, já que esses projetos possibilitaram a internacionalização de suas ideias e reconhecimento no exterior. Somado a isso, se encontra o trabalho realizado para diversos ministérios do Governo Federal.

Participou de diversos projetos e consultorias sobre a “Amazônia”, especialmente durante o Governo Lula (2002-2006), mas foi no Ministério do Meio Ambiente que sua atuação foi mais expressiva. A partir desse ponto, com o acúmulo de pesquisas e conhecimento sobre a “Amazônia”, ela é chamada para participar de inúmeros projetos como: o “Macrocenários para a Amazônia”, elaborado pela SUDAM; o “Relatório Nacional” da UNCED; a avaliação do Programa Nacional do Meio Ambiente em relação à Amazônia (IBAMA/BIRD); e participação no planejamento regional do IPEA.

A partir da pesquisa que desenvolveu sobre o Zoneamento Ecológico-Econômico e da consultoria ao lado de Claudio Egler, foi produzido o “Detalhamento da metodologia para execução do Zoneamento Ecológico-Econômico pelos estados da Amazônia Legal”, em 1996, e o “Projeto de Pesquisa Macrozoneamento Ecológico-Econômico da Amazônia Legal”. Este último chegou a ser utilizado pelo poder estadual e municipal para elaboração de políticas públicas e ordenamento do território da “região” (KAROL, 2013), segundo Becker:

Os ministérios me chamam muito; nem tanto o Ministério do Meio Ambiente, embora a ministra Marina Silva e o Senador Sibá Machado dizem ouvir o que digo. Trabalhei no Plano da Amazônia Sustentável (PAS) que fizemos há três anos atrás, e que o governo engavetou. Trabalhei durante um ano no Plano de Desenvolvimento Regional

Sustentável da BR163, Cuiabá-Santarém. E o MCT me convidou para fazer um estudo incluindo uma proposta de política de ciência e tecnologia. Propondo que a Amazônia precisa de uma revolução científico-tecnológica (BECKER, 2015, p. 215).

Em 1994 tornou-se professora titular e aposentou-se em 1999. Mesmo aposentada, manteve-se atuante como membro de diversos comitês como o Coordenações na Amazônia realizado pela *Large Scale Biosphere Atmosphere Experiment In The Amazon* (L.B.A.) e membro da CORPAM, para definição das prioridades de pesquisa na “região”. Para além dessas atuações, criou o grupo de pesquisa intitulado Laboratório de Gestão do Território (LAGET), em 1988, onde pesquisava assuntos como “tecnologia” e “gestão do território”, “Geopolítica da Amazônia” e “Geopolítica do Brasil”, iniciada em 1982.

Quanto às suas inscrições em domínios culturais e militantes, é membro vitalício da Academia Brasileira de Letras (ABL), a única representante pertencente à área da Geografia, o que demonstra o alcance de sua posição enquanto pesquisadora e geógrafa. Especialmente porque o ingresso de novos integrantes implica em critérios de apreciação e depreciação do cientista e de sua atuação, o que inclui reconhecimento, prestígio e notoriedade dos seus trabalhos (HEY e RODRIGUES, 2017).

Nesse sentido, o capital social mobilizado pela rede de relações construída por Bertha, o reconhecimento pelos pares, os investimentos e as estratégias constituídas de forma consciente ou inconscientes são cruciais para a sua entrada na instituição (BOURDIEU, 1998; HEY e RODRIGUES, 2017). Ela ingressou em 2006 e aparece em destaque⁴⁴ por suas contribuições à Geografia e à “Amazônia”. Assim como é patrona da cadeira nº 50 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, ao lado de outros intérpretes da “região”, que fazem parte do universo mais amplo desta pesquisa, como Arthur César Ferreira Reis e Samuel Benchimol.

Outro destaque, é a relação de Bertha com a UGI. Seu envolvimento foi iniciado através da participação em congressos, dentre eles, o realizado na Índia, em 1968, no qual, além de ter seu trabalho selecionado para publicação, presidiu uma sessão do Simpósio sobre População e iniciou a construção da rede de relações com geógrafos de diferentes países. O ingresso definitivo na rede internacional veio após a criação da Comissão Internacional sobre Aspectos Regionais do Desenvolvimento, que teve Nilo Bernardes na presidência e Bertha Becker na secretaria, o que contribuiu ao fortalecimento de seus laços com a UGI. Em 1971, ela foi eleita

⁴⁴ O verbete de Becker ressalta seu percurso acadêmico e destaca suas contribuições em projetos sobre a “Amazônia”. Para mais informações consultar: <<http://www.abc.org.br/membro/bertha-koiffmann-becker/>>

secretária da Comissão Nacional do Brasil da UGI e em 1977 foi a responsável pela Conferência Regional Latino-Americano da UGI. E chegou a ser vice-presidente entre 1996 e 2000.

Conforme o reconhecimento e notoriedade da agente crescia, sua autoridade para falar sobre a “região” se refletia no aumento da frequência com que era requisitada a realizar projetos e consultorias. Isso ampliava seu trânsito por distintos domínios de atuação e as oportunidades de intervenção em debates sobre políticas públicas para a “região amazônica”, sua principal “causa”. Nesse sentido, atuou principalmente em defesa da “região” em ações e denúncias sobre o equivocado uso da “Amazônia”.

Nesse contexto, a Geografia Política, área de estudo privilegiada pela agente, aparece como indissociável da defesa da “Amazônia”, e justificou o investimento de Bertha na condução de elaborações visando a construção de matrizes orientadoras dos debates na área de planejamento regional e gestão do território. O que, por sua vez, teria estimulado a expansão de suas preocupações das políticas públicas às ações estratégicas e valorização do uso de tecnologias (GOMES, 2013). A agente foi além das reflexões teóricas e produções sobre a realidade da “região”. Em suas produções, buscou proposições concretas que trouxessem soluções aos problemas enfrentados na “Amazônia”, um exemplo disso foi a elaboração do Macrozoneamento da Amazônia Legal (FIGUEIREDO, 2013).

Além da atuação no Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, outras ações foram realizadas através das consultorias e relatórios técnicos elaborados para outros ministérios durante o Governo Lula (2003-2011). Chegou a trabalhar no Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério das Relações Exteriores e Ministério da Integração Nacional. Em entrevista à Mônica Machado, Becker costuma enfatizar suas participações em projetos elaborados pelo Governo, especialmente suas consultorias:

eu presto também consultoria para os Ministérios. Já fiz muita consultoria para o Ministério do Meio-Ambiente, e às vezes, ainda faço. Para o Ministério da Integração eu fiz um documento para o Ministro sobre o que seria hoje integração nacional e desigualdade regional, quais políticas que deveriam ser feitas. Todos esses trabalhos não são coisas pequenas, não. É Brasil, não é? Atualmente eu estou envolvida com o Ministério da Ciência e Tecnologia, em função do meu trabalho de pesquisa da Amazônia, do projeto da LBA e do Programa Piloto. Enfim, eu estou altamente envolvida com esses dois grandes Programas (BECKER,2001).

Além disso, foi indicada a acompanhar um grupo internacional de observação do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras pela União Europeia e o G7 com gestão do Banco Mundial. Durante 11 anos esteve participando do grupo e lidando com as pressões internacionais e o Banco Mundial. Segundo ela, “A minha grande guerra foi esta!

Para não ficar só na preservação! Só se pensava nas árvores, queriam transformar a Amazônia em um museu, tinha que se pensar também na população. A gente tinha que ficar de olho aberto” (BECKER, 2007, p. 212). Nesse sentido, a fala da agente é reveladora da “causa” que defendia, muito além da Amazônia, Becker tinha uma visão contra o preservacionismo e a favor do desenvolvimentismo que seria “para melhorar as condições da população brasileira” (IDEM).

Inúmeras são as entrevistas nas quais a agente pontua a importância das políticas públicas e enfatiza um modelo de desenvolvimento para o país com o uso da ciência e tecnologia, que valorizasse o “patrimônio natural amazônico”. Ela defendia que esse investimento seria fundamental para uma “revolução” e evidenciava a importância da “transdisciplinaridade” para abranger todas as dimensões das estratégias de desenvolvimento. Além disso, compreendia que o “fortalecimento das instituições” e a “regionalização” deveriam ser cumpridas.

Para isso, posicionou-se pela ideia de crescimento econômico com inclusão social, sem a destruição da natureza, atribuindo valor às florestas e compatibilizando desenvolvimento e conservação, utilizando como recursos a ciência e tecnologia (FIGUEIREDO, 2013). Foi nesse contexto que se envolveu com inúmeros projetos onde buscou pôr em prática essas ações, dentre eles, a elaboração do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), feito em 1997 em parceria com Claudio Egler.

O projeto, além de um instrumento técnico, foi tomando também como político, e ressaltava as relações entre “ciência” e “política”, elementos centrais nas tomadas de posição de Bertha. As reflexões desenvolvidas no documento são um exemplo da preocupação da agente em colocar “ciência” e “geografia” alinhadas na prática política (IDEM). E as unidades de gestão territorial propostas por ela foram utilizadas na definição e implementação de políticas de desenvolvimento.

Do mesmo modo, o Macrozoneamento da Amazônia Legal, feito entre 2009 e 2010, buscava concretizar o pensamento político de Bertha voltado para a necessidade de participação ampla da sociedade amazônica e das comunidades tradicionais no encaminhamento de soluções para os problemas que constituíam a “região” (FIGUEIREDO, 2013). Assim, “enquanto instrumento da política pública ele iria entender não mais a questão da compartimentação da base física de uma região, mas as dinâmicas que diferenciam o território em seu uso histórico” (IDEM, p. 39).

Mesmo com todas essas participações e entrevistas em defesa da “região”, consultorias a ministérios, etc., ao ser questionada⁴⁵ se já havia feito parte de algum movimento político, respondeu que preferia manter um pensamento “autônomo” e “independente”:

E: A senhora se vinculou a algum movimento político?

BB: Nunca fiz parte de partido nenhum. Eu acho que foi muito melhor assim, porque me deu liberdade de pensar. Fui para o Itamaraty, depois me envolvi com o Ministério do Meio Ambiente, da Integração e depois de Ciência e Tecnologia. Circulei em vários ministérios. Tenho um pensamento autônomo e independente; que é uma coisa que eu acho que falta no Brasil, reflexão para ter pensamento autônomo.

Em entrevista à Revista Ateliê Geográfico destacou que nunca pertenceu a nenhum partido político: “Agora passei para o Ministério do Meio Ambiente. Acabei o trabalho lá, vim pra cá. Graças a Deus não estou vinculada a partido e vou tocando a minha Geografia. E posso dizer que não estou vinculada a nenhum partido político” (BECKER, 2010).

Apesar disso, é evidente que a agente ao longo de sua trajetória esteve engajada em defesa da “região”. Tais aspectos corroboram com falas de pessoas próximas, como colegas e professores, que a apontaram como alguém que dispunha de “tendências de esquerda”. Pedro Geiger⁴⁶, colega de departamento, afirma que “Bertha provinha de um meio progressista e pôde começar a expressar, progressivamente, as suas ideias socialistas” (GEIGER, 2013, p. 47). Seu orientador, Hildegard Sternberg, já havia feito referência ao mesmo fato: ele acreditava que a agente tinha ideias de “esquerda”⁴⁷ e que a direcionou a estudos voltados para a Geografia Física para mantê-la afastada da área de Geografia Humana, por seu viés crítico.

Características que vão ao encontro com as próprias falas de Becker, sobre o papel do “intelectual” e da “comunidade científica”. Para ela, a “comunidade científica” deveria assumir o papel central nesse meio, esclarecendo a população e a sociedade sobre as ações e mobilizações. Por isso, ela costumava conceder entrevistas em meios midiáticos, seja jornais, revistas ou canais de televisão como Rede Globo e Futura. Nas suas próprias palavras: “temos que falar, de bater em cima quanto pudermos. É nosso papel, até mesmo para mudar. Se ficarmos inertes perdemos a condição de existir. Se não pudermos falar nem mostrar o que está errado e procurar propor soluções, para que existimos?” (BECKER, 2013, p. 150).

⁴⁵ Em entrevista concedida ao Cadernos de História da Ciência do Instituto Butantan (2008).

⁴⁶ Geógrafo brasileiro, graduado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foi professor dela. Possui uma vasta produção intelectual, sendo conhecido por seu trabalho da área da geografia urbana e industrial. Também foi um dos pesquisadores da segunda geração do Conselho Nacional de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴⁷ Segundo conta em entrevistas em seu blog disponível em < <http://berthabecker.blogspot.com/>>

Mesmo que não tenha sido localizado com a mesma ênfase o seu posicionamento a respeito de outras “causas”, nas entrevistas analisadas observamos que a questão de gênero está nas entrelinhas quando realça o “pioneirismo” nos estudos sobre a “Amazônia”, “por ter desbravado a “região” e “por ter coragem de se posicionar” (IDEM). Um exemplo disso foi o caso a participação no Simpósio sobre a Reforma Agrária realizado pelo IBAD, na qual foi a única mulher a se apresentar no evento organizado por Sternberg.

Outro exemplo, é a sua fala durante homenagem que recebeu do Ministério do Meio Ambiente, no Dia Internacional das Mulheres, ao lado de outras mulheres ambientalistas que contribuíram para o fortalecimento da gestão ambiental no Brasil e preservação do planeta. Na ocasião destacou que “a Amazônia é o eixo da minha vida profissional. Desde os anos 70 eu vou até lá numa pesquisa sistemática que une a teoria com o trabalho de campo (...) A Amazônia, assim como a mulher, é depositária da vida, tem força e sensibilidade”⁴⁸.

Observa-se acima que a “região” é associada a “mulher”, onde a agente faz a relação com uma suposta condição feminina⁴⁹. Esse aspecto que Bertha atribui as mulheres, mesmo que inconscientemente faz parte das lógicas de dominação masculina, ao qual são atribuídas ao sexo feminino o lugar de “cuidado”, das relações humanas, das emoções e da reprodução (RICOLDI e ARTES, 2016).

Por mais que ela se apresente em entrevistas apenas como professora e pesquisadora, nos depoimentos é evidente a participação da agente em cargos administrativos de distintos domínios. Nesse sentido, o acúmulo de trunfos e recursos durante o percurso acadêmico-profissional da agente ilustram o peso das *multinotabilidades* (GRILL; REIS, 2018) conferidas a partir das múltiplas inserções em distintos domínios de atuação, que se somam ao seu engajamento pela “região”, encerrado com sua morte em 2013, aos 80 anos.

A circulação internacional da agente e a colaboração com as distintas instituições internacionais ocorrem tanto pela formação acadêmica no exterior (seja através da UGI, da realização do pós-doutorado, de participação em eventos científicos, palestras, etc.) ou cooperação científica, o que contribui, segundo Engelmann (2012), para a emergência ou reforço de posição de poder no cenário nacional. Nesse meio, as relações com a política são cruciais, especialmente nos níveis mais hierarquicamente mais elevados do espaço escolar. Em conjunto com as atividades de pesquisa, as referências internacionais são também um recurso

⁴⁸ Disponível em: < <https://www.gov.br/mma/pt-br/noticias/mulheres-ambientalistas-recebem-homenagem-do-ministerio-do-meio-ambiente>>

⁴⁹ Elementos recorrentemente associados e são retratados por Sherry Ortner (1979) que evidencia como as “mulheres” são associadas a “natureza” em oposição a relação “homem” e “cultura”.

decisivo de legitimação para a ocupação de cargos de gestão em burocracias universitárias ou governamentais em geral (CORADINI, 2018).

No caso de Becker, esses aspectos parecem confluir para o fortalecimento de sua figura proeminente como a “Cientista da Amazônia” e para a ocupação de importantes cargos administrativos e consultorias junto ao governo brasileiro.

2.3 Violeta Loureiro: em “nome” da educação na “Amazônia”

Violeta Refkalefsky Loureiro nasceu em 1944, em Roraima. Filha de imigrante judeu de descendência austríaca com uma brasileira, seu avô materno, oriundo da região nordeste do Brasil era descrito como “conservador” e “tradicional”. O pouco que se sabe sobre sua família, indica que seu pai se mudou para o Brasil antes da ascensão do nazismo e por medo de perseguições, escolheu morar na “Amazônia” pela dificuldade de acesso da “região”.

Segundo Violeta conta em entrevista do Memorial César Leite em 2014, ele trabalhou como uma espécie de “geólogo” na Serra do Tepequém em Roraima, onde havia diamantes. Já sua mãe, Carmem Refkalefsky era considerada uma “intelectual autodidata” que se dedicou a educação dos seus filhos (MOURA, s/d). Em seu livro “Amazônia: Colônia do Brasil” lançado em 2022, ela destaca algumas das ações promovidas por sua mãe, engajada pela “educação”.

Dentre elas, incentivou um acordo⁵⁰ entre os governos do antigo Território do Rio Branco e a Aeronáutica para levar estudantes que moravam em Boa Vista para estudarem em Manaus, Belém e Rio de Janeiro Além de liderar entre os pais dos jovens da cidade campanhas para que o governo criasse e mantivesse as Casas do Estudantes de Roraima em Manaus e Belém (LOUREIRO, 2022, p. 43).

A conversão em Estado só veio ocorrer com a Constituição de 1988. Antes disso, a “região” era chamada de Território Federal do Rio Branco e após 1962 recebeu o nome de Território Federal de Roraima. Durante o Regime Militar, eram os oficiais da Aeronáutica, que ocupavam o cargo de governador (GALDINO, 2018). As famílias locais que tinham filhos que precisavam de assistência para dar continuidade em seus estudos recorriam aos governantes do território, já que em Boa Vista o ensino ia até os anos iniciais.

Para concluir o ensino fundamental, aos dez anos de idade passou a viajar ao Rio de Janeiro com o irmão, que havia se mudado para estudar na Universidade Federal Fluminense

⁵⁰ Segundo Loureiro (2022), não há informações se esse acordo era formal ou não.

(UFF). Nesse período, realizou inúmeras viagens no avião da Força Aérea Brasileira (FAB) até mudar-se para Belém em 1963 para realizar o ensino médio no Paes de Carvalho⁵¹, instituição mais antiga de educação pública do estado do Pará.

Em entrevistas, a agente se refere a esse período buscando resgatar a descendência europeia, afirmando que seu pai “manteve as tradições de origem” o que “marcou a sua formação”. Enfatiza que lia tanto literatura europeia quanto literatura de cordel, incentivada pelo seu avô e que por isso, havia crescido em um lar “diversificado”. O que segundo ela, fez com que desde cedo soubesse “declamar versos de Castro Alves e era conhecedora da Revolução Francesa” (LOUREIRO, 2014).

Esse aspecto é utilizado como estratégia de diferenciação por Violeta, mas também como forma de manutenção das “tradições”, da “memória” e de suas “identidades” e são resgatadas durante a fase adulta, como na tentativa de dar prosseguimento as “causas” de seus pais pela “educação”, como veremos mais a frente.

O ingresso no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará durante o período da Ditadura Militar, após entrar em contato com uma professora chamada Zuíla que recomendou que cursasse “por ser interessada em política”. Outras duas alunas realizaram a mesma indicação “por ter o perfil para o curso” (IDEM).

O mestrado foi feito na Unicamp, na área de Sociologia. Nesse período, iniciou suas pesquisas sobre a “região amazônica” orientada por Maria de Nazareth Baudel Wanderley⁵², considerada uma especialista na temática das “relações de trabalho” e “desenvolvimento do capitalismo”. Nessa linha, a agente obteve sua titulação em 1985 ao tratar sobre a pesca na “Amazônia”, com a dissertação intitulada “*Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia*”. No doutorado ela foi para o exterior, onde cursou Sociologia na Universidade de Paris II, com uma tese sobre os conflitos dos movimentos sociais na “Amazônia” chamada de “*Redresseurs de l'histoire en Amazonie Bresilienne: conflits et mouvements sociaux*”, orientada por Christian Gros⁵³(especialista em movimentos indígenas na América Latina). Violeta Loureiro fez ainda o pós-doutorado (concluído em 2002) na Universidade de Coimbra, em Portugal.

⁵¹ Seu primeiro nome quando surgiu em 1841, ainda durante o período republicano foi “Liceu Paraense” quando o Pará ainda era uma província governada por Bernardo de Sousa Franco. Também foi chamada de “Ginásio Paraense”. Foi nessa escola que muitos dos principais nomes da história paraense concluíram seus estudos, como os governadores do Pará, Jarbas Passarinho e Jader Barbalho.

⁵² Formada em direito pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), especializou-se na França em *Sciences Sociales du Travail* e doutorou-se em Sociologia no mesmo país na Universidade de Paris X, Nanterre.

⁵³ Sociólogo e professor emérito da Universidade de Paris-III.

Durante sua formação escolar, costumava assistir as peças do teatro da União Acadêmica Paraense (UAP), que lhe geravam interesse por serem “politicamente engajadas”. Foi em uma delas que veio a conhecer seu futuro marido, João de Jesus Paes Loureiro, estudante de direito e militante da UAP, diretor de algumas dessas peças. O conteúdo frequente nas rodas de conversa era, recorrentemente, o “futuro do país”, onde os aspectos políticos eram mais importantes do que a estética do teatro. Durante a Ditadura Militar, Paes Loureiro foi preso e o casamento só veio após sua saída da prisão. Com o matrimônio, adotou o sobrenome do marido, ao qual é reconhecida hoje.

João de Jesus Paes Loureiro nasceu em Abaetetuba no Pará em 1939, é um poeta, escritor e professor universitário. Gradou-se em direito em 1964 e letras em 1976 pela Universidade Federal do Pará (UFPA), obteve a diplomação de mestrado em Teoria da Literatura e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) em 1976 e doutorado em Sociologia da Cultura na Universidade de Sorbonne na França em 1994. Tornou-se professor da UFPA em 1978 onde lecionou disciplinas como estética, história da arte e cultura amazônica e aposentou-se em 2009 como professor titular. Durante a gestão do governador Hélio Gueiros, foi Secretário da Educação do Estado do Pará entre 1987 e 1990, foi convidado a assumir a presidência da Fundação Cultural do Pará. Atuou ativamente em movimentos estudantis secundaristas, mantendo-se próximo aos movimentos de católicos de esquerda como JEC e fez parte da União Acadêmica Paraense. Publicou diversos livros ao longo de sua trajetória, como *Cultura Amazônica - Uma Poética do Imaginário* (1991), *Cantares Amazônicos: poesia* (1985), *Cantigas de amar de amor e de paz – poesia* (1966), *Epístolas e Baladas – poesia* (1968), *Enchente amazônica – poesia* (1976), *Altar em chamas e outros poemas* (1989), *Elementos de Estética* (1989), dentre outros, também foi patrono da feira literária do Pará em 2018.

Fonte: <https://paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro/> / Casa do Estudante Universitário do Pará

Os investimentos profissionais da agente estão concentrados no estado do Pará. Mesmo com a grande circulação de sua produção escrita a nível nacional, ela apresenta uma carreira acadêmico-profissional mais “modesta” e pouco publicizada, quando comparada com as demais agentes do universo estudado. Os esforços e recursos acumulados por ela permitiram que chegasse a cargos de diretoria tanto no Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Pará (IDESP/PA), onde atuou como pesquisadora, técnica e diretora geral no período de 1987 a 1991, e como diretora de ensino na Secretaria de Estado da Educação do Pará, entre 1996 e 2000, e no Ministério da Justiça, onde prestou consultorias entre 2007 e 2013.

Na carreira de docente na UFPA, ela galgou posições dentro do Departamento de Antropologia e Sociologia. O ingresso na instituição como professora deu-se entre 1969 e 1970, como bolsista docente das disciplinas de Economia Política I e II. Em seguida, passou em concurso em 1971 para ministrar a disciplina de Introdução a Metodologia das Ciências Sociais para a graduação. Entre 1975 e 1977, Violeta atuou como vice-chefe de departamento de

Ciências Sociopolíticas e, nos anos seguintes, voltou a ministrar disciplinas como “Metodologia Científica”, “Teoria Sociológica”, “Homem e sociedade na Amazônia”, “Políticas e Programas de Desenvolvimento da Amazônia”, “Abordagem Interdisciplinar de Questões Amazônicas”, “Tópicos Especiais em Ciências Humanas: Sociologia da Amazônia” tanto em nível de graduação quanto em nível de pós-graduação.

Apesar de não terem sido localizadas muitas informações sobre o IDESP, a atuação de Loureiro, segundo Moura (s/d), foi no sentido de valorização das pesquisas sociais para as ações do planejamento, inserindo as ciências sociais como ferramenta para o uso em políticas públicas no Pará. Dentre seus estudos, são evidenciadas produções nos 143 municípios do Pará visando a construção do primeiro zoneamento econômico-ecológico do Estado, assim como produções de indicadores sociais, econômicos como aquelas relacionadas ao emprego e desemprego (MOURA, s/d).

Na SEDUC, propôs ao Conselho de Educação a introdução das disciplinas de Sociologia e Filosofia em 1997 como obrigatórias na grade curricular das escolas estaduais do Pará para o ensino médio, através de uma brecha encontrada no artigo 26⁵⁴ da LDB, que permitiu que a agente se engajasse e se envolvesse na criação de uma disciplina voltada para as “questões amazônicas”. Em 1996 o então presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) havia vetado as disciplinas da Lei 9394, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) aprovadas pelo Congresso.

Devido à ausência de discussões sobre a “região amazônica” no ambiente escolar, a disciplina “Estudos Amazônicos” foi introduzida na rede estadual de educação no Pará, (ALVES, 2016). As discussões sobre a criação dessa disciplina surgiram ainda na década de 1980, época que ela ainda atuava no IDESP. Dentre as razões para a criação da disciplina, Violeta enfatizou em entrevista que:

Bom, na verdade, a disciplina surgiu porque eu comecei, eu era na época conselheira do Conselho Estadual de Educação e também fui diretora de ensino da SEDUC, mas a primeira iniciativa minha neste sentido foi ainda na década de [19]80. Eu fui diretora geral do antigo IDESP (...) IDESP era um órgão de pesquisa de estatísticas de indicadores sociais, desde aquela época eu já me espantava com o fato de os alunos até da universidade, eles sabiam muita pouca coisa a respeito da Amazônia, tanto no que diz respeito à história e, principalmente, no que diz respeito à questão ambiental. E, na época, se discutia muito a questão dos grandes projetos e os alunos não sabiam coisa nenhuma sobre esses grandes projetos que estavam se instalando aqui e nem

⁵⁴ Na época o artigo 26º dizia que “os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (LEI DE DIRETRIZES E BASES, 1996).

mesmo sobre projetos menores, assim de agropecuária etc. Não entendiam nada daquilo. (LOUREIRO *apud* BARROS, 2016, p. 95).

A inserção como membro do Conselho Estadual de Educação e Diretora de Ensino da SEDUC no Pará garantiu a criação da disciplina de Estudos Amazônicos, que passou a compor a grade curricular do ensino fundamental pouco tempo depois. Ela ainda tentou fazer com que a mesma fosse aprovada para o ensino médio, mas o Conselho privilegiou outras disciplinas como obrigatórias. Outra atuação da agente foi em relação à criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) no Pará, que viria a ser posteriormente implantado no país.

E esteve envolvida com a elaboração de livros didáticos. A demanda surgiu por parte da Secretária da Educação do Pará, Therezinha Moraes Gueiros, que na ocasião da realização do 1º Curso de Atualização para professores da disciplina de Estudos Regionais, em 1986, pela SEDUC, solicitou a produção de um livro que tratasse dos estudos da “região”. A ausência de livros didáticos sobre a “região amazônica” seria um entrave para o sucesso da disciplina e seria requisitado por diversos professores (MENEZES, 2020).

Nesse sentido, em parceria com a SEDUC e o IDESP, Violeta Loureiro coordenou e ajudou na elaboração do livro “Estudos e problemas amazônicos: história social e econômica e temas especiais” para as áreas de História, Geografia, Sociologia e Estudos Regionais. Com 13 capítulos, o livro conta com a presença de diversos estudiosos⁵⁵ da “Amazônia”, dentre eles, Edna Castro, que escreveu sobre a parte urbana em um capítulo intitulado “A questão urbana na Amazônia”; João Paes Loureiro se responsabilizou pelas questões culturais no capítulo “A questão cultural amazônica”; e Violeta Loureiro com o capítulo “A história social e econômica da Amazônia” (IDEM; MENEZES, 2020). Segundo ela:

Então, o que eu fiz: eu arranjei um dinheiro do próprio IDESP para publicar e consegui que alguns professores da universidade cada um deles escrevesse um capítulo de um livro que eu coordenei sobre a Amazônia. Eu tratei da parte de formação da sociedade e história da Amazônia. A Edna Castro, por exemplo, tratou da parte urbana, o Paes Loureiro tratou da questão cultural e assim por diante. Era mais ou menos uns 8 ou 10 professores, nós fizemos 10 capítulos (LOUREIRO *apud* BARROS, 2016, p. 97).

Loureiro ainda deu continuidade na elaboração e coordenação de outros dois livros didáticos pela editora CEJUP: “Amazônia: meio ambiente” e “Amazônia: história e análise de

⁵⁵ Outros agentes que fazem parte deste universo empírico direta ou indiretamente também integraram o livro, Jean Hébette escreveu um capítulo intitulado “A questão da terra” e Maria Angélica Motta Maués, na época Doutoranda em Sociologia, professora na UFPA e esposa de Heraldo Maués, elaborou o capítulo “A questão étnica: índios, brancos, negros e caboclos”.

problemas”. Na época, Paes Loureiro, seu marido, era Secretário da Educação durante o Governo de Almir Gabriel (1995-2002), o que contribuiu para que a agente estabelecesse uma rede de contatos e relações que viabilizaram a elaboração de outros livros didáticos (ALVES, 2016). Segundo Wiliam Junior, a elaboração dos livros só possível por que:

A professora Violeta foi a grande mentora, não sei se ela foi à mentora, mas ela comprou a ideia, se entusiasmou e foi à madrinha, você não tem ideia o que é uma burocracia de secretaria, para levar a ferro e fogo o mais rápido possível junto à gráfica. Ela era a mulher do secretário, então ela tinha um peso muito forte, e ela conseguiu em tempo recorde, que esse livro fosse para rede, fosse publicado tudo bonitinho (...) (ALVES *apud* JUNIOR, 2016, p. 49).

Em 2017, a agente lançou mais dois livros didáticos sobre a temática intitulados “Amazônia: Temas fundamentais sobre o meio ambiente” e “História da Amazônia: do período da borracha aos dias atuais”.

Imagem 2: Livros didáticos publicados por Violeta Loureiro



Fonte: Imagens da internet

Outros investimentos da agente foram na organização e participação em eventos acadêmicos. Além da apresentação de trabalhos, atuou em conferências, mesas-redondas e na elaboração de projetos de pesquisa em prol da “Amazônia”. Especialmente, destaca-se a lançamento de livros como “Amazônia: Colônia do Brasil” lançado em 2022, livros didáticos sobre Metodologia Científica e na área da educação como “Educação Básica - Direito Humano e Capital Social na Amazônia Paraense”. Além disso, localizamos projetos decorrentes de suas consultorias no Ministério da Justiça, como a proposta sobre “Registros públicos e recuperação de terras públicas”.

Em relação aos eventos, no Currículo Lattes da agente há a predominância de Congressos e Simpósios locais voltados para área das Ciências Sociais e do Direito. Já os principais eventos da área das ciências humanas e sociais (como ANPOCS, SBS e SBPC) são menos frequentes. Mas há a participação de Violeta no 33º Encontro da ANPOCS, em 2009⁵⁶, e nos encontros SBS na região norte do estado (em 2008 e em 2012). No encontro de 2012 onde foi responsável pela conferência de abertura “A Amazônia no século XXI: novas possibilidades para o desenvolvimento”.

No XX Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado de forma remota em 2021, ela foi homenageada com o prêmio Florestan Fernandes, e no XXI Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em 2023 na UFPA, Violeta lançou um livro publicado em dois volumes intitulados “Caminhos e descaminhos da Amazônia em busca do desenvolvimento”.

No caso da SBPC, ela participou do encontro realizado em 1986 apresentando o trabalho “Reforma Agrária, Conjuntura Política e Estrutura Jurídica na Amazônia”, e em 1988, onde fez uma exposição sobre “A questão da terra na Amazônia”. A falta de frequência nesses eventos pode ser explicado pela participação em outros voltados para a área da educação realizado a nível local e regional⁵⁷, a partir dos quais pode intervir relacionando as questões da “Amazônia” com o seu engajamento em outras causas como a “educação”.

Após 44 anos de docência na UFPA, Violeta Loureiro se aposentou em 2013, mas seguiu como professora voluntária do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD), ambos da UFPA.

A agente faz parte da Academia Paraense de Letras e da Sociedade Brasileira de Sociologia. Na adolescência era cercada de pessoas engajadas e atuantes diretamente em movimentos estudantis, como sua irmã mais nova, Margareth Refkalefsky, e seu marido, João de Jesus Paes Loureiro (na época namorado e integrante da UAP).

Tais vínculos e relações desenvolvidos ainda na graduação com pessoas com engajadas em causas políticas parecem ter aproximado ainda mais a agente a essas práticas. Por exemplo, ela passou a frequentar as peças da UAP, que tinha Paes Loureiro como diretor do Centro

⁵⁶ Segundo o Livro dos Nomes da ANPOCS (1977-2016), o nome de Loureiro aparece uma única vez referente a participação em 2009. Disponível em:

<https://anpocs.com/images/stories/40encontro/Livrodosnomesanpocs_2016.pdf>

⁵⁷ No Lattes da agente há mais de 150 participações em eventos das áreas de Direito e Ciências Sociais, dentre eles participações em Simpósios e Congressos, exposição de trabalhos, conferência ou palestra.

Popular de Cultura (CPC) na UNE, e a participar das discussões “politizadas”, como conta em entrevista ao Memorial César Leite⁵⁸:

Então era uma peça muito bacana, A Exceção e a Regra. E o Paes Loureiro dirigia. Quando eu cheguei no prédio da UAP estavam na janela o Pedro Galvão de Lima, que era o presidente da UAP, da União Acadêmica, o Paes Loureiro e o Ronaldo Barata, que depois foi diretor do ITERPA e que escreveu aquele livro sobre conflitos de terras. Os três faziam direito (...). Depois que acabou a peça a gente discutia. Tudo era politizado. A gente tomava um cafezinho discutindo o futuro do Brasil, a gente onde se reunia... não tinha droga, apesar da época 60 e pouco, né, dos Estados Unidos o pessoal estar a base do LSD, aqui não. Era na base do cafezinho e quando tinha dinheiro era cerveja. Ninguém era de droga. Então a gente tomava cafezinho um atrás do outro, um atrás do outro, e tudo virava política. Era pra discutir como nós achávamos que nós íamos salvar o Brasil.

No trecho acima, observamos tanto a participação de Violeta Loureiro como a de João de Jesus Paes Loureiro, Pedro Cruz Galvão Lima⁵⁹ e Ronaldo Barata, s discentes do curso de Direito da UFPA e militantes de movimentos estudantis e sociais. Do mesmo modo, Edna Castro e José Carlos Castro também integraram o movimento e, ao que tudo indica, por reunir os Diretórios e Centros Acadêmicos, foi o movimento mais popular do período. E, segundo consta, eles eram uma parte radical da classe média, e carregavam bandeiras de lutas recorrentes do movimento estudantil dos anos 1960 (FONTES e ALVES, 2013).

A UAP tinha um papel crucial em relação à universidade e às lutas estudantis, sobretudo nos anos que antecederam a Ditadura, a linha política do movimento estava centrada nas questões nacionais. Dentre as principais discussões pautadas, encontravam-se questões sobre os problemas das madeiras na “Amazônia” e a construção da rodovia Belém-Brasília. Segundo Pedro Galvão a UAP “tinha uma linha nacionalista que repercutiu muito em todos nós. Hoje são líderes em suas atividades. A UAP teve uma postura nacionalista, mas a posição regionalista também foi de fundamental importância” (FONTES, 2007, p.55; FONTES e ALVES, 2013).

Durante o regime militar, Violeta Loureiro foi chamada diversas vezes para depor no quartel. Dentre as razões, ela havia sido acusada de causar “agitação” e gerar insatisfação na população por causa da escola em que dava aulas. Em um dos episódios, ela reuniu os pais dos alunos para tratar das condições da escola e do material didático que juntava através de doação na livraria de Raimundo Jinkings⁶⁰, membro do PCB e presidente do Comando Geral dos

⁵⁸ Coordenado por Edilza Fontes, professora da história da UFPA, o memorial é um acervo documental em formato digital sobre os anos de 1964 a 1985 no Pará, criado a partir de pesquisa em fontes jornalísticas, documentos do Serviço Nacional de Inteligência (SNI), atas da Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA) e depoimentos de servidores sobre o período da Ditadura Civil-Militar.

⁵⁹ Era o presidente da UAP em 1964, mesma época que houve a invasão pelo exército.

⁶⁰ Durante a Ditadura foi preso e demitido do Banco da Amazônia (BASA) acusado de subversão.

Trabalhadores (CGT), entidade sindical. Outra acusação que sofreu foi pelo fato de alfabetizar os alunos utilizando o método proposto por Paulo Freire, além da sua proximidade com pessoas consideradas “suspeitas”, o que tornou seu “perfil” considerado como “subversivo” pelos militares (LOUREIRO, 2015).

Nessa época, ela havia sido aprovada em dois concursos, o do IDESP e da UFPA. Sua posse não ocorreu de modo imediato exatamente por conta das observações colocadas em sua “ficha” pelos militares. Por isso, Violeta só veio assumir o cargo após a resolução do problema junto a Assessoria de Segurança e Informação (ASI) da universidade e com a ajuda do general Mário de Barros Cavalcante, primeiro superintendente da SUDAM. Já no IDESP a situação foi semelhante, sendo informada pelo diretor-geral da instituição, Adriano Velozes Castro Menezes, que o Serviço Nacional de Informações (SNI) estava “em constante observação e esperavam que cometesse algum deslize para que fosse exonerada” (IDEM).

Porém, Menezes se comunicou com o governador do Pará, o coronel Alacid Nunes, seu amigo próximo, e através dele, Violeta foi indicada a trabalhar na parte de estatística e orçamento do IDESP. Como estava em observação, manteve-se afastada de críticas ou de expressar seu descontentamento com a situação do país. Chegou a ganhar uma bolsa de estudos para estudar na Inglaterra pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), mas na época, Paes Loureiro não foi liberado para sair do Brasil, o que ocasionou sua desistência da bolsa.

Em outros depoimentos da agente, é possível observar o uso da “educação” como uma das “causas” privilegiadas. E, durante o tempo em que esteve ligada à SEDUC, esse engajamento foi intensificado e somado à defesa pela “região amazônica”, principalmente por meio da implantação da disciplina de “Estudos Amazônicos”, cuja importância, segundo ela, era a necessidade de defesa e conhecimento da “região”:

Você só consegue defender uma região, do ponto de vista de agressões ambientais e mesmo agressão de direitos humanos e tudo, se você conhece os problemas da região e os alunos conheciam muito pouco, então, eu comecei a discutir duas questões básicas: era a falta de conhecimento sobre a Amazônia e a importância da sociologia e da filosofia no Ensino Médio e aí surgiu este primeiro livro que tirou até 4 edições e foi distribuído por várias instituições, pela SEDUC aliás, foi distribuído pela SEDUC, foi feito pelo IDESP até a 4ª edição (LOUREIRO *apud* BARROS, p. 95, 2016).

Como já descrito, junto a criação da disciplina “Estudos Amazônicos”, a elaboração e escrita dos livros didáticos foi uma “causa” na qual ela afirma ter interesse não só pela questão da educação, mas também pela “necessidade” de conscientizar as pessoas sobre a “região”:

Eu tenho interesse desde que seja para conscientizar as pessoas sobre a Amazônia, independentemente de qualquer vantagem financeira, de modo geral a gente não ganha coisa nenhuma nessa área, e aí foi quando eu resolvi escrever os dois livros didáticos na década de 90 (LOUREIRO *apud* ALVES, 2016, 50).

No trecho acima, observa-se como a defesa pela “educação” é apresentada como uma “causa” sem outros interesses. Do mesmo modo, as constantes denúncias feitas aos problemas que ocorrem na “região amazônica”, como os socioambientais e a defesa dos povos originários, tornaram-se frequentes na agenda de discussões feitas pela agente em seus artigos, livros ou entrevistas.

Portanto, o seu principal foco parece ter sido o investimento em prol da “educação”, em paralelo e mesclado aos problemas da “região”. A posição dominante parece advir das relações construídas e a parceria com seu marido, Paes Loureiro, especialmente na época em que foi Secretário da Educação do Pará. De modo geral, Violeta conquistou notoriedade em cargos obtidos nessa área em específico como na SEDUC e, sobretudo, com o envolvimento com a elaboração de livros didáticos sobre a “educação da Amazônia”. Ela mantém uma consistente e periódica publicação de livros sobre a “região”, na qual enfatiza explicações para história da “Amazônia” frequentemente associada a preocupações com “direitos humanos”, “desenvolvimento” e “conflitos socioambientais”.

2.4 Edna Castro e a trajetória de militância na “Amazônia”

Edna Maria Cabral Ramos nasceu em Belém no Pará e seu avô materno se mudou de Portugal para o Brasil com dezoito anos, casando-se com a filha de um dono de terras da região próxima de Belém. O pai da agente, Luís Gonçalves Ramos, estudou em Lisboa e foi comerciante por boa parte de sua vida, além de industriário, dono de uma fábrica de sabões e óleos por um breve período, época em que esse ramo era promissor na capital paraense.

Sua mãe, Esmeralda Cabral Ramos foi a primeira mulher a formar-se em Odontologia na Faculdade de Odontologia de Belém, exercendo a profissão em casa, como parte de um acerto que teve com seu marido para não trabalhar fora (CASTRO, 2015). Na obra memorialista “Uma vida amazônica⁶¹”, pode-se observar aspectos decorrentes da vida matrimonial e

⁶¹ Em setembro de 2022 foi lançado um projeto apoiado pela Lei Aldir Blanc e com apoio da Secretaria de Cultura do Governo do Pará que busca resgatar as memórias de Esmeralda Cabral Ramos, através de um livro intitulado

profissional da mãe de Edna Castro, ao que ela chama de vivências de “uma mulher na Amazônia”, uma tentativa de resgate das “memórias” da agente e de sua família.

Quanto a sua formação escolar, Castro concluiu seus estudos no Paes de Carvalho, instituição que teve grande influência em sua trajetória militante, já que fez parte de diversos movimentos estudantis. Antes havia estudado no Grupo Escolar Floriano Peixoto e no Colégio Santo Antônio, colégio da Congregação das freiras Doroteias.

As disposições adquiridas na infância e na adolescência, somadas às vivências na escola Paes de Carvalho são lembradas pela agente para justificar sua escolha do curso de graduação e o fato de, desde cedo, ter se interessado por assuntos relacionados à Sociologia. Naquela instituição, possivelmente o “gosto” pela leitura e o contato com a filosofia marxista através das aulas de um “padre de esquerda” tenham ajudado a influenciar sua escolha profissional.

Nessa época fazia parte de diversos movimentos estudantis, como a Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Estudantil Católica (JEC), posteriormente adentrou na União Acadêmica Paraense (UAP) e Ação Popular (AP). Nos anos do governo de Juscelino Kubitschek (1956 e 1961), a União Nacional dos Estudantes (UNE) empenhava campanhas nacionalistas com vínculo popular, o que possibilitou um processo de politização dos estudantes universitários. Essa ação foi executada principalmente pela Juventude Universitária Católica e Juventude Estudantil Católica e pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). No âmbito da JUC, se mesclava o existencialismo cristão somado a uma abordagem nacional desenvolvimentista de aspiração humanista e personalismo católico (FONTES e ALVES, 2013).

Durante o período escolar engajou-se contra o sexismo e machismo que vivenciou nos locais de militância, como no Colégio Santo Antônio, escola que cursou o ensino primário, onde apontou a separação das alas entre meninas e meninos. Na época, o ambiente escolar detinha diversos grupos organizados e lutas por diferentes bandeiras, tais quais pela meia passagem e pelo ensino público. No entanto, sua principal “causa” defendida ainda era a voltada ao “gênero”, já que compreendia que a separação entre os sexos não poderia mais ser aceita e sim discutida conjuntamente com a comunidade escolar (CASTRO, 2015).

Nesta instituição, integrou a Juventude Estudantil Católica Feminina (JECF), setor feminino da Ação Católica, iniciado em 1937, como parte da Juventude Católica Feminina

“Uma vida amazônica”, obra memorialista da autora que faleceu em 1999. A frente do projeto encontra-se Edna Castro que realizou uma série de *lives* no Instagram com convidados e mediado por Marco Antônio Moreira, dentre os convidados encontram-se a professora de Ciência Política da UFPA, Maria Luzia Miranda Álvares e Edna Castro, além de outros familiares.

(JCF). Dentre as principais ações do movimento, encontravam-se reafirmar a fé entre os jovens, ações missionárias em prol do social e angariar novos jovens para o grupo (PEREZ, 2007).

Como presidente do grêmio estudantil, obteve conhecimentos dos movimentos estudantis e dos encontros realizados, como o Congresso dos Estudantes Secundaristas do Pará e dos eventos realizados pela UNE. Enquanto membro da diretoria da União dos Estudantes Secundaristas, viajou para vários estados, o que modificou e ampliou sua formação política. Além disso, essas vivências foram cruciais para que intensificasse sua militância durante o ensino médio no Colégio Paes de Carvalho.

No período do Golpe Militar em 1964, cursava a graduação de Ciências Sociais na UFPA, integrava a JUC e frequentava a UAP, que reunia todos os distintos Diretórios e Centros Acadêmicos da UFPA. Como seu companheiro, na época namorado e militante, José Carlos Castro era membro da UAP e incorporava a diretoria do movimento, Castro passou a fazer parte das reuniões e acompanhou todo o processo de invasão ocorrida durante a ditadura. Apesar de não chegar a ser presa, viu pessoas próximas serem afetadas diretamente.

Ingressou na AP, fundada em 1962, no período em que ainda formava suas bases. Em Belém, a AP liderava os Sindicatos dos Metalúrgicos, a JEC e JUC como também detinham influência sob a UAP (PÉTIT e CUÉLLAR, 2012). Mesmo que tenham ao longo do tempo transformado seu conteúdo ideológico visto como altamente “conservador” no início de sua criação para o “libertário” e “revolucionário” na década de 1960, as principais características do movimento correspondiam a interferência dos teólogos europeus, destaque num intelectualismo católico e intervenção na política nacional (REIS, 2015).

Mesmo com a interdição das atividades da UNE, os movimentos estudantis e universitários adquiriram intensidade ainda maior do que antes de 1964 (PÉCAUT, 1990). A rede da AP e do PCdoB se localizava na Faculdade de Filosofia, onde se encontrava as disciplinas das Ciências Humanas. O local era conhecido pela ação política, com ações organizadas de boicotes às eleições, coordenadas tanto pela UAP quanto pela AP que lançaram ainda notas de repúdio e buscavam mobilizar a população contra os golpistas (PÉTIT e CUÉLLAR, 2012). Durante o período em que integrou a AP, Castro menciona algumas de suas ações realizadas no movimento:

E.C - Talvez 69, 70, eu vou ficar mais em uma linha de apoio. Por exemplo, eu sabia um pouco do movimento da guerrilha do Araguaia, porque nós fazíamos ações para mantimentos, roupas, apoio financeiro, uma corrente para ser levado para lá, não é? (...) Mas depois eu associei, depois eu soube que colegas minhas que chegaram a ir para lá, duas colegas minhas chegaram a ir, não ficaram na guerrilha, mas chegaram

a ter treinamento, essas pessoas me contaram e eu liguei um pouco as pontas e eu vi que eu estava colaborando para o movimento um pouco mais insurrecional.
C.C. – Você não estava mais na faculdade? Você já tinha se formado?
E.C. – Eu já tinha me formado.
C.C. – Aí era em que rede política que você participava?
E.C. – Era a rede que eu tinha quando estava na universidade, era a rede da AP e do PCdoB.

Mesmo sendo ativa politicamente, sua família preferia manter distância de qualquer envolvimento nesse nível e mantinha uma “tradição conservadora”. Seu avô fez parte da política correligionária da região de Acará, Moju, Tomé-Açu, era classificado como à “direita” no espectro político. Já seu pai apesar de ser “afeiçoado” a João Goulart, não dispunha de nenhum engajamento partidário ou histórico de envolvimento com qualquer tipo de militância. Conseqüentemente, as escolhas políticas da agente, especialmente suas leituras e o envolvimento com José Carlos Castro, militante partidário e o envolvimento com movimentos sociais e universitários, geravam preocupação à família.

O mestrado foi realizado entre 1978 e 1983 e marcado por uma viagem para a França. Posteriormente, fez seu doutorado em Sociologia na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Nas suas respectivas dissertação e tese ela discutiu a temática da industrialização, orientada por Henri Desroche⁶². Esse pesquisador desenvolvia pesquisas centradas em sistema cooperativos, religião e movimentos. E, no pós-doutorado, iniciado em 1992, Edna passou a pesquisar a “Amazônia” no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS).

A ida à França parece ter sido um empreendimento familiar planejado. Ela conheceu seu marido, José Carlos Dias de Castro, em reuniões da União Acadêmica Paraense. Ele era ativo em movimentos estudantis e universitários, e frequentava as mesmas entidades que a agente.

⁶² Sociólogo e sacerdote da Ordem Dominicana, é conhecido como o “sociólogo das religiões” e pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

José Carlos Dias de Castro nasceu em Cametá no estado Pará, filho de um maestro, musicista e professor, formou-se em direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e tornou-se professor da mesma universidade, após passar em um concurso em 1971. Obteve a diplomação de Mestrado e Doutorado em Direito e Filosofia pela Universidade de Sorbonne na França, ao retornar, assumiu a procuradoria da UFPA. Ao lado de Benedito Nunes, criou o primeiro Clube de Filosofia da Federal do Pará. Durante a sua vida, manteve uma trajetória de militância em movimentos estudantis e universitários, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) no Pará, ajudou a criar e foi o primeiro presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/PA) durante a Ditadura Militar e atuou como advogado na luta pelos direitos humanos na Amazônia. Também esteve envolvido na fundação da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos. Foi candidato a deputado federal pelo PT na Constituinte e atuou como consultor jurídico da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Lecionou por cerca de 30 anos nos Programas de Pós-Graduação em Direito da UFPA e manifestava-se em revistas e jornais publicando seus trabalhos contra a devastação da Amazônia e do Sul do Pará. Em 2013 publicou o livro *Artigos Definidos*, um copilado de artigos escritos durante os anos de 1990 na imprensa de Belém. No livro, aborda as mais distintas temáticas regionais, nacionais, internacionais, jurídicas, religiosas, artísticas e políticas e conta as experiências vivenciadas em seu grupo de estudos junto de outros intelectuais, como Arthur Cezar Ferreira Reis, Benedito Nunes, Ruy Barata. Em sua homenagem a OAB/PA criou o prêmio “José Carlos Castro” e concede o prêmio aos cidadãos que se destacam na defesa dos direitos humanos da Amazônia. Faleceu em dezembro de 2021 aos 86 anos.

Fonte: Instituto de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Pará

Ao que tudo indica, o ciclo social estabelecido por José Dias de Castro e as ligações com diversos intelectuais brasileiros⁶³ (dentre eles, Arthur César Ferreira Reis, Paulo Mendes, Ruy Barata e Benedito Nunes, entre outros) fizeram com que Edna Castro e os filhos do casal estabelecessem uma convivência de maior proximidade com esse universo. Eram constantes os encontros de Benedito Nunes e sua esposa na capital francesa durante o doutorado do casal, assim como era frequente o contato da família com intelectuais brasileiros e franceses (CASTRO, 2013).

O casamento aconteceu em 1967 e Edna Maria Cabral Ramos incorporou o sobrenome do marido, passando a se chamar Edna Maria Ramos de Castro. Juntos, o casal teve dois filhos. A primogênita, Jorane Ramos de Castro, formou-se em Comunicação Social na UFPA, em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais na Universidade de Paris 8. Ela atua como roteirista, diretora e fotógrafa de filmes e documentários sobre diversas regiões, especialmente a “Amazônia”. O filho mais novo, Carlos Potiara Ramos de Castro, é formado em *Licence Information et Communication* e em *Maîtrise Information et Communication* na Universidade de Paris. Ele é professor no curso de Especialização em Estudos Amazônicos do Núcleo de Estudos Amazônicos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, da UnB. Suas pesquisas enfatizam a geopolítica da “Amazônia” e trata de temáticas, regiões, narrativas e interdisciplinaridade das socioculturais americanas.

⁶³ No livro *Artigos Definidos*, coletânea de artigos escritos na década de 1990 e lançado em 2014, José Carlos Dias de Castro destacando diversos temas, ele chega a mencionar um pouco da convivência com outros intelectuais de sua época.

Se por um lado a experiência com os movimentos estudantis foi encerrado, por outro, a experiência na França rendeu a Castro uma expansão dos seus conhecimentos e aprofundamento de seu engajamento. No país conheceu outros movimentos e projetos políticos, como o PT de “frente francesa” e pôde conviver com pessoas de distintos países e “culturas”, como da própria América do Sul. No grupo Mulheres Latino-Americanas, chegou a participar da revista do movimento como editora junto com outras mulheres exiladas das ditaduras que estavam ocorrendo na América Latina, como Argentina e Chile, assim como entrou em contato com mulheres da Venezuela, Equador e de países da América Central. Nesses encontros descobriu a diferença entre os movimentos que costumava a participar no Brasil e o encontrado na França:

Para mim foi uma descoberta. Porque, mesmo que a gente tenha sido militante no Brasil, foi uma militância doméstica e eu percebi que era uma militância doméstica. E eu fui me defrontar com essa diversidade e essas disputas. Porque não era uma reunião cordial, era uma reunião de disputa de lugares políticos e de propostas de ideias etc. Eu ingressei então nesse grupo, acabei ficando editora da revista, porque tinha uma revista que se chamava *Herejías* (CASTRO, 2015, p.18).

As discussões eram pautadas pela questão de “gênero” e se discutiam sobre “mulher”, “política” e “sexualidade”, temas segundo ela, eram debatidos predominantemente pelos grupos de “esquerda” (IDEM). A experiência militante na França foi para além do movimento feminista e se expandiu para as suas pesquisas sobre “trabalho” e “gênero”, mesmo após retornar ao Brasil.

Além disso, integrou o movimento ecológico que vinha crescendo no mundo, se envolveu com debates, discussões, participou de grupos em defesa da “Amazônia” e auxiliou na criação de uma revista sobre a “região”. A questão ambiental passa a ser sua preocupação ainda durante o pós-doutorado, no entanto, antes de fazer suas pesquisas, frequentou reuniões e participou de discussões e manifestações, feitas com base no livro de Alain Touraine sobre o movimento ecologista. A experiência nesses movimentos, especialmente no movimento feminista, segundo ela, viria a fazer parte de toda a sua vida:

Eu militei, me tornei militante feminista. Acho que você quando passa a ser militante feminista você é feminista para o resto da vida. Mesmo que eu não milite mais em nada, você tem a cabeça um pouco assim. Depois esses grupos, nessa experiência que eu tive, as disputas eram muito grandes (CASTRO, 2015, p. 21).

O trecho acima pode ser relacionado ao que Erick Neveau (1996) destacou sobre a militância ser também uma forma de instituir a garantia permanente de uma identidade valorizadora, pois está ligada a uma causa que é experimentada como transcendental na

biografia do indivíduo. Esse aspecto é reforçado no retorno da agente ao Brasil, nas quais as participações em movimentos que outrora fizera parte vão deixando de ser o foco principal e dão lugar as pesquisas realizadas sobre a “gênero” e “Amazônia”, como professora da UFPA. Sua atuação política ganha novos contornos, como ela conta em entrevista ao CPDOC:

Então a minha volta é isso, é retomar a pesquisa nessa linha, uma certa militância feminista, não organizando grupos feministas, que não era muito o meu interesse, mais organizando a discussão mulher, sobre trabalho e mulher, sobre mulher e política (...) e agora quando eu volto o meu trabalho vai se mais focado na militância regional da Amazônia porque nós chegamos numa situação que todos os desastres produzidos pela ditadura, os grandes projetos, as estradas que foram abertas, como a transamazônica, a migração, essa desorganização do espaço, desorganização da vida de muitas pessoas, as ameaças indígenas, mortes de índios (...) então todo esse impacto do processo de destruição que tava ocorrendo na Amazônia, essa transformação enorme que na verdade destrói muito também, né, isso me impactou, e eu acho que foi um pouco um canal que eu acabei me direcionando, e construindo a crítica a esses processos (CASTRO, 2014, p. 19).

As afirmações feitas no trecho acima convergem aos artigos, entrevistas, palestras em eventos ou em posts no seu Instagram⁶⁴, na qual é sublinhado o apoio a diversas “causas” como em defesa da “região amazônica”, aos direitos das mulheres, dos povos indígenas e em apoio ao presidente Lula. Assim como são frequentes as denúncias sobre o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), especialmente o descaso com a “região amazônica” e os ataques aos direitos humanos.

Quanto ao percurso profissional de Edna Castro, este assemelha-se em algum grau ao de Bertha Becker. Ambas, para além das atuações de ensino e pesquisa sobre a “região”, apresentam a ocupação de cargos administrativos ao longo de sua biografia. Castro ocupou posições dirigentes na UFPA, sendo a mais expressiva e indissociável da sua trajetória a atuação como diretora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), ao que se dedicou por mais de 30 anos. Nesse sentido, a apreensão do contexto de surgimento do NAEA e o processo de chegada ao cargo da diretoria, assim como a localização dos outros diretores do Núcleo, são cruciais para compreender os recursos, o significado, a posição do Núcleo e os critérios de seleção, fazem do NAEA uma entidade cuja existência é inseparável dos investimentos da agente.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/ednamosdecastro/>>

Segundo Silvia Lima Moreira⁶⁵, elaboradora do livro “Ciência e educação superior na Amazônia - Trajetória e contribuição do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará”⁶⁶, que trata então da história do núcleo, com as reformas e projetos que ocorreram na Amazônia na década de 1970 (em plena Ditadura Militar), a “região” passou de economia extrativista a uma região de agropecuária, siderurgia, mineração e metalurgia, com a criação e expansão de universidades e programas institucionais (MOREIRA, 2018).

Em meio a todas essas mudanças, com a Reforma Universitária de 1968, o NAEA foi criado. O núcleo surgiu como uma das proposições incluídas no documento chamado Esboço de concepção básica de uma universidade para a “Amazônia”, elaborado por uma comissão de professores⁶⁷ e alunos, formada na antiga Faculdade de Ciências Econômicas da UFPA. Com o objetivo de ser voltado para fora das universidades, era tido como um projeto integrador, que aproximaria a UFPA da sociedade (IDEM).

Foi no Plano de Reestruturação da UFPA que o NAEA apareceu pela primeira vez, submetido ao Conselho Federal de Educação (CFE) e aprovado em 16 de dezembro de 1969, por meio do Decreto nº 65.880, e em 1972 o Conselho Universitário da UFPA aprovou o regimento do NAEA. Assim, foi instituído como instituto interdisciplinar voltado aos estudos sobre a “região amazônica”, além dos demais países vizinhos do Brasil, ecossistemas e florestas tropicais úmidas, sendo vinculado a Reitoria da universidade (MOREIRA, 2018; CASTRO, 2001).

Por ser subordinada à Reitoria, a escolha do coordenador partia do próprio reitor. Dentre os diretores do NAEA, até Edna Castro assumir em 1996, houve 7 diretores⁶⁸, que desempenharam e assumiram papéis que garantiram a implantação, consolidação e expansão do núcleo. Nos quase 40 anos de existência (1973- 2009) Edna Castro foi a única mulher a ser diretora no NAEA e a única a ser diretora por mais de duas vezes, detendo o segundo período de maior atuação, depois apenas de José Marcelino Monteiro da Costa, diretor por 10 anos (MOREIRA, 2018).

⁶⁵ Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da UFPA, bibliotecária do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA) e coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBIC/CESUPA).

⁶⁶ Publicado pela Editora do próprio NAEA em 2018, conta com o prefácio de Luis E. Aragón, orientador da pesquisa de Lima Moreira que deu origem ao livro, um dos coordenadores do NAEA entre 2000-2004 e coordenador da Cátedra UNESCO de Cooperação Sul-Sul Para o Desenvolvimento Sustentável.

⁶⁷ Os professores Armando Dias Mendes, José Marcelino Monteiro da Costa e Rui Barreiros da Rocha e pelos alunos Aleksei Turenko Júnior, Maria de Lourdes Medeiros e Sebastião Ramalho fizeram parte da comissão.

⁶⁸ Os diretores do NAEA por ordem de gestão foram: Armando Dias Mendes, José Marcelino Monteiro da Costa, Manoel Pinto da Silva Júnior, Raymundo Heraldo Maués, Raul da Silva Navegantes, Mário Nazareno Noronha Faria e Souza, Francisco de Assis Costa, Edna Maria Ramos de Castro, Luis Eduardo Aragón Vaca.

A presença da agente é constante em vários espaços do núcleo, como na editora, nas publicações, comitê científicos, organização de eventos, palestras, etc. Com exceção dos fundadores do NAEA, José Marcelino Monteiro da Costa e Armando Mendes, figuras apontadas pelos outros diretores como cruciais para o Núcleo, o restante possui poucas expressões (ao menos publicizadas) quanto a sua atuação no NAEA.

O primeiro contato de Edna Castro com o NAEA ocorreu ainda como aluna da UFPA, através da participação no FIPAM (Formação Internacional de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas), primeiro curso de pós-graduação na área de humanidades na “Amazônia”, por indicação de Samuel Sá, pesquisador da instituição (CASTRO, 2014). Segundo a agente:

O curso, de certa forma, pesou na minha trajetória de pesquisa e interesse maior pela Amazônia. Mas somente em 1985 fui trabalhar no NAEA, ministrar uma disciplina – Teorias do Desenvolvimento – a convite do professor José Marcelino Monteiro da Costa, que era coordenador do núcleo. Aceitei e, por muitos anos, lecionei essa disciplina na perspectiva das ciências sociais, embora dando também aulas do Departamento de Sociologia (CASTRO, 2014, p. 229).

Depois de sua ida à França para a realização da pós-graduação, Edna Castro retornou ao Brasil e retomou o cargo de professora de Sociologia do Departamento de Sociologia, passando a fazer parte do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, que não contava com um corpo docente próprio. Na época, ela chegou a criar um projeto de curso de especialização intitulado Teoria Sociológica e Sociologia no Brasil, aprovado e financiado pela Capes. Após a conclusão do curso, Edna passou a integrar o departamento do Núcleo e a dar aula de Sociologia do Desenvolvimento, a convite do então diretor José Marcelino Monteiro da Costa. Como vice-diretora, Edna Castro elaborou uma proposta de equiparação entre os coordenadores e vice coordenadores do NAEA e entre os diretores e vice-diretores dos Centros da UFPA. Nesse período, ela fazia parte da chapa de Heraldo Maués para a gestão do NAEA, ocupando a posição entre 1985 e 1989 (MAUÉS, 2013).

Ela assumiu a diretoria do Núcleo pela primeira vez entre 1996 e 2000 e pela segunda vez entre 2004 e 2009. Das suas gestões, destaca-se a criação do Fórum de Pesquisa e Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, em dezembro de 2008, e a instituição do Fórum Amazônia Pesquisa⁶⁹, em junho de 2009, apresentado como estímulo e

⁶⁹ Segundo o site do NAEA, o Fórum Amazônia Pesquisa é uma instituição sem personalidade jurídica e sem fins lucrativos, criada em dezembro de 2008 e instituída em junho de 2009, para articular e integrar as ações dos Programas de Pós-Graduação das universidades da Amazônia com atuação nas áreas temáticas das políticas

fortalecimento à pesquisa, com a ampliação de bolsas, intercâmbio acadêmico entre o NAEA e outras instituições nacionais e internacionais.

Houve igualmente o investimento em vários cursos de especialização como: “Curso Internacional em Política Científica e Tecnológica para a Amazônia”⁷⁰ ofertado em 1996, 1997 e 1999; “Curso de Especialização em Planejamento, Gestão e Educação Profissional”⁷¹ ofertado em 2004; “Curso de Especialização em Educação Ambiental e Manejo de Recursos Naturais”⁷² em convênio com o Governo do Estado do Amapá realizado em 2004; “Curso de Especialização em Planejamento Urbano e Gestão Local”, em convênio com a Prefeitura de Parauapebas e o “Curso de Especialização em Desenvolvimento e Gestão de Cooperativas de Créditos da Amazônia”, em parceria com a Central de Cooperativas de Crédito do Pará realizado em 2006 e 2007 (MOREIRA, 2018).

Como pesquisadora, a agente apresenta em seu Currículo Lattes diversas produções publicadas na Editora do NAEA. São cerca de 21 artigos publicados pelas revistas do NAEA, 35 capítulos de livros, 11 livros organizados, 5 livros, além de outras produções técnicas, projetos de extensão, participação em eventos organizados e trabalhos apresentados. Desde 1988 ela integra o corpo editorial do periódico Novos Cadernos NAEA, e desde 2012 é membro do corpo editorial do periódico Papers do NAEA, além de ser revisora desses periódicos.

Apesar disso, sua atuação acadêmico-profissional não se restringe ao Núcleo. Para além dele, Castro produziu filmes sobre as situações vivenciadas em suas pesquisas, intitulados “Projeto Carajás” e “Marias da Castanha”. O primeiro filme, “Projeto Carajás”, retrata as pesquisas sobre os grandes projetos de mineração e conflitos provocados pela sua expansão sobre terras da pequena produção agrícola, abordando o projeto Ferro Carajás, a migração, além de aspectos sociais que envolvem esses elementos. Já “Marias das Castanhas” é resultado das pesquisas sobre as fábricas de produtos regionais, especialmente as fábricas de castanha em Belém, e demonstra a preocupação da agente com a “questão de gênero”, um dos objetos de pesquisa privilegiados, depois da “região amazônica”.

públicas e do desenvolvimento sustentável regional. E conta com várias universidades brasileiras como Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade da Amazônia (UNAMA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Disponível em: < <http://www.naea.ufpa.br/index.php/vertical-forumamazonia>>

⁷⁰ Também foi ofertado em 1989 e 1995.

⁷¹ Ofertado pela primeira vez em 2002.

⁷² Ofertado pela primeira vez em 2001.

Na década de 1980, ela ainda esteve envolvida nos diálogos que culminaram na criação de um grupo de estudos sobre a questão da mulher na UFPA, junto com Rosa Acevedo Marin⁷³ e a sua orientanda Maria Luzia Álvarez⁷⁴ (ÁLVARES, 2012). Edna participou dos encontros e reuniões relacionados a mesma discussão, como o I Encontro de Pesquisadoras sobre a Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste, que facilitou a criação da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulher e Gênero (REDOR N/NE). Como consequência, foi criado o Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero – GEPEM, reunindo pesquisadoras da UFPA de diversas áreas do conhecimento.

Edna Castro também faz parte do corpo docente do grupo de especialização “Análise das teorias de gênero e feminismos na América Latina” (criado em 2019 e coordenado por Maria Luzia Álvares), e coordenou o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento do Trópico Úmido do NAEA, entre 1994 e 1996. Ela persiste ocupando postos de diretoria de associações profissionais, com ênfase na ANPOCS e SBS.

Em relação à SBS, visitamos os sites e arquivos que contam com os anais do congresso dos últimos dez eventos e cruzamos com as informações encontradas no Currículo Lattes da agente. Destacamos a recente participação no XX Congresso Brasileiro de Sociologia, que seria realizado presencialmente em Belém no Pará, mas, devido a Pandemia da Covid-19, ocorreu de forma remota em 2021. Castro participou de mesa-redonda, sessão especial, lançamento de livros, comitê de pesquisa e no “Fórum Especial da Amazônia”. Além de ter sido a coordenadora executiva do evento, ela integrou a comissão organizadora do “Circuito Amazônia” e o comitê científico.

No XXI Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido presencialmente na UFPA em 2023, Castro fez parte da comissão organizadora e científica do evento, ministrou a conferência de abertura intitulada “A Amazônia na cartografia política da modernidade contemporânea”, foi expositora e coordenadora respectivamente dos fóruns e sessões especiais “As ciências sociais, abordagens contextualizadas e rupturas paradigmáticas”, “América Latina e aportes do pensamento crítico à construção do futuro”, este último dividido em duas sessões.

⁷³ Graduada em Sociologia pela Universidad Central de Venezuela, é doutora em História e Civilização - École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França, com pós-doutorado na Université de Québec à Montreal, Canadá e no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL) na França. É professora Titular da Universidade Federal do Pará vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido - PPGDSTU

⁷⁴ Graduada em Ciências Sociais pela UFPA, foi orientanda de Castro durante o mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido e possui doutorado em Ciência Política na UFPA. É professora de Ciência Política da UFPA.

No restante dos eventos, nota-se a participação constante de Edna em grupos de trabalho relacionados a Sociologia Urbana e em mesas-redondas, como no XIX Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Florianópolis em 2019; no XVII Congresso Brasileiro de Sociologia, que ocorreu em 2015 na cidade de Porto Alegre; e no XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido em Salvador em 2013.

Com base nos dados localizados, não se pode afirmar que a agente manteve certa regularidade em apresentações de trabalho ou participação de mesas desde que iniciou sua carreira acadêmica, apenas que nos últimos cinco eventos realizados ela esteve presente. No restante, encontram-se, por exemplo, informações de atuação como integrante do conselho fiscal do IX Congresso Brasileiro realizado em Porto Alegre, em 1999.

No caso da ANPOCS⁷⁵, além da frequência nos cargos de diretoria, participou em conselhos, como no Conselho Emérito BIB, no Conselho BIB, no Conselho Editorial RBCS, no Conselho Editorial BIB e no Comitê de Bolsas IAF. Em relação às mesas-redondas que ocorrem no evento, no Currículo Lattes da agente não há registro de presença constante⁷⁶ e há a participação em somente duas: uma intitulada “Projeto modernizador de construção da nação e estratégias de redefinição do Estado e suas margens em contextos amazônico e latino-americano”, e outra sobre conflitos socioambientais intitulada “Mariana, crônica de um desastre: mineração, sofrimento social e resistência realizada em 2016”. Não localizamos muitos registros de participações em coordenações de GTs⁷⁷, apenas em apresentações de trabalho, além de exposições em conferências e comitês de pesquisa.

Conforme elenca no seu lattes, Edna Castro atua nas áreas de Políticas Públicas; Sociologia do Desenvolvimento e Sociologia do Trabalho. No Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, ela consta como coordenadora do grupo de pesquisa “Trabalho, Empresas e Mercados Globalizados”, formado em 1995, atuando nas linhas de pesquisa “trabalho e conflitos étnicos”; “globalização”, “colonialidade” e “transformações sócio-territoriais”; “dinâmicas sociais e empresariais”, “conflitos e desastres”, “hidrelétrica e mineração”. Ela ainda é participante dos grupos de pesquisa Trabalho e Sociedade na Amazônia; Grupo de Estudos Amazônicos e

⁷⁵ No “Livro dos nomes da ANPOCS” (1977-2016), o nome da agente aparece com referência aos anos de 1985, 1986, 1990, 1991, 1995-1998, 2001, 2002, 2004, 2008, 2010-2012, 2013-2015.

⁷⁶ Apesar disso, há a participação nos eventos realizados em 2008, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2016.

⁷⁷ Os registros sobre grupos de trabalho são três ocorridos respectivamente em 1995 no GT-Trabalho e Sociedade, em 2010, em 2011, no GT 07 - Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição, em 2014 no GT 28 - Pensamento Social no Brasil e em 2015 ela apresentou no GT – O pensamento social latino-americano: legado e desafios contemporâneos.

Ambientais – GEAM; Observatório de Comunicação, Culturas e Resistências na Pan-Amazônia; Sociedade, Ambiente e Ação Pública.

Mesmo aposentada, segue como professora voluntária do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico úmido (PPGDSTU/NAEA) e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCH), ambos da UFPA.

Ela ainda fez/faz parte de diversas associações profissionais, ocupando postos administrativos. A agente foi vice-presidente por duas gestões consecutivas (2019-2021 e 2021-2023) da Sociedade Brasileira de Sociologia, assim como já fez parte da diretoria por algumas vezes, chegando à presidência da SBS em 2023. Manteve outras atuações no âmbito administrativo principalmente de associações profissionais⁷⁸. Foi presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), entre 2007 e 2009. Foi diretora Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre 2011 e 2015, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) durante três períodos, entre 1986 e 1988; 1994 e 1996; 2012 e 2014.

Com os dados identificados acima percebe-se que para Edna Castro, o peso das relações que construiu em seu percurso, desde a relação com José Carlos Castro, o ciclo de intelectuais, o envolvimento com associações profissionais e os cargos nesses locais são alguns dos elementos que podem explicar a sua legitimidade enquanto intérprete da “região”. A agente esteve desde o início de sua atuação acadêmica ligada a SBS, ANPOCS, ANPUR, ao mesmo tempo, que se nota que ela não detém certa regularidade apresentando trabalhos ou compondo mesas.

Sua atuação em cargos administrativos não se restringe a essas associações e o envolvimento com o NAEA parece ter sido o maior trunfo da agente. A relação com o núcleo, rendeu duas direções e envolvimento com a Editora do NAEA, o que poderia explicar as parcerias em publicações e organizações da maioria dos livros que constam no Lattes da agente, como veremos no próximo capítulo. Soma-se a isso, a trajetória militante, no qual desde jovem esteve interligada com movimentos estudantis e sociais, além de envolver-se com a defesa de “causas”, especialmente pela “região” e “gênero”.

⁷⁸ Assim como no SBS, a ANPUR, ANPOCS, SBPC mantém uma estratégia semelhante para a ocupação dos cargos administrativos.

2.5 As divergências e convergências entre os perfis das pesquisadoras da “região”

Analisando os perfis das agentes, algumas indicações podem ser feitas, especialmente sobre as divergências entre as origens geográficas e sociais, os investimentos profissionais e o momento em que iniciam suas pesquisas sobre a “Amazônia”. Assim como possibilita identificar as convergências quanto as inscrições culturais e militantes e a defesa de “causas” como pela “região amazônica”.

Dentre os aspectos que mais se destacam pelo distanciamento que causa nos perfis, está o aspecto geográfico e o geracional. Isso porque temos o caso de Betty Meggers, a única entre os quatro casos pertencente a outro espaço social e político. Seu perfil se destoa dos demais principalmente quanto as diferenças entre as atividades profissionais que realizou como professora e pesquisadora e a relação com as pesquisas na “região”. Nascida nos Estados Unidos, Meggers se consolidou como uma arqueóloga pioneira em pesquisas na “Amazônia” e em diversos países na América do Sul. O caso que mais se aproxima ao de Meggers é o de Bertha Becker, oriunda do Rio de Janeiro, que também pertence ao “centro” de poder do país. O restante das agentes, Edna Castro e Violeta Loureiro estão inseridas dentro do que chamam de “realidade amazônica”, nascidas respectivamente no Pará e em Roraima.

Além disso, elas são pertencentes a gerações diferentes, Bertha e Betty são mais velhas e quando iniciaram suas pesquisas sobre a “região” já estavam com suas carreiras consolidadas, enquanto Edna e Violeta ainda estavam conquistando suas titulações. Quanto a este aspecto, ele é tão fundamental quanto o geográfico, pois através dele é possível compreender a forma como foram reconhecidas por suas pesquisas na “Amazônia”. Além do papel que é atribuído a elas, como o “pioneirismo” desempenhado pelas duas primeiras e suas áreas de estudo, refletidos nas homenagens que receberam após seus falecimentos.

Somado ao aspecto geográfico e geracional, a profissão dos antepassados é outro elemento de divergência entre elas. Mesmo todas elas sendo descendentes de imigrantes, com seus pais e avós vindos da Europa, há uma divisão quanto a profissão deles, entre aqueles inseridos no universo intelectual e empresarial, atuando respectivamente em “causas” como a filantropia (Bertha Becker e Betty Meggers) e aqueles que foram profissionais autônomos, envolvidos com o comércio local (Edna Castro e Violeta Loureiro). Apesar disso, todos eles investiram na educação de suas filhas que se graduaram e pós-graduaram em distintas áreas.

Quanto ao percurso acadêmico das agentes na graduação e pós-graduação é predominantemente a área das Ciências Humanas, dividindo-se entre Geografia na UFRJ

(Bertha Becker), Arqueologia na Universidade da Pensilvânia (Betty Meggers) e Ciências Sociais na UFPA (Edna Castro e Violeta Loureiro). No mestrado essas escolhas pouco se modificam, com exceção de Betty Meggers, que obtém o título na área da Antropologia na Universidade de Michigan, e Bertha Becker, que foi direto para o doutorado. As outras agentes continuaram na área das Ciências Sociais, especificamente em Sociologia, mas em distintas universidades, Unicamp (Violeta Loureiro) e EHSS (Edna Castro).

Quanto ao doutorado, Bertha Becker obteve o título na UFRJ na área da Geografia, Betty Meggers retornou para a Arqueologia na Universidade de Columbia. Já Edna Castro e Violeta Loureiro conquistaram suas titulações na área da Sociologia, respectivamente Na EHSS e na IHEAL, ambas na França. Todas as agentes fizeram pós-doutorado, com exceção de Betty Meggers, como observado no Quadro 7.

Quadro 7: Formação escolar das agentes

AGENTES	GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO	PÓS-DOCTORADO
Bertha Koiffmann Becker	Geografia e História / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1949-1952)	-	Geografia / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1970)	Geografia/ <i>Massachusetts Institute of Technology</i> (MIT/EUA) (1986)
Betty Jane Meggers	Antropologia/ Universidade da Pensilvânia (1943)	Arqueologia / Universidade de Michigan (1944)	Arqueologia / Universidade Columbia (1952)	-
Edna Maria Ramos De Castro	Ciências Sociais / Universidade Federal do Pará (UFPA) (1966-1969)	Sociologia / École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHSS) (1977-1978)	Ciências Sociais / École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHSS) (1979-1983)	Sociologia/ <i>Centre National de la Recherche Scientifique</i> (CNRS) (1992-1994)
Violeta Refkalefsky Loureiro	Ciências Sociais / Universidade Federal do Pará (UFPA) (1966-1969)	Sociologia / Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (1980-1985)	Sociologia / Institut Des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL) (1991-1994)	Sociologia/ Universidade de Coimbra (2005-2006)

Fonte: Currículo Lattes

O início das pesquisas sobre a “Amazônia” difere-se pelos diferentes momentos de suas carreiras. Bertha Becker inicia suas pesquisas quando já está consolidada como professora do IRB e através das viagens passou a pesquisar a “região”, preocupando-se com questões relacionadas a “transformação agropecuária”, “desigualdade regional” e a “Amazônia”. Enquanto Betty Meggers vem ao Brasil algumas vezes com apoio do *Smithsonian Institution* para dar continuidade em suas pesquisas sobre a arqueologia amazônica. Para os outros dois casos, esse processo ocorre durante a fase da pós-graduação onde a maioria passou a investir

em pesquisas sobre a “região”. Violeta Loureiro começou estudando os problemas da pesca na “Amazônia” no mestrado e como professora da UFPA passou a focar nos problemas ambientais da “região”. Por fim, Edna Castro, durante a passagem pela França se envolveu em debates sobre questões relacionadas a “Amazônia”, mas foi apenas no pós-doutorado que começou a pesquisar hidrelétricas e seus impactos na “região amazônica”.

Os perfis também variam quanto ao tipo de circulação internacional, especialmente no que se refere aos projetos e passagens pelo exterior. Entre as agentes, Betty Meggers ao longo de sua carreira elaborou projetos de pesquisa e realizou minicursos em parceria com universidades da América Latina, publicou diversos artigos com professores e pesquisadores desses países. Bertha Becker conquistou posição notável em diversas instituições internacionais, como a União Geográfica Internacional, onde galgou posições até o cargo de vice-presidente, visitou diversos países para realizar palestras, conduzir projetos e ministrar aulas. Edna Castro destaca-se pela organização de livros com professores de universidades estrangeiras, assim como visitou algumas instituições europeias. Quanto a Violeta Loureiro, seu investimento concentra-se no Pará e não foram localizados ligações com instituições e professores de outros países.

Para todos os casos, observa-se que não apresentam um grande volume de coordenação de grupos de trabalho e mesas-redondas. Apesar disso, ocuparam diversos cargos de gestão dentro dessas associações e possuem uma rede de contatos estabelecidas que possibilitaram a organização e publicação de livros, coletâneas e elaborações de projetos de pesquisa com outros pesquisadores.

No Brasil, os recursos escolares e as relações sociais (mesmo que tomados como opostos) são cruciais para o alcance do topo da hierarquia social e acadêmica (CORADINI, 2011). Nessas condições, as atividades referentes à condição de professor de ensino superior estão subordinadas a uma espécie de *spoil system*, no qual estão situados no topo, os cargos e atividades associadas à gestão e à “política”. A chegada a esses cargos (assim como aqueles relacionados com o poder de decisão política) são quase totalmente ocupados com base em indicações de “confiança”, “políticos”, em “comissão” (CORADINI, 2018).

Por essas relações serem decisivas nos níveis mais elevados da hierarquia acadêmica, junto com as atividades de pesquisa, o peso das referências internacionais e as relações sociais são cruciais como recurso de legitimação para ocupação de cargos de gestão nas universidades, governos em geral. Estando refletidas em outros tipos de recursos, como as bolsas de produtividade do CNPq, projetos de pesquisa e publicações (IDEM).

Essas nuances podem ser observadas nos investimentos profissionais mais gerais das agentes, que se diferem quanto à atuação em cargos administrativos. O ingresso nos primeiros cargos de atuação é por um lado, em cargos de auxiliar de ensino, professoras de ensino básico e posteriormente concurso público para universidade (Bertha Becker, Edna Castro, Violeta Loureiro) e por outro, trabalho de pesquisa associada a museu (Betty Meggers).

Quando já consolidadas em suas carreiras, Betty Meggers se fixou no *Smithsonian Institution* e foi instrutora na Universidade de Washington, dedicando-se a realizar pesquisas na América do Sul. As outras agentes se dividiram entre a sala de aula e cargos em órgãos públicos, no caso de Bertha Becker, ela atuou em diversos cargos dentro da UFRJ, passando pelos cargos de docente (chegou a ser professora emérita) e coordenadora de pós-graduação (em Geografia), por exemplo. Ela também prestou inúmeras consultorias ao Governo Federal, atuou no IRB e fez parcerias com órgãos de pesquisa internacional, como a UGI e foi bolsista produtividade do CNPq, nível 1A.

Em menor grau, Edna Castro e Violeta Loureiro estabeleceram-se na UFPA como docentes, ambas alcançaram o título de professora emérita. A primeira detém uma longa relação com um dos principais núcleos de pesquisa sobre a “Amazônia” e a segunda, para além da docência e pesquisa foi diretora geral da SEDUC e realizou trabalhos para o IDESP.

Coradini (2018) chama atenção para uma conversibilidade “natural” das atividades de pesquisa, publicações, orientações, em gestões em projetos de pesquisa ou em instituições em geral, em “assessorias” a organizações governamentais, além do próprio engajamento em associações, como uma passagem do “pesquisador” para “político”, o que parece ser o caso dos perfis das agentes aqui analisadas. Para além das participações em movimentos estudantis (para os casos de Edna Castro e Violeta Loureiro), a defesa da “região” é tomada como “causa” pelas agentes (com exceção de Betty Meggers), que fazem denúncias e prescrevem soluções para conflitos socioambientais, gestão e uso da tecnologia na “Amazônia”.

É frequente o envolvimento com associações profissionais de suas áreas de atuação para todas elas, como Associação Americana de Antropologia (AAA) e *National Science Foundation* (NSF) (Betty Meggers), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) (Violeta Loureiro e Edna Castro), Academia Brasileira de Ciências (Bertha Becker) e de Letras do Pará (Violeta Loureiro), além do Instituto Histórico Geográfico do Pará (Bertha Becker). A entrada nessas associações profissionais possibilita, a circulação tanto nacional quanto internacional das publicações e ideias formuladas pelas agentes. No Quadro 8, é possível observar as inscrições culturais, políticas e inserções profissionais das agentes.

Quadro 8: Inscrições políticas e culturais e inserções profissionais das agentes

AGENTES	INSCRIÇÕES CULTURAIS	INSCRIÇÕES POLÍTICAS	PRINCIPAIS CARGOS	VÍNCULOS COM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA
Bertha Koiffmann Becker	Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, da Academia Brasileira de Ciências e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – (SBPC); Presidente da Comissão Nacional do Brasil e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE) e membro da União Geográfica Internacional	Consultora e assessora de alguns órgãos estatais: Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Ministério do Meio Ambiente e da Amazonia Legal, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Integração Regional e das Relações Exteriores; Ministério da Ciência e Tecnologia.	Professora da UFRJ (1966-1999), do Instituto Rio Branco (1966-1976) e da FGV (1973-1976) / Consultora <i>ad hoc</i> da Academia Brasileira de Ciências (2000-2012); Ministério da Ciência e Tecnologia (1993-2013); Escola Superior de Guerra (2000-2013); Ministério das Relações Exteriores (1998); Ministério do Meio Ambiente e da Amazonia Legal (1994-1999) e Ministério da Integração Nacional (2000-2005).	Bolsista produtividade CNPq A1; Consultora e integrante de comissões de pesquisa do CNPq e da Capes (1974-2013); FAPERJ (1990-2013); Large Scale Biosphere Atmosphere Experiment In The Amazon (1999-2013); União Geográfica Internacional (1976-2013); IBGE (1989-1993) e Political Geography Quarterly Elsevier (2000-2005).
Betty Jane Meggers	Membro do <i>National Science Foundation</i> (NSF) e do <i>American Anthropological Association</i> (AAA), Fundação de Taraxacum (Estados Unidos)	-	Instrutora da Universidade Americana de Washington e professora visitante da Universidade Católica de Goiás (1979-?) / Presidente da Fundação Taraxacum (1979-2012); consultora Battelle Memorial Institute (1965-1968)	Pesquisadora <i>Smithsonian Institution</i> (1954-2012) e National Science Foundation (1961)
Edna Maria Ramos De Castro	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – (SBPC); Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR);	Membro da Juventude Estudantil Católica (JEC); Juventude Universitária Católica (JUC); Ação Popular do Pará (AP) e União Acadêmica Paraense (UAP); Conselheira do Ministério das Cidades; Movimento feminista latino-americano e movimento ecológico.	Professora UFPA; UFRJ (1974-atual); Freie Universität Berlin (2011-atual); professora visitante Université du Quebec (1996-1998)/ Consultora para o Ministério das Cidades (2007-2009); coordenadora do Rede de Cidades da Pan-Amazônia (2007-atual);	Diretora do NAEA por duas vezes (1996-2000) (2004-2008)
Violeta Refkalefsky Loureiro	Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS); Membro da Academia Paraense de Ciências	Ministério da Justiça; SEDUC; União Acadêmica Paraense (UAP).	Professora da UFPA (1970-atual) e da Faculdades Integradas Colégio Moderno (1974) / Diretora geral da SEDUC/PA (1996-2000) e do IDESP (1987-1991); Ministério da Justiça (2007-2012).	Técnica e pesquisadora do Desenvolvimento Econômico Social do Pará (IDESP) (1970-2000)

Fonte: Currículo Lattes

Observa-se que a questão de “gênero” é raramente mencionada pelas agentes. Apenas Edna Castro têm uma relação direta com a “causa” e fez parte do Movimento Feminista das Mulheres Latino-Americanas na França, além de ter feito pesquisas sobre a temática e participado de reuniões antes de iniciar seus estudos sobre a “Amazônia”. Em menor grau, Betty Meggers em seus diários de campo fez “denúncias” sobre o constrangimento que passou durante suas expedições na América do Sul, especialmente por não acreditarem que conseguiria completar as viagens com êxito por ser mulher. Do restante das agentes, há apenas uma referência de Bertha Becker sobre o Dia Internacional das Mulheres, ao qual ela relaciona a “Amazônia” às mulheres.

Apesar disso, por vezes são mencionados a capacidade “pioneira” que incorporaram ao iniciarem pesquisas sobre a “região”. Essa dimensão aparece principalmente nos diários de Betty Meggers e nos projetos desenvolvidos por Bertha Becker, mas também aparecem nas articulações feitas por Violeta Loureiro.

Conforme evidenciado por Barreira (2006), a elaboração de símbolos e estratégias discursivas que ocorrem em torno das práticas políticas de mulheres, revela que as suas inserções em domínios políticos e culturais não são silenciosas. Pelo contrário, os ritos de entrada, muitas das vezes vêm acompanhados de discursos sobre o “pioneirismo” em “romper barreiras”, realçados pelo talento para exercer cargos, uma forma de reagir as associações negativas que são feitas em detrimento do “gênero” (BARREIRA, 2006; 2020).

E mesmo que as menções à condição feminina ou desigualdade de gênero sejam raramente publicizadas e se resumam às apontadas acima, não quer dizer que questões relacionadas à condição das mulheres pesem nas potencialidades ou restrições de gênero à ocupação de posições e de notabilidades. Elas estão imersas nas lógicas de dominação masculina e relações de poder que atribuem papéis e sentidos às suas práticas, podem produzir efeitos de subversão, e ao mesmo tempo, não estão incólumes dos constrangimentos que envolvem o “gênero”. (REIS, 2014; 2020).

Esse aspecto é realçando quando se observa os investimentos matrimoniais das agentes, surgidos ainda durante o período em que são estudantes recém ingressadas na universidade (apenas Betty Meggers que conhece seu companheiro somente no doutorado). O reconhecimento e a afirmação em muitos dos casos aparecem de modo inseparáveis das parcerias amorosas e de trabalho, entretanto, como já destacamos, não se trata de minimizar ou tampouco diminuir os feitos conquistados por mulheres, mas sim de evidenciar as condições vivenciadas por elas (PONTES, 2008).

No caso das agentes, apesar de seus parceiros não seguirem as mesmas áreas de estudo que elas (com exceção de Betty Meggers), eles fazem parte do mesmo eixo cultural (seguiram carreira acadêmica, notabilizaram-se enquanto docentes e pesquisadores), foram militantes em movimentos estudantis (para os casos de Violeta Loureiro e Edna Castro) e apresentam origens sociais parecidas. Se por um lado as parcerias no trabalho intelectual são menos recorrentes e são restringidas aos casos de Betty Meggers e Clifford Evans, parceiros por décadas, e Violeta Loureiro e Paes Loureiro que trabalharam juntos na SEDUC e na construção da disciplina de “Estudos Amazônicos”, por outro, destaca-se a parceria de Edna Castro e José Carlos Castro desde a participação em movimentos sociais e estudantis.

As discrepâncias com os cônjuges aparecem quanto investigamos os cargos que ocuparam, isso porque, apresentam cargos de destaque, como João de Jesus Paes Loureiro que foi Secretário da Educação do Pará e José Carlos Castro, primeiro presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/PA) e um dos fundadores do PT no Pará. No caso de Meggers e Evans, parceiros por mais de 30 anos de trabalho, mesmo que a agente tenha sido uma espécie de líder das expedições, foi Evans que conquistou o cargo de Curador de Latim do Museu de Arqueologia Americana.

Segundo Reis, Carvalho e Garcês (2020), a maior ou menor participação de mulheres em diferentes lugares de produção cultural não impede a persistência de princípios de hierarquização que incidem sobre as relações de “gênero” e da divisão do trabalho social pautado nas diferenças entre os sexos. Esse aspecto é observado nas pesquisas sobre “panteões da cultura erudita e popular no Maranhão” (GRILL e REIS, 2017), onde mesmo as agentes desempenhando papéis de destaque como “consagradoras” e operadoras, são seus homólogos que ocupam os lugares de intérpretes e notáveis. E ainda que ocupem cargos administrativos, os posicionamentos públicos, o componente de referência ao casal e os “vultos” enaltecidos nas galerias de notáveis são dos homens (REIS *et al.*, 2020).

Quanto a adoção do sobrenome deles, a apropriação ocorreu parte de três das quatro agentes, com exceção de Betty Meggers que manteve seu sobrenome de origem, possivelmente porque tinha “mais peso” que o sobrenome do marido, já que seu pai era um físico conhecido nos Estados Unidos.

Observamos igualmente que o período de iniciação em pesquisas sobre a “Amazônia” conflui com o momento em que elas estão adquirindo suas titulações e com a época em que já possuem ligações com universidades e centros de pesquisa internacional. Nesse sentido, a importação e apropriação de referenciais, como os que envolvem a “região – objeto de interesse

que envolvem discussões transnacionais (ZHOURI, 2006) – e estão associados a problemas “práticos”, bem como de ordem “política”, pedagógica, sindical (CORADINI, 2018).

Dentre as preocupações mais gerais que discutem em suas pesquisas, livros e artigos, encontra-se temas como “tecnologia”, “gestão” e “território” (Bertha Becker), “conflitos socioambientais”, “meio ambiente”, “educação” (Edna Castro e Violeta Loureiro) e “arqueologia amazônica” (Betty Meggers). Com exceção desta última, outro tema que aparece recorrente entre as agentes são as “políticas públicas” e o “desenvolvimento”, temáticas que ganham mais fôlego em suas agendas de pesquisa conforme adquirem cada vez mais reconhecimento enquanto “porta-vozes” da “Amazônia”, o que nos leva a discorrer mais detalhadamente no próximo capítulo sobre suas produções escritas e consagração.

3 A PRODUÇÃO ESCRITA SOBRE A “REGIÃO” E A CONSAGRAÇÃO DAS PORTA-VOZES DA “AMAZÔNIA”

No capítulo anterior, apresentamos os investimentos mais gerais das agentes estudadas, sobretudo, no que diz respeito às suas origens sociais, inscrições culturais e atuações militantes. O que nos permitiu evidenciar como o envolvimento em pesquisas sobre a “região” foi se fortalecendo conforme elas foram conquistando diplomas e certificações escolares, ocupando postos acadêmicos e administrativos, e estabelecendo redes de relações e de contatos que auxiliaram na difusão de suas principais ideias. Observamos, então, que, conforme suas próprias reconstituições e de material biográfico existente sobre Betty Meggers, Bertha Becker, Violeta Loureiro e Edna Castro, desde a pós-graduação as agentes têm como interesse central em suas carreiras acadêmicas e nos seus posicionamentos políticos, estudar e falar em nome da “Amazônia”.

Para Betty Meggers, o contato com a “região” ocorre no final do doutorado, quando ela se envolveu em uma pesquisa com seu orientador da época, Leslie White, e viajou para a América do Sul em 1948:

Quando mudei para a Universidade de Columbia, em Nova Iorque, para realizar meu Doutorado naquele ano, passei sábados classificando a grande coleção marajoara do Museu Americano de História Natural. (...) Quando tivemos que definir nossa pesquisa de campo para a tese de nossos doutorados, a Amazônia seria uma escolha óbvia. Minha classificação de cerâmicas de Marajó das coleções nos museus deixou claro que eram necessárias novas evidências arqueológicas para interpretar sua origem e desenvolvimento (MEGGERS, 2007, 31).

A produção da sua tese, em 1952, teria sido baseada em suas viagens ao continente sul-americano, que resultou no trabalho intitulado “*The Archaeological Sequence on Marajó Island, Brazil, with Special Reference to the Marajoara Culture*”. Esse teria sido o início do trabalho contínuo que desenvolveu na área da Arqueologia. O interesse na cerâmica marajoara e na “região amazônica” rendeu diversos livros e artigos e, sobretudo, projetos de pesquisa realizados com outros pesquisadores.

Os trinta anos de estudos sobre a “Amazônia” acumulados por Bertha Becker foram iniciados no final da década de 1960, começo da década de 1970, quando ela entrou em contato com o Instituto Rio Branco e se tornou professora de Geografia. O vínculo com a instituição lhe rendeu diversas viagens a “região” (no avião da FAB), e isso teria colaborado para despertar a “paixão pela Amazônia”.

E a Amazônia entrou na vida também porque durante dez anos, de 1966 a 1976, dei aulas no Instituto Rio Branco, para os futuros diplomatas brasileiros (...) que tinha um programa imenso de geografia, uma loucura. Pensei: vou ter que mudar; procurar alguma coisa interessante para esses futuros diplomatas! E descobri a Geografia Política, que naquela época estava muito escondida. E nunca mais deixei a Geografia Política. E eu sempre falava para o embaixador, que era o chefe, que deveria levar os alunos para conhecer o Brasil, pois eles eram oriundos das metrópoles. E acho que foi em 1972, que se criou o Projeto Cisne. Havia um avião da FAB a nossa disposição, uma representante do Itamaraty, e fomos primeiro recebidos em Corumbá, em Cáceres. Preparei os alunos com a teoria centro-periferia, do John Friedmann e apliquei para a América Latina. E foi um barato! Paramos no Forte Príncipe da Beira, em Guajará Mirim, em Cruzeiro do Sul; apaixonei-me pela Amazônia e nunca mais a larguei (GEOSUL, 2007, p. 208).

No término do doutorado, Bertha já integrava uma série de projetos sobre a “Amazônia” como “Estrutura Fundiária e Conflitos na Amazônia Oriental”, “Formação de Sub-regiões na Amazônia” e “Expansão da Fronteira Demográfica e Econômica na Amazônia”.

Nesse período, Violeta Loureiro ainda cursava a graduação. Ela estagiou na Superintendência do Desenvolvimento Econômico da Amazônia (SUDAM), órgão federal criado em 1966, durante a Ditadura Militar, que visava implementar uma série de políticas públicas na “região amazônica”, a chamada “Operação Amazônia⁷⁹”. Nesse estágio teve acesso aos documentos do 1º Plano de Desenvolvimento da Amazônia – 1 PDA, que visavam implementar transformações na “região”. Violeta indica que sua aproximação com a “Amazônia” teria surgido ainda na infância, também em viagens com o avião da FAB junto com seu irmão mais velho (deslocamentos que demoravam dias para chegar ao destino). A partir disso, teria aparecidos os primeiros contatos com a “Amazônia”:

(...) Eu não imaginava o quanto essas viagens me fariam amar a Amazônia e escolhê-la como objeto de estudo na minha vida profissional. O que hoje parece ousado, arriscado e difícil foi decisivo na minha formação. Foi graças a essas incursões nas entranhas da região que aprendi a amar e admirar a Amazônia. Elas foram alargando meus horizontes, mas também abrindo lacunas na compreensão, instigando-me a tentar compreendê-las (...). Mais tarde, compreendi quanto as viagens, as vivências nos aviões, nos rios, nas aldeias e comunidades ribeirinhas, me proporcionaram. Elas não foram apenas itinerários de viagens. Foram as pedras que palmilharam a estrada da minha vida profissional, como socióloga e pesquisadora da Amazônia. (LOUREIRO, 2022, p 47).

⁷⁹ “A Operação Amazônia é uma ação militar de treinamento integrado conduzida na região Norte do país. O exercício visa ao aprimoramento da doutrina logística e dos métodos operacionais em território amazônico.” Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/exercicios-e-operacoes/copy_of_exercicios-militares/operacao-amazonia>

As primeiras pesquisas de Violeta Loureiro foram feitas durante a dissertação de mestrado, no período em que pesquisou conflitos de pesca na “Amazônia”. A partir de então tornou-se uma “especialista” da “região”, publicando diversos livros sobre o tema.

Tendo iniciado seus projetos sobre a “região amazônica” mais tardiamente, quando comparada com as outras agentes, Edna Castro só atua mais sistematicamente nessa área depois do doutorado. Segundo seu depoimento, a orientação do olhar ocorreu quando estava na França, no período em que participou das reuniões do “Movimento Ecológico”⁸⁰ para discutir a “Amazônia”. Esse grupo se dedicava a debater, passar filmes e divulgar questões relacionadas à “região” como desmatamento, queimadas e genocídio dos povos indígenas. Em entrevista ao CPDOC, Castro conta como passou a falar sobre a “região”:

Porque até então eu não tava falando de Amazônia, até então eu tava, nós estávamos falando de Brasil, que toda a discussão do movimento estudantil era o Brasil, não era a Amazônia, não era o Pará, não era Belém, por isso que eu digo, era uma visão de pensar o Brasil, pensar o país, pensar o futuro do país, e era uma descoberta país, dizendo melhor, e agora quando eu volto o meu trabalho vai se mais focado na militância regional da Amazônia porque nós chegamos numa situação que todos os desastres produzidos pela ditadura, os grandes projetos, as estradas que foram abertas, como a transamazônica, a migração, essa desorganização do espaço, desorganização da vida de muitas pessoas, as ameaças indígenas, mortes de índios (CASTRO, 2015, p. 22).

Assim, a partir da década de 1980, a “Amazônia” aparece como sendo um dos objetos de estudo de Edna, impulsionada pelo processo que vivenciou na França, especialmente as questões levantadas enquanto fazia parte do movimento ecológico. Os assuntos referentes às hidrelétricas e aos impactos causados aos povos tradicionais assumiram lugar de destaque nas suas preocupações.

Foi nesse período, as questões referentes a desmatamentos, eventuais preocupações com a fauna, com a flora e com os povos tradicionais, as discussões sobre o “desenvolvimento sustentável” e “tecnológico”, tornaram-se centrais (NONATO, 2012; BUENO, 2002). Esses temas não passam a ser discutidos só por Edna Castro, mas também por muitos outros/as pesquisadores/as, incluindo Bertha Becker e Violeta Loureiro. Estas últimas se especializaram em assuntos envolvendo “tecnologia”, “gestão de território” e “conflitos socioambientais”, temáticas privilegiadas a partir da década de 1980. Por isso, desde então, começa a ser delineada uma agenda de pesquisas sobre a “região amazônica” e a publicação de inúmeros livros e artigos dedicados a essa questão.

⁸⁰ Não localizamos o nome do movimento que a agente se refere. Em entrevista ao CPDOC ela apenas indica que fazia parte do “Movimento Ecológico na França”.

Desse modo, para este capítulo buscamos analisar a produção escrita sobre a “Amazônia” e formas de consagração das agentes. Para isso, localizamos as publicações, as principais temáticas propostas nos livros⁸¹ (tanto aqueles elaborados sozinhas como em conjunto com outros/as pesquisadores/as), orelhas, prefácio ou apresentação feitos por seus pares, assim como artigos em periódicos⁸². Além disso, com intuito de compreender como essas produções foram apropriadas e para identificar as principais obras e ideias utilizadas por outros pesquisadores, apreendemos as teses e dissertações em que foram recorrentemente citadas no levantamento feito anteriormente (CARNEIRO, 2021).

Em seguida, destacamos as honrarias e homenagens direcionadas a elas em distintos domínios de atuação, tanto em vida, quanto póstumas (para os casos de Betty Meggers e Bertha Becker). Nesse sentido, busca-se apontar algumas das condições sociais e/ou as estruturas de interesses, lógicas, estratégias, princípios de classificação em disputas nos processos de “heroicização” e “consagração” (CORADINI, 1998) das agentes em questão. E ainda, identificar as bases de identificação entre autores e homenageados e as estratégias de (auto) enobrecimentos daqueles agentes que se colocam na posição de porta-vozes (REIS e GRILL, 2017).

Essa dinâmica envolve relações sociais e esquemas de classificação baseados no reconhecimento, são legitimados e oficializados através das instâncias de consagração diversificadas, como as academias, “honrarias” e premiações. Esse processo é percebido e expressado como transcendente, de construção, consagração e celebração de imagem, cujo processo de objetivação e institucionalização é realizado com base em rituais e solenidades. (CORADINI, 1998).

Segundo Collovald (1988), essas “demarcações simbólicas” e “identidades” que distinguem os agentes dos demais que disputam o mesmo espaço de luta, resultam de transações nas quais são articuladas as estratégias de apresentação de si e empregam regras específicas de acordo com as instâncias em que são apresentadas. E dependem das lógicas e relações estabelecidas nos lugares de fabricação das identidades públicas.

De modo semelhante, os discursos ocorridos durante homenagens podem indicar uma possibilidade de transmissão e administração da própria imagem. No caso das agentes, a

⁸¹ Seguimos o protocolo das pesquisas realizada no LEEPOC, principalmente sistematizadas em Grill e Reis (2016). As agentes detêm uma vasta publicação e organização de livros, no entanto, para fins de análise foram considerados apenas os livros com título sobre a “Amazônia”.

⁸² Assim como na análise dos livros, foram selecionados os principais artigos sobre a “região” que constam em seus Currículo Lattes (para os casos de Becker, Castro e Loureiro).

autoconsagração e autoapresentação como porta-vozes a serviço da “região” e da “ciência” pode ser pensado como parte da gestão de suas *identidades estratégicas* (COLLOVALD, 1988).

Isso porque, tanto o enaltecimento advindo de homenagens quanto os pronunciamentos, significam, além do comprometimento com a conduta e imagem da homenageada, uma oportunidade para aproximação ou apropriação dos trunfos pertencentes e atribuídos a ela. Quanto mais elevadas forem essas propriedades, maior é a probabilidade de haver interessados em homenageá-las, mesmo que movidos por motivos aparentemente “desinteressados” (REIS, 2016). No caso das celebrações póstumas, as cerimônias mobilizam agentes autorizados a fazer “elogios fúnebres” que podem exaltar e definir “heróis”. A apresentação das qualidades dos homenageados retrata a imposição de sentidos e critérios de hierarquização, no qual aquele que homenageia se reconhece como uma pessoa à altura do homenageado e de sua obra (IDEM).

Somado a isso estão as estratégias empreendidas em seus livros: como intérpretes da “região”, em suas produções escritas procuram resolver os “problemas sociais” recorrentes na “região amazônica”. Desse modo, o conjunto de lutas travadas pelas agentes em torno das denúncias sobre os “conflitos socioambientais”, a preocupação com as queimadas, exploração predatória, etc., fazem parte do debate público, onde são reconhecidas e legitimadas suas competências para debates e soluções (LENOIR, 1998).

Para a constituição desse trabalho realizado por elas, é necessário muito mais do que a circulação da sua produção escrita ou da capacidade que possuem/possuíam de mobilizar a “opinião”. É preciso, ainda, que os problemas levantados sobre a “região” tenham reconhecimento e legitimação das instâncias estatais. Esses fatores são decisivos, por exemplo, na mobilização e elaboração de políticas públicas para a “região amazônica”, visto que ao “transfigurar tais interesses em grandes “causas” a serem defendidas, os “especialistas” em ciências sociais ampliam, ao mesmo tempo, aos registros morais, políticos, econômicos e científicos, o âmbito legítimo das intervenções do Estado” (LENOIR, 1998, p.104).

3.1 A produção escrita sobre a “região” e suas apropriações

A análise da produção escrita e da apropriação das ideias das agentes foi crucial para compreender a forma como ocorreu a difusão do pensamento delas. Junto com outros trunfos, como o investimento em titulações, cargos de administração e o engajamento em “causas”, elas adquiriram legitimidade para a elaboração e organização de livros, artigos, trabalhos técnicos, além dos seus posicionamentos públicos. Suas produções foram recebidas tanto por seus pares,

como também circularam entre governos e ministérios, por exemplo, e contribuíram para o fortalecimento de suas posições como “porta-vozes” da “região”.

No caso de Betty Meggers, apesar do “pioneirismo” em sua área de estudo, as recepções das suas pesquisas são divergentes. Mesmo que ela tenha sido uma das arqueólogas mais requisitadas do século XX em estudos sobre a “Amazônia”, na Arqueologia as ideias da agente dividem opiniões entre os pesquisadores do Brasil por ser considerado “neoevolucionista”.

Como resultado das pesquisas e das viagens feitas pela América do Sul, Betty publicou “Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise” em 1971. A versão em inglês pertence a uma coleção de livros sobre estudos da “Ecologia Cultural” feito por Goldschmidt e retrata a teoria da mudança social entre os vários ambientes físicos da Bacia Amazônica e as adaptações culturais desenvolvidas (MEGGERS, 1971).

No Brasil, o livro “Amazônia: A ilusão de um paraíso”, em 1987, pela Editora Itatiaia Limitada, com apresentação de Darcy Ribeiro, antropólogo, historiador, sociólogo e político brasileiro, que também escreveu o prefácio da edição mexicana. Essa versão conta com preâmbulo de Walter Goldschmidt, antropólogo americano e presidente das *American Ethnological Society* e da *American Anthropological Association*. Na apresentação do livro publicado em português, Darcy Ribeiro (1987) destaca:

Falo de minha amiga Betty Meggers. (...) Betty Meggers dá uma contribuição inestimável com este estudo das culturas amazônicas, como parte de um complexo sistema de adaptação ecológica. Em suas poucas páginas, Amazônia constitui uma das obras mais importantes que a antropologia produziu nos últimos anos e, sem dúvida, a mais significativa para as zonas tropicais (RIBEIRO, 1987, p. 12).

A afirmação do antropólogo brasileiro é elucidativa de como uma parte dos pesquisadores receberam a produção escrita de Meggers no Brasil. A maior aceitação decorre dos pesquisadores que estiveram envolvidos em projetos como o Programa Nacional de Pesquisa Arqueológicas (PRONAPA) e do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA). Esses projetos formaram toda uma geração de pesquisadores que circularam com as ideias da agente pelo país e costumam destacar o “pioneirismo” das expedições feitas na “região”.

No entanto, enquanto havia toda uma rede de apoio no país, desde o Museu Nacional, Museu Emílio Goeldi, que possibilitou a realização das pesquisas, outros pesquisadores teceram críticas ao pensamento considerado “neoevolucionista” de Meggers e da “Escola Americana” (SANTOS, 2012). Especialmente a tese elaborada em parceria com Evans, na qual ele e Betty Meggers afirmam que a floresta amazônica é um ambiente escasso em recursos e com

insuficiência para manter o desenvolvimento de sociedades demograficamente densas e politicamente complexas (MEGGERS, 1971). Segundo Costa:

Com esse discurso, Meggers e Evans Jr. negam a capacidade humana de inovar e de criar estratégias inteligíveis de adaptação e ressignificação, relegando os povos indígenas a condição de subalternos. É uma leitura que evidencia os indígenas segundo os pressupostos sexista, atribuindo-lhes a condição de inferiores, em relação ao homem e mulher brancos. Além disso, possibilitam a criação de mecanismos legais para expulsar os povos da floresta do território tradicionalmente ocupado (COSTA, 2020, p. 357 *apud* ALMEIDA, 2008).

As contestações têm maior ênfase a partir de 1950 e vários pesquisadores criticaram a tese de Meggers e Evans Jr. Dentre eles, dois nomes se sobressaem: Anna Roosevelt, arqueóloga americana, e Denise Pahl Schaan, arqueóloga brasileira, que também realizou pesquisas na “Amazônia”. Elas discordaram da abordagem neoevolucionista da agente (SANTOS, 2012) e apresentaram as suas próprias pesquisas sobre a “região amazônica”.

Schaan pontou que o uso de tipologias e definições de fases e tradições por Meggers não explicava a trajetória das populações humanas (ROSA, 2008). Já os trabalhos de Roosevelt são em resposta às hipóteses e discussões formuladas por Betty a respeito do impacto do ambiente na adaptação cultural (PEDROSA, 2008). Segundo Neves (2006): “Roosevelt sustentaria a hipótese de que a cultura marajoara não poderia ter origem andina, já que teve duração de 1.000 anos, do século 4 ao século 16, sendo as representantes mais antigas da tradição policroma da Amazônia (NEVES, 2006, p. 61).

Apesar disso, a importância do trabalho realizado por Meggers e seu marido, Clifford Evans, é reconhecido principalmente “porque comprovaram a antiguidade dos povos que habitaram a Amazônia antes da colonização portuguesa, treinaram arqueólogos e formularam diversas teorias para a arqueologia amazônica” (ROSA, 2008, p. 59). As pesquisas realizadas antes dos trabalhos da agente foram consideradas “pré-científicas”, tanto por arqueólogos norte-americanos, como por pesquisadores/as brasileiros/as, a exemplo de Mario Simões, pesquisador do MPEG e responsável pelo setor de Arqueologia entre 1964-1981 (IDEM).

Podemos observar a persistência das apropriações das formulações da agente e a frequência das citações de “Amazônia: a ilusão de um paraíso” entre as teses e dissertações analisadas anteriormente. Geralmente são retomadas as formulações de Meggers sobre a Arqueologia amazônica, as formas de ocupação, as técnicas e os métodos utilizados durante a investigação. Outros artigos são citados, como os escritos em parceria com Clifford Evans intitulado “*An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest of South*

America, in Essays in pre-Columbian art and archaeology” e “*Archeological investigations at the mouth of the Amazon*” sobre as florestas tropicais na América do Sul e a investigação na “Amazônia”. As produções são principalmente apropriadas nas discussões da área de Arqueologia, com atenção à análise de artefatos, ocupação humana e análise de sítios arqueológicos.

Considerando o conjunto das suas publicações, a agente detém, por um lado, poucos livros onde se refere diretamente à “Amazônia”. A maior parte de suas obras⁸³ faz referência mais ampla às “Américas” ou à “cultura”. No quadro abaixo elencamos a produção escrita de Meggers sobre a “região”:

Quadro 9: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Betty Meggers

LIVROS	EDITORIA	ANO
<i>Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon</i>	United States Government Printing Office	1957
<i>Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise</i>	Aldine – Atherton	1971
<i>Amazonia: hombre y cultura en un paraíso ilusório</i>	Siglo Veintiuno Editores	1971
<i>Amazônia, a ilusão de um paraíso</i>	Itatiaia Limitada	1977
<i>Ecología y biogeografía de la Amazonía</i>	Ediciones Abya-Yala	1999

Fonte: Sites de internet

Por outro lado, ela detém uma longa lista de artigos sobre suas investigações na América do Sul e em referência à “Amazônia” em espanhol e inglês, como “*Archaeological evidence for a prehistoric migration from the Río Napo to the mouth of the Amazon*”, publicado em 1958; “*La reconstrucción de la prehistoria amazónica: Algunas consideraciones teóricas*”, de 1982; “*Amazonia: real or counterfeit Paradise*”, de 1992; e “*Biogeographical approaches to reconstructing the pre history of Amazonia*”, de 1994. Todos localizados no Google Acadêmico⁸⁴.

Quanto ao caso de Bertha Becker, o destaque recai nos distintos meios pelos quais sua produção escrita se difundiu. A agente apresenta desde o desenvolvimento de projetos em

⁸³ Como “Prehistoric America: An Ecological Perspective (1972)”, “America Pré-histórica (1979)”, “Formativo sudamericano: una revaluación (1999)”, “Environmental Limitation on the Development of Culture (1993)”, “Anthropological Archeology in the Americas (1968)” e “Enfoques teóricos para la investigación arqueológica (1998)”

⁸⁴ Disponível em: < <https://scholar.google.com/citations?user=6Zonku4AAAAJ&hl=pt-BR>>

parcerias com editora (onde fez parte do conselho editorial) e pesquisadores para a realização de livros e artigos, como também localizamos iniciativas voltadas à realização de eventos com o objetivo de promover a propagação do pensamento da geógrafa. O “pioneirismo” e “inovação” de suas ideias são constantemente recordados e associados à circulação da produção escrita deixada por ela. A agente apresenta uma sólida produção de livros sobre a “Amazônia” e no Quadro 10 sublinhados os títulos encontrados:

Quadro 10: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Bertha Becker

LIVRO	EDITORA	ANO
<i>Geopolítica da Amazônia: A Nova Fronteira de Recursos</i>	Zahar	1982
<i>Fronteira Amazônica: Questões sobre a Gestão do Território (org.)</i>	UFRJ	1990
<i>Amazônia</i>	Ática	1990
<i>Amazônia - Geopolítica na Virada do III Milênio</i>	Garamond	2004
<i>Dimensões Humanas da Biosfera Atmosfera na Amazônia (org.)</i>	EDUSP	2007
<i>Um Futuro para Amazônia (com Claudio Stenner)</i>	Oficina de Textos	2008
<i>Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições (org.)</i>	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos	2009
<i>A Urbe Amazônica</i>	Garamond	2013
<i>As Amazônias de Bertha K. Becker (3 volumes)</i>	Garamond	2015

Fonte: Currículo Lattes

No Quadro 10 listamos as principais obras⁸⁵ de Bertha Becker sobre a “Amazônia”, publicadas principalmente entre 2000-2010, em diferentes editoras, dentre elas, a Editora Garamond, onde a agente publicou 3 dos 10 livros e fez parte do conselho editorial. As temáticas mais recorrentes são voltadas para “Geopolítica”, “território” e “desenvolvimento”, a partir das quais desenvolveu suas ideias sobre uma “revolução técnico-científica” para a “Amazônia” (questão frequente também em seus artigos).

A agente publicou em distintos periódicos científicos, tanto a nível nacional quanto internacional. Só na Revista Brasileira de Geografia são cerca de 16 artigos⁸⁶ publicados entre

⁸⁵ Em seu Currículo Lattes estão registrados 70 livros sobre diferentes temáticas voltadas para a área da Geografia.

⁸⁶ O grupo de pesquisa Geografia Brasileira: História e Política fez a listagem dos artigos publicados na Revista Brasileira de Geografia. Disponível em: <http://www.grupogeobrasil.uerj.br/usuario/bertha_becker/bertha_becker_producoes_1.pdf> Acessado em: 11/04/2023

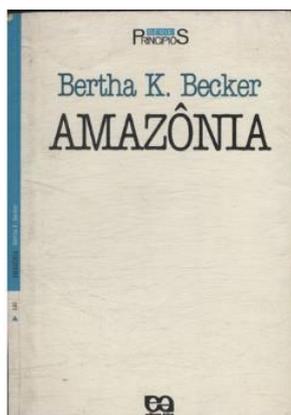
1966 e 1991, somando-se a esses outros voltados para as temáticas da “fronteira”, “espaço” e “migração”.

No seu Lattes localizamos 58 artigos, dentre eles, cerca de 22 fazem menção direta à “Amazônia” ou à “região”, como “Novas territorialidades na Amazônia: desafio às políticas públicas” e “Desafios e Perspectivas da Integração Regional da Amazônia Sul-Americana. Parcerias Estratégicas”, ambos publicado em 2010, e “Serviços Ambientais e Possibilidades de Inserção da Amazônia no Século XXI”. Essas produções refletem o momento que a agente se sobressaia nas elaborações de políticas públicas para a “região”, bem como no seu último artigo, publicado em 2012 na Revista Territórios, intitulado “Amazônia: crise mundial, projetos globais e interesse nacional”, no qual Bertha “propõe renovar o quadro institucional de Ciência e Tecnologia na Amazônia, com a criação de novos institutos de pesquisa e a integração com o setor produtivo” (VIEIRA, 2013, p. 259).

Quanto aos livros, as ideias mencionadas da agente recorrentes em teses e dissertações são sobre projetos de desenvolvimento na Amazônia, políticas públicas e território (CARNEIRO, 2021). O livro que mais frequentemente aparece citado nesses trabalhos acadêmicos examinados é denominado “Geopolítica na Amazônia: A nova fronteira de recursos” de 1982 (que conta com prefácio de do geógrafo e pesquisador Orlando Valverde), no qual ela realiza uma ampla análise da organização do espaço territorial brasileiro.

Outro livro de Bertha Becker recorrentemente referenciado é o “Amazônia”, publicado em 1990. A informação explicitada na capa enfatiza que o livro trata das “grandes questões e os atores do movimento atual de redefinição da Amazônia brasileira”. Ele não conta com prefácio e faz parte de uma série intitulada “Princípios”, elaborado pela Editora Ática.

Imagem 3: Livro “Amazônia” de Bertha Becker



Fonte: Imagens da *internet*

Por outro lado, o prefácio do livro “Amazônia: Geopolítica na virada do terceiro milênio”, publicado em 2009, foi escrito por Robertho Bartholo, professor de Engenharia de Produção da UFRJ, que destaca a trajetória acadêmica da agente e a compara com Clarice Lispector, escritora brasileira, por suas raízes judaicas. No capítulo Bartholo exalta Bertha afirmando que a geógrafa:

Em sua relação com a Floresta Amazônica, Bertha soube corresponder às condições dialogais buberianas, ultrapassando os contemporâneos modismos acadêmicos e jornalísticos da *deep ecology*. O diálogo de Bertha com as fronteiras desveladas na presença, inteireza e concretude da Floresta Amazônica se traduzem em testemunhos escritos que expressam seu encontro com o Brasil profundo. Neles, a Floresta não é apenas um Isso, algo que cabe nas pré-concepções de um discurso técnico que pretende ser apto a explicá-la, porque supõe já tê-la cativa em esquemas conceituais de intermediação. A Floresta para Bertha é lugar de encontro (BARTHOLO, 2009, p.14).

Outra coletânea, intitulada de “As Amazônias de Bertha Becker”, com três volumes – sendo os dois primeiros elaborados pela agente e o terceiro organizado por Ima Célia Guimarães Vieira após o falecimento da agente – reúne as pesquisas realizadas pela geógrafa nas quais a ênfase é voltada à importância dos investimentos em “desenvolvimento” e “produção” para a preservação da “região”. Os livros contam com patrocínio do BNDS e do Governo Federal. Nos volumes, Luciano Coutinho, presidente do BNDS, enfatiza na apresentação:

A professora Bertha K. Becker, pioneira nos estudos sobre a Amazônia, é uma referência mundial da ciência brasileira na área da geografia política. As reflexões da professora, alicerçadas em pacientes e cuidadosas pesquisas sobre a integralidade da região, nos ajudou a compreender que políticas orientadas para um novo padrão de desenvolvimento econômico superam o falso dilema da conservação, entendido como preservação intocável, versus utilização com destruição. Bertha teve ainda o mérito de articular pesquisas teóricas e de campo que resultaram na formulação de políticas públicas e de proposições de modelos de ocupação do território com uma perspectiva do desenvolvimento sustentável (...). Somos muito gratos à Professora Bertha por nos transmitir conhecimentos e preocupações com a valorização de culturas e especificidades regionais de forma sistêmica, colocando a ciência, a tecnologia e a inovação como propulsoras do desenvolvimento da Amazônia e do País (COUTINHO, 2015).

A parceria com outros pesquisadores é visualizada ainda em livros e projetos organizados, como “Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições” feito com Francisco de Assis Costa e Wanderley Messias da Costa, “Um Futuro para a Amazônia” com Claudio Stenner, “Dimensões Humanas da Biosfera-Atmosfera na Amazônia”, “Fronteira Amazônica: Questões sobre a Gestão do Território”. Na mesma linha, tratam-se de projetos voltados para o desenvolvimento regional da “Amazônia” e à busca da revolução técnico-científica, tão idealizada pela agente.

Em artigos dedicados ao pensamento de Becker geralmente são realçadas aquelas que seriam as suas principais ideias e propostas. Um exemplo disso, é o artigo “Uma Revolução Beckeriana para a biodiversidade brasileira”, de Charles Clement, pesquisador do INPA, no qual ele frisa as propostas da geógrafa e aponta que para ela a “região” só se desenvolveria com investimentos significativos em ciência e tecnologia. Essas são consideradas as ações que fariam com que a “Amazônia” e os povos habitantes na “região” fossem respeitados.

Esse também foi um dos temas discutidos no “I Simpósio Relações entre Ciência e Políticas Públicas: Propostas de Bertha Becker para o Desenvolvimento da Amazônia”, realizado na sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com a coordenação do INCT Biodiversidade e Uso da Terra na Amazônia, e em parceria com Museu Paraense Emílio Goeldi, em janeiro de 2013.

A rede de discussões formada culminou em outros dois simpósios, no quais foram realçadas políticas públicas para a “Amazônia”, as propostas da agente e as possibilidades de discutir os desafios para implementar suas ideias e projetos para a “região”. Segundo consta no site do Museu Paraense Emílio Goeldi:

Ciência, biodiversidade, a consideração de diferentes territorialidades e tecnologia adequada no manejo da natureza são alguns pontos a serem considerados para se instaurar o novo modelo de desenvolvimento da Amazônia para o qual a geógrafa Bertha Becker se dedicou nos últimos anos de vida. Aliar essas categorias no planejamento político é o desafio que restou aos seguidores de sua obra, no que se convencionou chamar de revolução beckeriana⁸⁷.

A agente chegou a participar dos dois primeiros eventos, mas faleceu meses antes do terceiro simpósio. Na imagem abaixo consta a programação do III Simpósio realizado em setembro de 2013:

⁸⁷ Disponível em: <<https://antigo.museu-goeldi.br/noticias/por-uma-revolucao-beckeriana-na-amazonia>>
Acessado em: 11/04/ 2023

Imagem 4: Programação do III Simpósio sobre o pensamento de Bertha Becker



III SIMPÓSIO
Relações entre Ciência e Políticas Públicas: Propostas de Bertha Becker para o Desenvolvimento da Amazônia

O reconhecimento da relação ciência-política a partir da obra da Profa. Bertha Becker é fundamental para se entender a dinâmica regional e contribuir com uma reflexão sobre os modos de inserção da ciência na formulação de políticas públicas para a Amazônia. Dessa forma, o INCT Uso da Terra e Biodiversidade da Amazônia sediado no Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, programou uma série de Simpósios sobre a obra dessa importante pensadora, de forma a analisar com profundidade, o impacto de suas propostas para um novo modelo de desenvolvimento da Amazônia. O I Simpósio aconteceu no BNDES em janeiro/2013 e o II Simpósio ocorreu em Brasília em maio/2013 no CGEE. Neste III Simpósio, o objetivo é analisar as propostas de Bertha Becker na área de C&T e discutir os obstáculos e desafios para a implementação de suas ideias e projetos para a região amazônica.

"O que caracteriza um cientista é a paixão pelo que está estudando, porque é isso o que preenche a vida. A perseverança, a disciplina e a capacidade de insistir quando as coisas não dão certo são fundamentais."
Bertha Becker

PROGRAMAÇÃO
Data: 5 de setembro de 2013
Local: auditório Paulo Cavalcante, Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, Belém-Pará
TEMA: Ciência para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia: A Revolução Beckeriana
Sessão da Manhã
9:00 - 9:25 h – ABERTURA
Nilson Gabas - diretor do Museu Goeldi
Ima Vieira - Pesquisadora do MPEG e coordenadora do III Simpósio

9:30 – 12:30 h - MESA 1 - Avanços e desafios dos Programas de C&T para a Amazônia: os casos do PPG7, PPbio, LBA e Geoma
Objetivo: Discutir as contribuições de Bertha Becker para as abordagens territoriais, da biodiversidade e das dimensões humanas nos projetos de C&T para a Amazônia e analisar os desafios desses projetos.
Coordenador da Mesa: Peter Toledo (INPE)
Palestrantes: Marlúcia Martins - Museu Goeldi
Tatiana Sá- Embrapa Amazônia Oriental
Diógenes Alves (INPE)
Roberto Araújo (INPE/MPEG)
Gilberto Rocha (NUMA/UFPa)

Sessão da Tarde
14:30 às 17:30 h - MESA 2 - Um caminho para o Desenvolvimento da Amazônia: Renovação do quadro institucional de C&T rumo à floresta em pé produtiva
Objetivo: Discutir as três propostas de B. Becker (Instituto do Coração Florestal, Parques Tecnológicos e Madeiramazon) na renovação do quadro institucional de C&T apresentada em seu mais recente artigo "Amazônia: crise mundial, projetos globais e interesse nacional" Revista Territórios, UFRJ, no 16, pgs 3 a 28.
Coordenador da Mesa: Milton Kanashiro - Embrapa Amazônia Oriental
Palestrantes: Charles Clement (INPA)
Alfredo Homma (EMBRAPA)
Helena Lastres (BNDES)
Raimunda Monteiro (UFOPA, ex-Idelflor)

17:30 às 18:00 h – Encerramento: Lançamento do livro A URBE AMAZÔNIDA, de Bertha Becker

Fonte: <http://berthabecker.blogspot.com/2013/08/iii-simpósio-relacoes-entre-ciencia-e.html>

Tanto os prefácios dos livros, artigos e eventos realizados sobre o pensamento da geógrafa são importantes pistas de como a imagem de Bertha Becker foi construída e como foi respaldada por seus pares, que na maioria das vezes recorrem a sua trajetória e investimentos acadêmicos para exaltá-la e tecer críticas favoráveis às suas ideias em produções escritas.

Assim como Bertha Becker, Violeta Loureiro apresenta uma consistente publicação de livros sobre a “região” com ênfase em distintas temáticas, “Amazônia”, “desenvolvimento”, “direitos humanos”, “sustentabilidade” e “educação”. Os temas também se mesclam, especialmente em relação à “região”, como “educação na região amazônica” ou “direitos humanos na Amazônia”, por exemplo. No quadro abaixo sistematizamos as obras da agente sobre a “Amazônia”:

Quadro 11: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Violeta Loureiro

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES SOBRE A “AMAZÔNIA”	EDITORA	ANO DA PUBLICAÇÃO
<i>Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia</i>	Museu Paraense Emílio Goeldi / CNPq	1985
<i>Miséria da Ascensão Social: Capitalismo e pequena produção na Amazônia</i>	Marco Zero	1987
<i>Estudos e Problemas Regionais Amazônicos</i>	SEDUC/IDESP	1987
<i>Estado, bandidos e heróis: Utopia e luta na Amazônia</i>		1997
<i>Amazônia: Estado, Homem, Natureza</i>	CEJUP	1992
<i>Amazônia: Meio Ambiente (estudos amazônicos)</i>	CEJUP	2002
<i>Amazônia: História e Análise de Problemas (do período da borracha aos dias atuais)</i>	CEJUP	2002
<i>A Amazônia no Século XXI: novas formas de desenvolvimento</i>	CEJUP	2009
<i>Direito Humano à Educação na Amazônia: uma questão de justiça (org.)</i>	Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos	2013
<i>Amazônia: temas fundamentais sobre o meio ambiente</i>	Editora Cultura Brasil	2015
<i>História da Amazônia: do período da borracha aos dias atuais</i>	Cultura Brasil	2015
<i>Amazônia: Colônia do Brasil</i>	Valer	2022
<i>Caminhos e descaminhos da Amazônia</i>	Valer	2023

Fonte: Currículo Lattes

Como podemos observar no quadro 11 a agente apresenta uma consistente produção de livros sobre a “Amazônia” (praticamente todos os livros que constam no Currículo Lattes levam o título “Amazônia”⁸⁸). Dentre eles, 4 das 13 foram publicados através de Editora CEJUP, tradicional de Belém no Pará. Além das temáticas mencionadas anteriormente, Loureiro se concentrou em analisar os problemas da “Amazônia” e a elaborar sua própria interpretação do que seria a “região”.

Ao apreender a cronologia das obras, percebe-se que o início do seu investimento nessa linha de pensamento foi sua dissertação de mestrado, publicado em 1985, intitulado “Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia”, na qual trata de conflitos socioambientais na “região”. A partir dos anos 2000, a agente já estava consolidada enquanto professora da UFPA e passou a tratar em seus escritos sobre a história da “região amazônica”.

Em seus livros mais recentes, lançados pela editora Valer, o foco recai na sua formação intelectual, nas condições e vivências que a levaram a pesquisar a “região amazônica” para em seguida, tratar da compreensão da “Amazônia”, com uma tese de que a “região” seria uma Colônia do Brasil (LOUREIRO, 2022). Neiza Texeira, doutora em Filosofia e escritora, que

⁸⁸ As três exceções são “A Pesquisa nas Ciências Sociais e no Direito” de 2018, “Plano de Desenvolvimento e Projeto Pedagógico da Escola” de 2000 e “O Poeta e sua Obra de 1982”.

assina a orelha do livro, sublinha as competências de Violeta enquanto intérprete da “região amazônica”, além de destacar a visão da socióloga em relação à “região”:

A “Problemática da Amazônia” não é, para a autora, um clichê ou incômodo de uma época ou de uma geração, é na verdade, o *Leitmotiv* do seu trabalho. As evidências são perceptíveis, por exemplo, quando ela quebra a formalidade ou o formalismo, e se apresenta, falando em primeira pessoa, e quando se dispõe a contar como se formou a mulher e pesquisadora (...). Aqui, temos nós, as reflexões de quem pensou e pensa todos os dias os problemas amazônicos, desde a sua entrada no mundo Ocidental (TEXEIRA, 2022, s/p).

No trecho, é evidenciado uma forma de distinção da imagem da agente em relação à “Amazônia”. Ao escrever que Violeta Loureiro detém uma visão destoante do “clichê ou incômodo de uma época ou de uma geração”, Texeira atribui à agente um lugar de consagração, no qual a socióloga se destacaria pela abordagem divergente dos seus pares como porta-voz autorizada dos problemas amazônicos, principalmente por “vivenciar” a “causa” e apresentar “proximidade com ela”.

Aspectos que são resgatados novamente no livro didático “Amazônia: História e análise de problemas – do período da borracha aos dias atuais”. Ele conta com uma dedicatória onde afirma que o didático trata de ideias, críticas sobre a “Amazônia” e da “vivência de uma cidadã que nasceu, ama, estuda e quer contribuir para a compreensão da “Amazônia” (LOUREIRO, 2002, p. 7).

“Caminhos e descaminhos da Amazônia” foi publicado em 2023 em dois volumes: um primeiro com subtítulo “Acertos, erros e possibilidades” e o segundo chamado de “Meio ambiente e justiça social”. O livro reúne uma série de artigos publicados pela agente ao longo da carreira onde retoma e reforça seu raciocínio sobre a “região” trazendo questões sociopolíticas e ambientais.

Na matéria sobre o lançamento dos livros publicada no jornal “O Diário do Pará”, Neiza Texeira, coordenadora da Editora Valer, ressalta os atributos da agente ao afirmar que “Violeta Loureiro é reconhecidamente uma das grandes teóricas das Amazônia, como tem demonstrado nas obras de fôlego e intensa pesquisa publicadas pela editora Valer” (O DIÁRIO DO PARÁ, 2023). Ainda segundo Neiza, a contribuição dos artigos publicados “implica numa compreensão mais profunda sobre a realidade dos povos amazônicos, vistos pelas suas relações econômicas, sociais e culturais, como também sobre a atuação do poder sobre espaço e gentes” (IDEM).

No livro “Amazônia: Estado, homem e natureza”, já na quarta edição, publicado em 2019 e com apresentação de Aziz Ab’Saber, geógrafo e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP, fala sobre Violeta, como “uma das legítimas representantes da inteligência amazônica” (AB’SABER, 2019, p. 14). Nele a pesquisadora discorre sobre os processos políticos e sociais que caracterizam a forma de desenvolvimento em curso na “Amazônia” nas últimas décadas. E enfatiza a relação entre o Estado, a natureza amazônica e as populações da “região” (LOUREIRO, 2019).

Além dos livros, observamos os artigos da agente a partir das informações presentes no Currículo Lattes. A produção de artigos de Violeta Loureiro se concentrou entre os 2000-2010, assim como é o caso dos livros, e há a predominância de publicações em revistas científicas localizadas em Belém, como a Revista Pará - Desenvolvimento do IDESP⁸⁹, de menor alcance. Alguns exemplos de textos são: “Amazônia: história e perspectivas. Reflexões sobre a questão”, publicado em 1999, e “Notas sobre um desenvolvimento científico e tecnológico para a Amazônia: críticas e perspectivas”, lançado em 1990.

Em São Paulo, Violeta publicou pela Revista Direito GV da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas o artigo “A Amazônia no século 21: novas formas de desenvolvimento”, em 2012, e “Reflexões sobre a pistolagem e a violência na Amazônia”, em 2009, ambos da área das Ciências Sociais aplicadas com nível A1. E na Revista Estudos Avançados da USP, publicou, em 2005, o texto “Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir”, e “A Questão Fundiária na Amazônia” em 2006.

As apropriações da agente, com base no levantamento feito anteriormente, são bem semelhantes àquelas verificadas para Edna Castro, isto é, referem-se a trabalhos sobre “direitos humanos” bem como a atuação da defensoria pública na “Amazônia”, “justiça penal” e “pistolagem”, “conflitos socioambientais”, como “território”, “projetos desenvolvimentistas”, “garimpo”, “gênero” como mulheres imigrantes na “Amazônia”.

O livro mais citado entre as teses e dissertações foi “A Amazônia no Século XXI: novas formas de desenvolvimento”, mencionado principalmente em produções sobre o processo histórico de ocupação na “região”. Em seguida, notamos a frequência do texto “Amazônia: Estado, Homem, Natureza” em teses e dissertações sobre os projetos desenvolvimentistas, ocupação e políticas públicas, assim como, “Estado, bandidos e heróis: Utopia e luta na Amazônia”, na qual são retomadas as ideias sobre a ocupação histórica e suas consequências.

⁸⁹ Não foram localizadas informações sobre a revista na Plataforma da Capes que mede a qualidade dos periódicos.

Nesses livros, Loureiro analisa e critica os modelos de desenvolvimento no passado e presente, percorrendo sobre os temas da “região amazônica” e os problemas que dela fazem parte.

Diferentemente do caso de Edna Castro, que veremos a seguir, Loureiro apresenta um maior investimento em produções sem coautorias (ela compõe apenas um livro feito em colaboração com diversos pesquisadores e organizado pela Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos). A menor circulação das ideias da agente a nível nacional (limitadas aos trabalhos e instituições examinadas na monografia), decorre possivelmente da concentração dos investimentos e posições ocupadas em Belém, como o cargo na SEDUC e a produção de livros didáticos para a rede de ensino do estado.

Por fim, a produção escrita de Edna Castro, principalmente as organizações de livros foi um trunfo utilizado pela agente para a circulação de suas ideias sobre a “região”. Os temas abordados por ela em suas produções escritas são recorrentemente sobre “conflitos socioambientais”, “povos tradicionais”, “políticas públicas” e “meio ambiente”, buscando apreender a história da sociedade e economia amazônica, além de evidenciar os problemas da “região”. As teses e dissertações que citam Edna Castro tratam de programas de assistência, participações em ONGS, projetos desenvolvimentistas, políticas governamentais, gestão de recursos e gênero.

Os livros mais citados nessas produções são os organizados em parceria com outros pesquisadores, como “Na trilha dos grandes projetos: modernização e conflito na Amazônia”, feito em colaboração com Jean Hébert, que trata de conflitos socioambientais causados, por exemplo, pela construção de hidrelétricas. Assim como o livro “Estado e políticas públicas na Amazônia: Gestão do desenvolvimento regional”, organizado com Maria Célia Nunes Coelho, professora aposentada da UFRJ, mestre e doutora em Geografia e Armin Mathis, professor titular do NAEA, doutor e mestre em Ciência Política.

O que converge com o fato de que a maior parte dos livros que constam no Lattes de Edna sobre a “região” são organizados por ela, publicados pelo NAEA e contam com capítulos colaborativos com outros pesquisadores da UFPA e de outras universidades do Brasil. Para além do investimento em pesquisas mais tardias voltado à “região amazônica”, quando comparada com as outras agentes do universo analisado, a agente por estar envolvida com esse trabalho coletivo de organização de livros quase não detém livros com referência direta à “Amazônia” que não sejam compilados de artigos. Na imagem abaixo identificamos alguns dos livros organizados por Edna e publicados pelo NAEA.

Imagem 5: Livros organizados por Edna Castro e publicados pelo NAEA



Fonte: NAEA

Há obras que contam com a presença de seus orientandos e de seu grupo de pesquisa, especialmente o GETTAM, como “Territórios em Transformação na Amazônia”, lançado em 2017. Além da organização de livros em parceria com outros pesquisadores, a exemplo de “Formação socioeconômica da Amazônia”, publicado em 2016 com a ajuda de Índio Campos, professor de Economia da UFMT e pesquisador das áreas de Economia Regional, Economia da Inovação e Economia ecológica e Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade.

Outra coletânea lançada foi “Amazônia - Região Universal e Teatro do Mundo”, organizada em 2010 juntamente com Willie Bolle (professor titular da USP e crítico literário alemão) e Marcel Vejmelka (coordenador de Relações Internacionais e professor do Departamento de Espanhol e Português da Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, em Gernersheim na Alemanha). A publicação conta com duas versões, uma em português publicada pela Editora Globo, e outra em alemão, lançado pela Editora *Trafo Wissenschaftsverlag*, na Alemanha. No Quadro 12 estão alguns dos livros da agente que fazem referência direta a “Amazônia”:

Quadro 12: Obras publicadas sobre a “região amazônica” de Edna Castro

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES SOBRE A “AMAZÔNIA”	EDITORA	ANO DA PUBLICAÇÃO
<i>Amazônias em Tempo de Transição (org.)</i>	NAEA/UFPA	1989
<i>Energia na Amazônia (org.)</i>	NAEA/UFPA	1996
<i>Deforestation and Livelihoods in the Brazilian Amazon</i>	—	1997
<i>Estado e políticas públicas na Amazônia: Gestão do desenvolvimento regional (org.)</i>	CEJUP	2001
<i>Amazonien - Weltregion und Welttheater (org.)</i>	Trafo Wissenschaftsverlag,	2010
<i>Amazônia - Região Universal e Teatro do Mundo (org.)</i>	Editora Globo	2010
<i>Ecosistemas Amazônicos - dinâmicas, impactos e valorização dos recursos naturais (org.)</i>	Museu Paraense Emílio Goeldi	2011
<i>Formação socioeconômica da Amazônia (org.)</i>	NAEA/UFPA	2016
<i>Territórios em Transformação na Amazônia (org.)</i>	NAEA/UFPA	2017

Fonte: Currículo Lattes

Em relação ao quadro 12, notamos que todos os livros localizados entre a produção escrita da agente sobre a “Amazônia” foram organizados por ela e que a concentração deles ocorreu principalmente a partir de 2010. No entanto, devemos levar em consideração que nesse período Edna Castro publicou outras obras que retratam no título assuntos referentes à “região” (apesar de não fazer referência direta no título a “Amazônia” ou “região amazônica”), como

“Cidades na Floresta em 2009, “Poder Local e Mudanças Socioambientais (org.)”, em 2007, “Sociedades, Florestas e Sustentabilidade (org.)” em 2013, “Mineração na América do Sul: Neoextrativismo e lutas territoriais (org.)”, lançado em 2016. Além disso, 4 das 9 publicações presentes no quadro 12 sobre a “Amazônia” foram publicadas pela editora do NAEA.

Observando o Currículo Lattes da agente, percebe-se ainda que ela investiu muito mais na organização de livros e publicação de capítulos do que em artigos para periódicos. Em seu Lattes constam poucos artigos publicados que mencionam diretamente a “Amazônia”, alguns exemplos são “Cidades, fronteiras transnacionais e migração na Pan-Amazônia”, publicado em 2013 pela Revista Somanlu, e “Os ritos empresariais na relação com comunidades rurais da Amazônia maranhense”, lançado em 2017 no Cadernos CRH. Quanto aos artigos publicados em periódicos, eles foram publicados em revistas de universidades, como a UFAM, em parceria com outros pesquisadores, como Edila Moura, professora de Sociologia UFPA.

As produções escritas são indicativas de como a agente conseguiu expandir a circulação de suas ideias e de sua rede de contatos acadêmicos. O caso dela destoa das outras agentes estudadas porque apresenta uma produção escrita voltada para a organização de livros, frequentemente com outros pesquisadores.

3.2 As homenagens e consagração das “intérpretes” da “Amazônia”

A consagração das agentes inclui desde a concessão de honorarias, discursos de entrega e recebimento de prêmios, como também abarca as homenagens recebidas após o falecimento, através de notas, cartas abertas feitas por distintas instituições e indivíduos, como ex-colegas de trabalho, professores, pesquisadores e admiradores do trabalho realizado.

O caso de Betty Meggers chama atenção pelos diferentes países que concederam prêmios a ela e estão frisados abaixo:

Quadro 13: Honorarias concedidas à Betty Meggers

TIPO DE HONRARIA	INSTITUIÇÃO	ESPECIFICAÇÃO DA HONRARIA	ANO
Membro do <i>PHI BETA KAPPA</i>	<i>PHI BETA KAPPA</i>	Sociedade universitária americana mais antiga de honra dos EUA, voltado para as áreas de ciência e arte liberal.	1943

Membro do <i>SIGMA XI</i>	<i>SIGMA XI</i>	Sociedade de honra para cientistas e engenheiros, visam honrar a excelência na investigação científica e encorajar a cooperação entre pesquisadores	1945
Prêmio	<i>Washington Academy of Sciences</i>	Concedido pelo trabalho científico realizado	1956
Medalha de honra ao mérito	Governo do Equador	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1966
Medalha de ouro	<i>37th International Congress of Americanists</i>	Concedido pelo trabalho científico realizado	1966
Membro honorário vitalício	<i>Archaeological Society Of Maryland</i>	Concedido pelo trabalho científico realizado	1971
Membro honorário	Sociedade de Arqueologia Brasileira	Concedido pelo trabalho científico realizado	1980
Diploma de Honra ao Mérito	Universidade Católica de Goiás	Concedido pelas contribuições científicas da universidade	1985
Prêmio	<i>50th Anniversary Award - Society for American Archaeology</i>	Concedido pelo trabalho científico realizado	1985
Medalha de Ordem “Bernardo O’Higgins”	Governo do Chile	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1985
Medalha de ouro	<i>Smithsonian Institution</i>	Concedido pelo excepcional serviço prestado	1986
Medalha Comemorativa do Vigésimo Aniversário	Museu Paraense Emílio Goeldi	Concedido pelo trabalho científico realizado	1986
Doutor Honoris Causa	Universidade de Guayaquil, Equador	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1987
Medalha de Ordem “Andres Bello”	Governo da Venezuela	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1988
Medalha de Ordem ao mérito	Governo do Peru	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1989
Diploma de Honra	<i>Municipalidad De Pueblo Libre - Lima, Peru</i>	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1990
Diploma de Honra	<i>Museo Nacional De Antropología Y Arqueología</i>	Concedido pelas contribuições científicas	1990
Membro correspondente	Academia Nacional de História – Equador	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1990
Medalha “La Periquera”	<i>Museo Provincial de Holgun – Cuba</i>	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1997
Doutor Honoris Causa	<i>Universidad Nacional de la Plata, Argentina</i>	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1997
Prêmio	Embaixada do Equador, Washington, D.C	Concedido pela contribuição à identidade nacional do Equador	1998
Doutor Honoris Causa	Universidade Católica de Goiás	Concedido pelas contribuições científicas ao país	1999

Fonte: Currículo Lattes

Betty Meggers é a agente que mais foi premiada (22), como indicado no quadro 13, sendo a mais comum entre elas, as medalhas de mérito (8), seguida de inserções como membro de instituições científicas (5), especialmente em países onde realizou pesquisas, além de

titulações (3), prêmios (3) e diplomas (3). O ano em que mais recebeu honorarias (3) foi 1985 e 1990, no qual destacam-se medalhas e diplomas.

Dentre as instituições e entidades que mais concederam homenagens à agente, estão os governos e embaixadas que distribuíram comendas, como a Medalha “La Periquera”, pelo Museo Provincial de Holgun, em Cuba; Medalha de Honra ao Mérito concedida pelos Governos do Peru e do Equador; Medalha de Ordem “Andres Bello”, outorgada pelo Governo da Venezuela; Medalha de Ordem “Bernardo O’Higgins”, do Governo do Chile, concedidas à agente pelas descobertas científicas feitas durante suas pesquisas.

Outro exemplo são as universidades da América do Sul, como a Universidade Católica de Goiás, no Brasil; a Universidade Nacional de La Plata, na Argentina e Universidade de Guayaquil, no Equador que atribuíram a Meggers o título de *Doutor Honoris Causa* por suas contribuições científicas, fruto de suas pesquisas arqueológicas na região da “Amazônia”, algumas delas chegando a distribuir outros diplomas e medalhas comemorativas.

Ao analisarmos o quadro 13, nota-se que o impacto de Meggers não foi apenas no Brasil, vide as inúmeras medalhas que recebeu em outros países da América do Sul e Central. Seu trabalho é reconhecido não só através das honorarias que recebeu das instituições científicas e governos, como também por outros pesquisadores que participaram dos projetos elaborados pela pesquisadora. Para Maranca (2007), a criação do PRONAPA importante para a mudança na Arqueologia no Brasil:

representou para a arqueologia brasileira, colaborando na mudança radical de mentalidade sobretudo, o que levou a uma mudança de atitude que beneficiou a pesquisa arqueológica e aqueles que a ela se dedicavam Era a primeira vez, mesmo se com ressalvas possíveis, que os arqueólogos falavam a mesma linguagem. Além da terminologia, essencial para a comunicação entre pares em uma pesquisa científica, nossos coordenadores, Betty Meggers e Clifford Evans, criaram um espírito de colaboração entre todos, trocas de dados, informações, novas ideias, até rebeldias e discussões acaloradas surgiam a partir deste núcleo, que se afastou cada vez mais daqueles “reinados” mais ou menos fechados existentes até então. (MARANCA, 2007, 177-118).

Segundo Sombrio (2022), as pesquisas realizadas pela agente marcaram o momento de retomada e profissionalização das atividades arqueológicas do Museu Goeldi e foram continuadas ao longo de todo o século XX. Além disso, as pesquisas consideradas pioneiras de Meggers teriam “aberto caminho” para outras pesquisadoras da “Amazônia”, como as arqueólogas, Anna Roosevelt e Denise Schaan.

Betty Meggers recebeu honorarias tanto em seu país de origem quanto nos países onde realizou pesquisas. Nos Estados Unidos, as principais instituições científicas, concederam

medalhas pelos serviços prestados, como o *Smithsonian Institution*, instituição que trabalhou desde os 15 anos de idade. Recebeu medalhas no *37th International Congress of Americanists*, além de prêmios como o *50th Anniversary Award* da *Society for American Archaeology* e o *Washington Academy of Sciences*. Somam-se a eles, participações em sociedades de honra como a Sigma XI e a Phi Beta Kappa, tradicionais dos EUA.

Nas homenagens feitas à Betty Meggers após o seu falecimento são geralmente destacadas as suas contribuições e o reconhecimento pelo seu trabalho, principalmente sobre a Amazônia. Um exemplo disso é a biografia da agente escrita por Cristiana Barreto, doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora de complexos cerâmicos da Amazônia, para a Enciclopédia da Arqueologia Global em 2014, na qual ela destaca:

(...) Betty Meggers também deu um importante contributo em termos de metodologia. Em colaboração com Clifford Evans, ela desenvolveu procedimentos sistemáticos tanto para o levantamento do local como para a análise e seriação cerâmicas, (...) Estes foram transmitidos a muitos estudiosos sul-americanos através de cursos, seminários e programas de investigação em colaboração. No Brasil, o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, 1964 - 1970) coordenado por Meggers e Evans, teve um profundo impacto tanto na geração de dados como no estabelecimento de um quadro cronológico para a distribuição de transações arqueológicas culturais, fases e subfases, em todo o território nacional. O legado de Meggers continua a ser transmitido através de associados de investigação na América do Sul que levaram a sua influência a novas gerações de arqueólogos. Figuras importantes aqui são Mario Simões, Eurico Miller e Ondemar Dias no Brasil, Emilio Estrada no Equador, José. M. Cruent na Venezuela, Mario Sanoja e Iraide Vargas na Colômbia.⁹⁰

A Sociedade Brasileira de Arqueologia ao comunicar o falecimento da agente, reconstituiu sua biografia e ressaltou suas pesquisas na América do Sul, especialmente o PRONAPA e o PRONAPABA, projetos coordenados por ela⁹¹. De modo semelhante, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em nota, destacou as contribuições científicas, em especial as pesquisas sobre a “Amazônia”⁹². Já a Folha de São Paulo frisou em matéria que Betty Meggers seria a “Mãe da arqueologia amazônica”⁹³, reconhecendo todo o trabalho e descobertas científicas feitas pela agente nas décadas de 1950 a 1970, e a tese desenvolvida no livro “Amazônia: a ilusão de um paraíso”, publicado em 1980.

⁹⁰ BARRETO, Cristina. Meggers, Betty Jane. Claire Smith Encyclopedia of Global Archaeology 10.1007/978-1-4419-0465-2_2486 Springer Science+Business Media New York 2014

⁹¹ Disponível em < https://www.sabnet.org/informativo/view?TIPO=1&ID_INFORMATIVO=54> Acessado em 10/04/2023

⁹² Disponível em: <https://www.facebook.com/ABA.antropologia/posts/falecimento-de-betty-jane-meggers-03072012e-com-pesar-que-anunciamos-o-falecimen/440874849266712/?locale=pt_BR> Acessado em: 10/04/2023

⁹³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1115910-betty-meggers-1921-2012---mae-da-arqueologia-amazonica.shtml>> Acessado em: 11/04/2023

No caso de Bertha Becker, chama atenção as diversas honrarias atribuídas ao seu trabalho acadêmico. Dentre elas, homenagens, medalhas e prêmios, outorgadas por diferentes instituições que concederam a ela por suas contribuições à sociedade e à ciência tanto em vida, quanto após seu falecimento e são apontadas no quadro abaixo:

Quadro 14: Honrarias concedidas à Bertha Becker

TIPO DE HONRARIA	INSTITUIÇÃO	ESPECIFICAÇÃO DA HONRARIA	ANO
Medalha Carlos Chagas Filho de Mérito Científico	FAPERJ	Concedido pelas contribuições científicas	2000
Membro Honorário	Centro Internacional de Desenvolvimento Sustentável/ FGV	Concedido pelo trabalho científico realizado	2000
<i>David Livingstone Centenary Medal</i>	<i>American Geographical Society</i>	Para Avanços Científicos no Hemisfério Sul	2001
Professora Emérita	UFRJ	Concedido pelas contribuições no Departamento de Geografia da UFRJ	2002
Homenagem	Centro de Desenvolvimento Sustentável CDS/UnB	Concedido pelo trabalho científico realizado	2003
Homenagem	Departamento de Geografia/UNESP-Rio Claro - SP	Homenagem concedido pelo trabalho científico realizado	2003
Doutor Honoris Causa	Université Jean Moulin / Lyon III - França	Concedido pelas contribuições científicas	2005
Prêmio Claudia	Editora Abril	Concedido pelo trabalho científico realizado à sociedade	2005
Membro Eleito	Academia Brasileira de Ciências ABC-RJ	Membro da ABC pelo trabalho científico realizado	2006
Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico	Ministério do Estado da Ciência e Tecnologia	Concedido pelo trabalho científico realizado	2007
Conferencista Emérita da Escola Superior de Guerra	Escola Superior de Guerra	Conferencista emérita	2007
Medalha de Ordem de Rio Branco - Comendador Ministério Relações Exteriores	Ministério das Relações Exteriores, Brasília	Concedido pelo trabalho científico realizado	2008
Prêmio Jabuti da Área de Ciências Naturais e Ciências da Saúde	Câmara Brasileira do Livro	Atribuído ao livro "Dimensões Humanas da Biosfera-Atmosfera"	2008
Homenagem do Ministério do Meio Ambiente	Ministério do Meio Ambiente	Concedido pelo Dia Internacional da Mulher	2009
Homenagem do Programa de Pós-Graduação em Geografia/Dep. de Geografia e Inst de Geociências da UFRJ	UFRJ	Homenagem concedida pelo trabalho científico realizado	2009
Prêmio Personalidade do Ano	Banco da Amazônia, BASA - Banco da Amazônia	Concedido pelas contribuições científicas	2009

Doutor Honoris Causa	UFRJ	Concedido pelo trabalho científico realizado	2011
Homenagem da Associação de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE)	ANPEGE	Homenagem feita pelo trabalho científico realizado	2011
Membro da Delegação Brasileira à Conferência das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável - Rio + 20.	Itamaraty - Ministério das Relações Exteriores e Ministério do Meio Ambiente	Escolhida pelas contribuições à região	2012
Painelista do Diálogo "Florestas" da Conferência das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável	Itamaraty - Ministério das Relações Exteriores e Ministério do Meio Ambiente	Escolhida pelas contribuições à região	2012
Menção honrosa Rio Negro	Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA)	Concedido pelo trabalho desenvolvido na região amazônica.	2016

Fonte: Currículo Lattes/ Memorial de Provimento ao cargo de professora titular da UFRJ

No quadro 14, podemos observar tanto as homenagens (5), medalhas e condecorações (4), prêmios (3), títulos (3) e outros tipos (7), como menções honrosas e ingresso em instâncias de consagração intelectual, ao todo somam 21. O ano em que mais recebeu foi em 2009, três no total.

As instituições que mais concederam prêmios a agente foram as universidades, instituições e associações de pesquisa que prestaram homenagens para Becker por suas contribuições à ciência e à educação. Dente eles, a Associação de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE); o Programa de Pós-Graduação em Geografia; o Departamento de Geografia e o Instituto de Geociências, ambos da UFRJ; o Departamento de Geografia da UNESP campus Rio Claro, localizado em São Paulo; o Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da UnB.

Assim como a Universidade Federal de Roraima e a Universidade Jean Moulin - Lyon III na França atribuíram a agente o título de *Doutor Honoris Causa*, em reconhecimento do trabalho intelectual da geógrafa. Recebeu o título de Professora Emérita da UFRJ, pelo trabalho realizado no Departamento de Geografia. Pelas contribuições à ciência foi agraciada com a Medalha Carlos Chagas Filho de Mérito Científico pela FAPERJ e com a Medalha *David Livingstone Centenary*, outorgada pelo *American Geographical Society*, aos pesquisadores que realizaram pesquisas e obtiveram avanços científicos no Hemisfério Sul.

O Governo Brasileiro também reconheceu sua atuação e concedeu à agente duas medalhas, a primeira foi a Medalha de Ordem de Rio Branco, atribuída pelo Ministério das Relações Exteriores. A segunda foi a comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico, dada pelo Ministério do Estado da Ciência e Tecnologia durante o Governo Lula (2003-2011). Ela

ainda foi escolhida em duas ocasiões para representar o Governo como Membro da Delegação Brasileira, na Conferência das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável durante o Rio + 20 e Painelista do Diálogo "Florestas" da Conferência das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável, além de ter recebido homenagem no Dia Internacional da Mulher pelo Ministério do Meio Ambiente.

Sublinhamos o fato de Becker ser premiada não apenas por instituições científicas, como também pelo próprio governo brasileiro, como vimos acima, e entidades da sociedade civil de distintas naturezas. Alguns exemplos são o “Prêmio Personalidade do Ano”, outorgado pelo Banco da Amazônia (BASA); o “Prêmio Claudia” da Editora Abril, dedicada aos principais trabalhos de mulheres brasileiras; e o Prêmio Jabuti, maior prêmio literário brasileiro, na área de Ciências Naturais e Ciências da Saúde pelo livro "Dimensões Humanas da Biosfera-Atmosfera".

As homenagens recebidas após o falecimento da agente corroboram o reconhecimento do trabalho realizado por ela e são reveladoras da consagração e notoriedade que possuía. Dentre elas, encontram-se as notas escritas por distintas instituições, desde universidades como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Bahia (UFBA). E instituições de pesquisa como a Fundação Oswaldo Cruz e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que escreveram sobre a importância dos estudos de Becker sobre a “Amazônia, os projetos desenvolvidos, como o Zoneamento Ecológico-Econômico, o “pioneirismo” em relação ao planejamento do desenvolvimento da “Amazônia” e a agenda de políticas públicas privilegiada pela agente.

A Academia Brasileira de Ciências através do seu presidente, Jacob Falis, frisou em homenagem os atributos e a proximidade que detinha com a agente, ao qual destacam-se palavras como “grande amiga”, “brilhante companheira”, “destacada cientista brasileira”:

a geógrafa – especialista em estudos na Região Amazônica – era uma das mais destacadas cientistas brasileiras (...) o grande pesar pela perda da grande amiga e brilhante companheira da Academia Brasileira de Ciências, dedicada ao conhecimento da Amazônia e à busca de alternativas para a região. O seu falecimento cria uma lacuna difícil de ser preenchida na comunidade científica brasileira e causa uma profunda perda para o país⁹⁴.

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2013/07/15/falece-a-academica-bertha-becker/>> Acessado em: 11/04/2023

De modo equivalente, a nota publicada em nome do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)⁹⁵ sublinhou tanto a trajetória da agente, quanto o envolvimento de Becker com a “região” e desenvolvimento do país, fazendo alusão as contribuições realizadas por ela. Novamente, são grifados alguns atributos, como “grande simpatia”, “energia” e “compromisso”:

(...) Nós do BNDES somos gratos à Professora Bertha por transmitir os conhecimentos e as preocupações com o desenvolvimento do país e com a necessidade de valorizar as condições e culturas regionais de forma realmente sistêmica e colocando a ciência, a tecnologia e a inovação como propulsoras do desenvolvimento do país e da Amazônia. Admiramos particularmente sua grande simpatia, energia e compromisso permanente de compartilhar experiências e conhecimentos. Essas qualidades, juntamente com seu vasto legado acadêmico e profissional, asseguram a inclusão da Professora Emérita da Universidade Federal de Rio de Janeiro, Bertha K. Becker no rol dos grandes brasileiros que merecem o reconhecimento das futuras gerações⁹⁶.

O BNDES ainda realizou um seminário para discutir sobre o pensamento da agente em relação ao desenvolvimento da “região”, com a presença de pesquisadores que foram colegas de departamento e de projetos, como Cláudio Egler, ex-orientando de Becker, professor e pesquisador da área de Geografia da UFRJ, respectivamente em temas sobre “Goeconomia”, “Desenvolvimento regional”, “Gestão do Território”; Lia Osorio Machado, ex-orientanda, professora e pesquisadora da UFRJ da área de Geografia em assuntos sobre “Amazônia sul-americana” e “Limites e Fronteiras na América do Sul”; e Ima Vieira, professora do programa pós-graduação em Ciências Ambientais e pesquisadora titular do Museu Paraense Emílio Goeldi com ênfase na área de Ecologia.

⁹⁵ A agente tinha um histórico de parceria com o BNDES, dentre elas, esteve presente nas reuniões nas reuniões que deram base à criação e estruturação da Área de Meio Ambiente e do Fundo Amazônia do BNDES e no Seminário Amazônia: Transformações, Dilemas e Novas Políticas de Desenvolvimento. Esse fato é destacado em nota, disponível em: <<http://berthabecker.blogspot.com/2013/07/homenagem-do-bndes-professora-bertha.html>> Acessado em 11/04/2023

⁹⁶ Disponível em: <<http://berthabecker.blogspot.com/2013/07/homenagem-do-bndes-professora-bertha.html>> Acessado em: 11/04/2023

Imagem 5: Programação do Seminário “As Amazônias de Bertha Becker: contribuições ao debate sobre o desenvolvimento da região amazônica”

 <small>CAR-IMA: Comitê de Arranjos Produtivos, Inovação, Desenvolvimento Local, Regional e Socioambiental</small>	
Seminário As Amazônias de Bertha Becker: contribuições ao debate sobre o desenvolvimento da região amazônica <small>BNDES, Sala da RDO – 20º andar – 17 de novembro de 2015 Av. República (Linha 100) 20º andar, Rio de Janeiro</small>	
14:30	Abertura - Luciano Coutinho , Presidente do BNDES
14:45	As Amazônias de Bertha Becker Ima Vieira, Pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, organizadora da coleção
15:00	Mesa Redonda 1: Infraestrutura, ocupação e desenvolvimento da Amazônia Lia Osório Machado, Professor do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Claudio Egler, Professor do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Antônio Carlos Galvão, Diretor do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) Gilberto Rocha, Professor do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFPA Coordenação: Nelson Siffert, Superintendente da Área de Infraestrutura e Energia (AIE) do BNDES Moderação: Ana Paula de Almeida Silva, Gerente do Departamento do Fundo Amazônia do BNDES
17:00	Mesa Redonda 2: Sociobiodiversidade e desenvolvimento da Amazônia Raimunda Monteiro, Reitora da Universidade Federal do Oeste do Pará Sarita Albagli, Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ) e Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento (Linc) Neli Aparecida de Mello-Théry, Professora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Territorialidades e Sociedade do Instituto de Estudos Avançados da USP Roberto Bartholo, Professor de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ Coordenação: Saturnino Braga, Diretor-presidente do Centro Celso Furtado Moderação: Marcus Santiago, Gerente do Departamento de Energias Alternativas da AIE, BNDES
18:30	Lançamento do livro AS AMAZÔNIAS DE BERTHA BECKER Ari Roltman, Editora Garamond Ima Vieira, MPEG Carlos Minc, Deputado Estadual – RJ Representante da família Coordenação: Sérgio Gusmão, Chefe de Gabinete do BNDES

Organização: Helena Lastres, Cristina Lemos e Walsey Magalhães, Assesores do Presidente do BNDES, Secretaria de Arranjos Produtivos e Inovativos e Desenvolvimento Local, SAR/GP.

Fonte: <http://berthabecker.blogspot.com/2015/11/programacao-do-seminario-as-amazonias.html>

A sua produção escrita encontra-se divulgada em uma página dedicada aos “Intérpretes do Brasil”⁹⁷. No *site* constam os principais nomes de “intelectuais” preocupados com questões nacionais e são apresentadas as trajetórias acadêmicas e a produções escritas de figuras como Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Freyre, dentre outros. Bertha Becker, ao lado de Maria Conceição Tavares e Ermínia Maricato são as únicas mulheres em destaque no site.

A realização de um dossiê em “memória” da agente feito pela Revista Espaço Aberto do Programa de Pós-graduação em Geografia é revelador do reconhecimento e consagração de Bertha Becker. O memorial conta com a participação de diversos colegas de departamento de universidades do Brasil e exterior, além de ex-orientandos, na qual são evocadas as contribuições da agente em relação à ciência, à geografia e especialmente em relação a “Amazônia”. No editorial da revista, é realçado alguns desses aspectos, em especial expressões como “pensamento inovador” e “preocupação constante” que reforçam as qualidades da agente enquanto pesquisadora:

Dedicamos a revista à professora Bertha não apenas por seu mérito profissional em todas as áreas em que atuou, mas também pela sua importância na formação de tantos profissionais, muitos qualificados diretamente sob sua orientação ou influenciados em projetos desenvolvidos em parceria. Profissionais que hoje ocupam posições com brio na área acadêmica, como também em outros setores públicos ou privados. De várias maneiras, a professora Bertha contribuiu com diferentes profissionais com seu espírito crítico, pensamento inovador e preocupação constante com os problemas e caminhos do país (ESPAÇO ABERTO, 2013, s/p).

⁹⁷ Disponível em: < <http://www.interpretesdobrasil.org/sitePage/238.av> > Acessado em: 11/04/2023

Esses aspectos podem ser localizados nos trechos descritos abaixo, onde grifamos os nomes de alguns dos artigos⁹⁸ feitos no dossiê sobre a agente, como “Homenagem à Bertha K. Becker Sobre o Divino Brilho de uma Mente Inquieta”, de Paulo César da Costa Gomes⁹⁹, ex-aluno; “Tributo à professora Bertha Koiffmann Becker (Geógrafa Internacional por Excelência)” de Akinlawon Ladipo Mabogunje, ex-colega da agente através da UGI; “A Ecologia como parâmetro da Geopolítica – O legado de Bertha Becker no Campo dos Estudos Ambientais na Amazônia” de Diógenes S. Alves, que conheceu a agente pelo Instituto de Pesquisas Espaciais na institucionalização de programas sobre a Amazônia.

Na homenagem feita por Gomes, ele realça que “Tudo fica, no entanto, um pouco ofuscado na lembrança pela potente marca deixada pela simples presença da “professora Bertha” essa sim, fortemente impressa na memória (...). Sem dúvida, ela foi uma das figuras mais representativas na articulação das ideias geográficas no Brasil, uma espécie de porta-voz da relevância e do interesse da espacialidade junto aos outros campos do conhecimento (GOMES, 2013, p. 16-18).

De modo equivalente, Akinlawon Ladipo Mabogunje reafirma o engajamento da agente, ao dizer que “Claramente, o seu conhecimento científico não era apenas uma questão puramente de interesse acadêmico. Por meio de seu conhecimento acadêmico, ela impactou na vida socioeconômica e política do povo brasileiro” (MABOGUNJE, 2013, p. 21). Assim como Alves aponta que:

todos os que trabalhamos com Bertha compartilharemos sempre a lembrança de sua personalidade viva, que nos motivava a refletir continuamente sobre nossos problemas sob novos e inusitados ângulos. Provavelmente, essa lembrança é nosso grande legado comum. Certamente, é o que nos motivará a persistir nas reflexões sobre a importância de seu trabalho (ALVES, 2013, p. 86).

Nas homenagens escritas para a revista, a “memória” é acionada para recordar os momentos vivenciados com a geógrafa. Esses tipos homenagens fazem parte da construção da identidade, onde a “memória” deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a constantes flutuações, transformações e mudanças. Assim como é também um fator extremamente importante para o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, 204). Segundo Pollak (1992):

⁹⁸ O memorial conta com cerca de 15 artigos em homenagem a agente.

⁹⁹ Graduado e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; doutor em Geografia pela Sorbonne – Université de Paris IV e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1B.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem, perfeitamente, serem negociados, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p. 204).

Desse modo, os elementos que constituem a “memória” são tanto acontecimentos vivenciados pessoalmente, quanto aqueles vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencimento. Podem ser acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre esteve envolvida, mas que, no imaginário, tomaram tamanha importância que é quase impossível saber se participou ou não (POLLAK, 1992).

De modo geral, aqueles que homenageiam reforçam conhecer a personalidade e trajetória da agente, ao utilizarem expressões que destacam os atributos de Bertha e o perfil de pesquisadora, como “divino brilho” e “geógrafa internacional por excelência”. O uso de palavras como “legado”, “contribuição”, “pioneira”, bem como a referência ao acúmulo de pesquisas e ao conhecimento detido sobre a “região” (observados também na realização de eventos científicos por outros pesquisadores sobre o pensamento da agente de áreas afins a dela) podem ser analisados como uma tentativa de se inscrever nos marcos de atuação e continuidade ao percurso e “causas” em comum, como a defesa da “Amazônia” (REIS, 2016).

Quanto aos casos de Edna Castro e Violeta Loureiro, suas honrarias são concentradas no estado de atuação, o Pará, onde detêm as maiores comendas do município de Belém e prêmios relacionados a UFPA. Violeta Loureiro apresenta diversos prêmios recebidos em seu estado de atuação como a “Comenda da Ordem ao Mérito”, outorgada pelo Governo do Pará e prêmios alusivos à educação, concedidos pela Secretaria de Educação do Estado, localizados no quadro abaixo:

Quadro 15: Honrarias concedidas à Violeta Loureiro

TIPO DE HONRARIA	INSTITUIÇÃO	ESPECIFICAÇÃO DA HONRARIA	ANO
Ordem do Mérito <i>Jus et Labor</i>	Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região.	Concedido pelos serviços prestados	2023
Medalha do Mérito Francisco Caldeira Castelo Branco	Prefeitura Municipal de Belém	Serviços relevantes ao município no âmbito da educação, da cultura e do serviço social	2022
Prêmio Florestan Fernandes	Sociedade Brasileira de Sociologia	Reconhecimento pela atuação da produção acadêmica, formação de novos pesquisadores ou atuação pioneira na construção e desenvolvimento institucional	2021

Título de Professora Emérita	UFPA	Título honorífico ao docente aposentado, pela atuação relevantes e dedicação integral ao ensino, pesquisa ou extensão	2015
Prêmio	Associação Comercial do Pará	Concedido pelo talento e trabalho dedicados a relevantes causas públicas	2014
Honra ao Mérito	Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica-OAB/Seção Pará	Concedido por relevantes serviços prestados aos direitos do cidadão e da cidadania	2014
Prêmio Educador "Moreira Junior"	Conselho Estadual de Educação do Pará	Concedido pela contribuição à educação	2013
Membro associado da Academia Paraense de Ciências	Academia Paraense de Ciências	Concedido pelo reconhecimento do seu trabalho intelectual	2009
Diploma de Benemérita	Centro Comunitário Abel Figueiredo.	Concedido por relevantes serviços prestados à Comunidade de São João de Pirabas	1996
Honra ao Mérito	Secretaria de Estado de Educação do Pará	Concedido por relevantes serviços prestados	1996
Comenda da Ordem do Mérito Grão Pará	Governo do Estado do Pará	Concedido por relevantes serviços prestados	1991
Diploma	Casa da Cultura Antônio Bastos Morbach de Marabá, Pará.	Concedido por relevantes serviços prestados à Cultura, à Ciência e a História do Município de Marabá	1990
Medalha alusiva à promulgação da Constituição do Estado do Pará	Assembleia Legislativa do Governo do Estado do Pará	Concedido por relevantes serviços prestados	1989

Fonte: Currículo Lattes

Como exposto no quadro 15 Violeta Loureiro detém medalhas (6), prêmios (4), diplomas (2), títulos (1). O ano que a agente mais recebeu honorarias (2) foi em 2014, um prêmio concedido pela Associação Comercial do Pará pelo trabalho dedicado as “causas” públicas, e um de honra ao mérito concedido pela Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica da OAB do Pará pelos serviços prestados aos direitos dos cidadãos e da cidadania.

As medalhas de mérito (6) foram recebidas com mais frequência pela agente e foram outorgadas por instituições públicas como Assembleia Legislativa do Pará, Governo do Pará, Secretaria de Estado da Educação do Pará e Conselho Estadual de Educação do Pará e Prefeitura Municipal de Belém. Dentre elas, a agente tem a maior comenda do Estado do Pará, a “Comenda da Ordem do Mérito Grão Pará” e a maior comenda no município de Belém, a “Medalha do Mérito Francisco Caldeira Castelo Branco, ambas concedidas pelos serviços prestados. Outro destaque são o título o título de Professora Emérita pela UFPA, outorgado em 2015 e o “Prêmio Florestan Fernandes”, pela Sociedade Brasileira de Sociologia em 2021.

Nas especificações das honrarias aparecem com frequência palavras como “relevantes serviços prestados”, “reconhecimento intelectual”, “atuação acadêmica”, “contribuição à educação”, “relevantes causas públicas”. Esses termos constantemente remetem às atuações da agente ao longo de seu percurso acadêmico-profissional enquanto docente, pesquisadora e funcionária de distintos órgãos voltados para a educação.

Um exemplo disso foi o recebimento do título de Professora Emérita da Universidade Federal do Pará, em 2015, atribuída aos docentes aposentados pela grande projeção dos trabalhos acadêmicos realizados. Cabe sublinhar que dentre aqueles que detêm titulação, concedida desde 1960 na UFPA, 45 títulos foram para professores e apenas 4 foram para professoras. A última a receber foi Maria Anunciada Ramos Chaves, jurista paraense, em 1992. Em decorrência disso, o site do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, destacou que a entrega do título foi “um marco para o reconhecimento da contribuição feminina à ciência no Pará”.

Dentre os presentes na cerimônia de recebimento do título de Professora Emérita de Violeta Loureiro estava Heraldo Maués, docente do PPGSA e amigo próximo que fez a apresentação do memorial sobre a trajetória profissional e acadêmica da agente e ressaltou o fato dela ser “uma das principais conhecedoras do tema de Sociologia da Amazônia”. Já o reitor Carlos Maneschy entregou o diploma à agente e destacou que: “Violeta orgulha e dignifica o legado da UFPA. Sem dúvida, neste momento, ela recebe o que é dela, por justiça e mérito: o título de Professora Emérita”.

Ao agradecer a honraria, Violeta Loureiro enfatizou sua trajetória de pesquisadora da “Amazônia” e sua dedicação pelas “causas”, chamando atenção que foi por “amor”:

Nas férias, voltava para casa em aviões da Força Aérea Brasileira, em viagens que levavam dias, parando em várias localidades. Essas incursões nas entranhas da Amazônia me despertaram o interesse por estudar a região” (...) Me sinto muito emocionada com esse título. É o coroamento de um esforço que sempre fiz não por esperar qualquer prêmio, mas porque amo a profissão, a sala de aula e o clima da universidade¹⁰⁰.

A análise do quadro 15 junto com as homenagens recebidas durante a entrega das comendas, demonstram como a agente detém uma posição dominante dentro do seu estado de atuação, o Pará. As interpretações sobre a “região” em artigos e livros, principalmente didáticos e a ênfase na defesa de “causas” voltadas para a “educação” associadas a “região” são

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://ppgsa.prosp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/41-violeta-refkalefsky-loureiro-recebe-titulo-de-professora-emerita-da-ufpa>> Acessado em: 08/04/2023

reconhecidas dentro do estado, onde há inclusive nome de escolas e sua homenagem, como a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dra. Violeta Loureiro¹⁰¹ e se expandiram para o âmbito nacional, tornando-a uma das “porta-vozes” da “educação” e da “Amazônia”.

Por fim, as honrarias concedidas à Edna Castro, suas honrarias estão listadas no quadro abaixo:

Quadro 16: Honrarias concedidas à Edna Castro

TIPO DE HONRARIA	INSTITUIÇÃO	ESPECIFICAÇÃO DA HONRARIA	ANO
Medalha do Mérito Francisco Caldeira Castelo Branco	Prefeitura Municipal de Belém	Serviços relevantes ao município no âmbito da educação, da cultura e do serviço social	2022
Professora Emérita	UFPA	Título honorífico ao docente aposentado, pela atuação relevantes e dedicação integral ao ensino, pesquisa ou extensão	2021
Prêmio Diretora de Cinema Homenageada	Festival Internacional Amazônia de Cinema de Fronteira - 4o FIA CINEFRONT	Concedido pela realização dos filmes	2018
Prêmio Professor (Comemoração de 45 anos do NAEA/UFPA)	NAEA/UFPA	Concedido pela contribuição à pesquisa na “Amazônia” e ao NAEA	2018
Professora titular	UFPA	Concedido pela contribuição à UFPA, nos eixos docência, pesquisa e extensão	2016
Diploma de Menção Honrosa	FAPEAM	Concedido pela contribuição à ciência	2013
Prêmio pelo filme Fronteiras Carajás	Festival de Brasília	Prêmio concedido pelo filme	1993
Prêmio pelo filme Marias da Castanha	Festival do Cinema do Real-Etnográfico e Antropológico	Prêmio concedido pela realização e contribuição do filme nos Festivais de Paris, Brasília e São Luís – Centre Pompidou	1988

Fonte: Currículo Lattes

Entre as honrarias recebidas por Edna Castro (8), a mais comum entre elas são prêmios (4), especialmente os recebidos em festivais (3) pelos filmes que dirigiu e produziu com base em suas pesquisas, e um concedido pelo NAEA (1), por suas contribuições à ciência. Além disso, ela detém (1) diploma, (2) títulos e (1) medalha pela sua atuação enquanto docente, a Medalha do Mérito Francisco Caldeira Castelo Branco, a maior comenda do município de Belém. A instituição que mais concedeu honrarias foi a UFPA, através dos títulos de Professora

¹⁰¹ Localizada em Xinguara no Pará.

Emérita, recebido em 2021; de Professora Titular, em 2016; e pelo NAEA, em 2018, recebido durante a comemoração de aniversário dos 45 anos do Núcleo, o “Prêmio Professor”.

Quanto à especificação das homenagens, observa-se no Currículo Lattes da agente o uso frequente das palavras “contribuição” tanto em relação à “ciência” quanto à “pesquisa”, à “educação” e à “Amazônia”. Essas são as causas que foram defendidas por Edna ao longo do seu percurso, sempre reafirmadas por ela em entrevistas e em discursos durante homenagens recebidas.

Durante a cerimônia para o recebimento do título de Professora Emérita Edna Castro foi homenageada pela professora da UFPA, Edila Moura¹⁰² que frisou os dados das produções da agente, assim como as “causas” defendidas por ela ao longo de sua trajetória. Ainda durante a cerimônia, o reitor Emmanuel Tourinho realçou as contribuições de Edna:

É com esse sentimento que o nosso encontro de hoje é para celebrar o conhecimento, para falar do valor da Ciência na Amazônia, para homenagear uma acadêmica, a professora Edna Castro, que nos honra com seu trabalho intelectual, com seu compromisso institucional e com sua liderança na sociedade” (...) É uma vocação e uma obrigação da Universidade Federal do Pará estudar os povos da Amazônia, as suas culturas diversas, as violências a que têm sido expostos, as tentativas de calar as suas vozes. Cumprir essa missão, porém, requer a disposição para desafiar referências teóricas e epistemológicas, romper com modelos concebidos sob visões de mundo que nos são estranhas e impróprias¹⁰³.

Em agradecimento pelo recebimento do título, Edna corrobora com a fala do reitor ao afirmar que o título é fruto do seu “trabalho constante de pensar politicamente a sociedade, de fazer ciência contextualizada e engajada”, finalizada com a frase “Para que o conhecimento, se não pudermos mudar a realidade?”.

Tanto no discurso de homenagem do reitor quanto no discurso de agradecimento de Edna são destacados alguns dos atributos da gente. A referência a trajetória de Edna em relação a “Amazônia” são sublinhadas em expressões que afirma que a gente “cumprir essa missão”, tem “compromisso institucional” e é “liderança na sociedade”, assim como são reafirmadas pela agente ao reiterar o comprometimento com a “região”.

Os quatro casos analisados são reveladores de como as agentes acumularam trunfos e recursos que possibilitaram a consagração de suas ideias em distintos *domínios* sociais. As

¹⁰² Recorrentemente chamada para situações como essa, ela também escreveu a nota biográfica sobre a vida de Edna no site do SBB, enfatizando suas produções científicas nas áreas de desenvolvimento, políticas públicas, estudos urbanos e meio ambiente.

¹⁰³ Disponível em: < <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/13173-edna-castro-recebe-o-titulo-de-professora-emerita-da-ufpa>> Acessado em: 08/04/2023

distintas temáticas privilegiadas por elas em livros são elucidativas para compreender a posição de porta-vozes da “região”.

No exame das produções escritas delas percebe-se a localização de temas que ainda estão em voga, como “conflitos socioambientais”, “desenvolvimento”, “tecnologia” apreendidos por Bertha Becker, Edna Castro e Violeta Loureiro. Além disso, o peso das certificações escolares e a rede relações formadas com a participação em cargos administrativos em associações profissionais foram cruciais para a circulação das suas formulações. O mais destoante é o caso de Meggers, que se concentrou em pesquisar a “cultura amazônica” focando especialmente na arqueologia da América do Sul. É também a agente que publicou mais artigos científicos do que livros, quando comparadas as outras mulheres do universo analisado. Bertha Becker focou tanto em livros quanto artigos e apresenta diversos materiais elaborados tanto sozinha quanto em parceria com outros pesquisadores com os quais trabalhou em outros projetos. Ao compararmos a produção escrita das agentes estabelecidas no Pará, observa-se que enquanto Violeta Loureiro publicou uma maior quantidade de livros sobre a “região”, investimento iniciado ainda no mestrado, Edna Castro apresenta poucos livros publicados sozinha e manteve-se na organização de coletâneas sobre a “Amazônia” com apoio do NAEA.

As críticas, menções e apropriações são indicativos das tomadas de posições que ocorrem na arena de tensões e relações de poder envolvendo as discussões sobre a “Amazônia”, podendo ser representadas tanto por preocupações com a “biodiversidade” e “meio ambiente”, em especial com a preservação, proteção e uso sustentável, como podem ser movidos pelo senso de justiça social que abrangem questões voltadas ao “desenvolvimento” e aos “direitos humanos”, agenda fortalecida com a transnacionalização do debate sobre a “região” (ZHOURI, 2006).

A posição alcançada por elas, reconhecidas por seus pares e instituições são refletidas na recepção e consagração recebidas, reforçam ainda mais seu lugar de destaque entre “porta-vozes” da “Amazônia”. Por um lado, o caso de Meggers, com as inúmeras honrarias recebidas pelo “pioneirismo” em pesquisas na América do Sul, e Bertha Becker na área de Geografia, com as proposições sobre desenvolvimento para a “Amazônia”. Por outro lado, Violeta Loureiro, com as diversas homenagens em seu estado de atuação e Edna Castro são indicativos da circulação e exaltação de seus trabalhos sobre a “região”.

De modo geral, identificamos os prêmios, títulos, medalhas de honra e de mérito científico que exaltam o trabalho realizado por elas. Chama atenção os tipos de honrarias recebidas que vão desde medalhas de mérito científico concedidas por instituições de pesquisa,

comendas de ordem ao mérito conferidas por governos em nível nacional, estadual e municipal, além de titulações acadêmicas como “*Doutor Honoris Causa*” por universidades brasileiras e do exterior.

Todas elas detêm em seus Currículo Lattes as informações preenchidas na categoria “prêmios”, algumas com descrições mais detalhadas, como Violeta Loureiro e Betty Meggers, outras menos, como Edna Castro e Bertha Becker (esta última realçou todos os seus feitos científicos em seu Memorial de concurso para provimento do cargo de professora titular, inclusive a listagem de todos os prêmios recebeu durante sua carreira).

A constância do uso de palavras como “contribuição”, “serviços prestados com êxito”, “pela causa”, frequentemente apontam para trajetórias voltadas ao estudo da “região”. O constante uso de expressões que exibem os atributos das agentes nesses eventos em homenagem a elas, especialmente as póstumas, as descrevem como “pesquisadoras de excelência” e reforçam o “compromisso” com a “causa” que possuem.

E são reveladoras dos trunfos que acumularam, mas também uma oportunidade de aproximação ou apropriação para quem está homenageando e se retroalimentam (REIS, 2016). Do mesmo modo, as estratégias de construção da imagem (COLLOVALD, 1985) são acionadas pelas próprias agentes ao fazerem referência a esses termos em discursos de agradecimento e a outros como relacionar o percurso profissional ao “amor” e ao “compromisso” com essas “causas”.

Quadro 17: Teses e dissertações em que são mencionadas

AGENTES	TÍTULO DA PRODUÇÃO EM QUE SÃO MENCIONADAS
BETTY MEGGERS	<ol style="list-style-type: none"> 1. O POTENCIAL INTERPRETRATIVO DOS ARTEFATOS CERÂMICOS A TRADIÇÃO TUPIGUARANI NA AMAZÔNIA. 2. Pedaçõs de pote, bonecos de barro e encantados em Laranjal do Maracá, Mazagão-Amapá: perspectivas para uma arqueologia pública na Amazônia. 3. ARQUEOLOGIA DO BAIXO TAPAJÓS: OCUPAÇÃO HUMANA NA PERIFERIA DO DOMÍNIO TAPAJÔNICO. 4. Análise espacial dos Sítios Monumentais do Leste da Amazônia Ocidental. 5. “PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO COOPERATIVISMO NA REGIÃO AMAZÔNICA”: Estudo sobre uma experiência cooperativista na Região Amazônica na década de 60. 6. Ocupação indígena na foz do rio Tapajós (3260 - 960 AP): estudo do sítio Porto de Santarém, baixo Amazonas.
BERTHA BECKER	<ol style="list-style-type: none"> 1. ROTAS DA COLONIZAÇÃO NA AMAZÔNIA: Legados e novas incursões. 2. PARTICIPAÇÃO SOCIAL E ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO NA TRANSAMAZÔNICA: A ONG ASSEFEA E OS PDS'S DE ANAPU-PA. 3. Memórias em movimento histórias de luta e resiliência: faces cabanas da identidade Amazônica. 4. Fronteira da cidadania: cartografia da violência na Amazônia Brasileira. 5. Construção naval artesanal e a metamorfose do trabalho, capital na Amazônia: um estudo sobre construtores de embarcações de madeira em Igarapé-Miri (PA). 6. Trabalho e capital na Amazônia Oriental: movimento operário versus reestruturação produtiva no Complexo Albrás-Alunorte: 1990 – 2005. 7. CRIANÇAS RIBEIRINHAS E QUILOMBOLAS DA AMAZÔNIA: Crescimento, Determinantes Sociais de Saúde e Políticas Públicas. 8. “O que essa gente veio fazer aqui?” migração e sociabilidade da força de trabalho “desqualificada” para Parauapebas-PA. 9. Civilização do automóvel. A BR 319 e a opção rodoviarista brasileira.
VIOLETA LOUREIRO	<ol style="list-style-type: none"> 1. Trabalho e capital na Amazônia Oriental: movimento operário versus reestruturação produtiva no Complexo Albrás-Alunorte: 1990 – 2005. 2. ATUAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO NA AMAZÔNIA LEGAL EM CONFLITOS DE NATUREZA COLETIVA – PERÍODO DE 2004 A 2010. 3. AMAZÔNIA PROJETO DESENVOLVIMENTISTA, DISSIMULAÇÃO E BÁRBARIE. 4. Construção naval artesanal e a metamorfose do trabalho, capital na Amazônia: um estudo sobre construtores de embarcações de madeira em Igarapé-Miri (PA). 5. MULHERES MIGRANTES NA TRANSAMAZÔNICA: CONSTRUÇÃO DA OCUPAÇÃO E DO FAZER POLÍTICA. 6. Doença como experiência: As relações entre vulnerabilidade social e o corpo doente enquanto fenômeno biocultural no Estado do Pará. 7. “O que essa gente veio fazer aqui?” migração e sociabilidade da força de trabalho “desqualificada” para Parauapebas-PA.

	<p>8. “A gente tem uma vida lá fora...”: relações entre gestão de recursos humanos e sociabilidade das pessoas empregadas nos supermercados da Região Metropolitana de Belém.</p> <p>9. A violência desnuda: justiça penal e pistolagem no Pará.</p> <p>10. Civilização do automóvel. A BR 319 e a opção rodoviarista brasileira.</p> <p>11. OS KAMBEBA DO RIO JANDIATUBA Território, garimpo e conflitos socioambientais.</p>
EDNA CASTRO	<p>1. “PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO COOPERATIVISMO NA REGIÃO AMAZÔNICA”: Estudo sobre uma experiência cooperativista na Região Amazônica na década de 60.</p> <p>2. Pombo, pato, galinha, bode: bichos em trânsito! Estudo etnográfico sobre as apropriações de animais no Ilé asé Iyá Ogunté - um templo de candomblé na Amazônia.</p> <p>3. PARTICIPAÇÃO SOCIAL E ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO NA TRANSAMAZÔNICA: A ONG ASSEFEA E OS PDS'S DE ANAPU-PA.</p> <p>4. Trabalho e capital na Amazônia Oriental: movimento operário versus reestruturação produtiva no Complexo Albrás-Alunorte: 1990 – 2005.</p> <p>5. AMAZÔNIA PROJETO DESENVOLVIMENTISTA, DISSIMULAÇÃO E BÁRBARIE.</p> <p>6. Benedictu Placere: Uma Campanha na Amazônia Paraense.</p> <p>7. DAS ÁGUAS DO RIO, AS MULHERES EM MOVIMENTO NA DEFESA DO XINGU: a resistência contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte em Altamira – Oeste do Pará.</p> <p>8. “O que essa gente veio fazer aqui?” migração e sociabilidade da força de trabalho “desqualificada” para Parauapebas-PA.</p> <p>9. “A gente tem uma vida lá fora...”: relações entre gestão de recursos humanos e sociabilidade das pessoas empregadas nos supermercados da Região Metropolitana de Belém.</p> <p>10. A violência desnuda: justiça penal e pistolagem no Pará.</p> <p>11. ANÁLISE DAS POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS DEFINIDAS PARA A REGIÃO DO RIO MADEIRA E SEUS EFEITOS SOBRE A PESCA ARTESANAL.</p> <p>12. Civilização do automóvel. A BR 319 e a opção rodoviarista brasileira.</p> <p>13. OS KAMBEBA DO RIO JANDIATUBA Território, garimpo e conflitos socioambientais.</p> <p>14. GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS DE USO COMUM E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA: ETNOGRAFIA DO PROGRAMA INTEGRADO DE RECURSOS AQUÁTICOS E DA VÁRZEA (PYRÁ) – BAIXO SOLIMÕES, AMAZONAS.</p>

Fonte: CARNEIRO (2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar os perfis, produção escrita e apropriações de quatro professoras e pesquisadoras, que apresentaram destaque ao escreverem sobre a “Amazônia”: Bertha Becker, Betty Meggers, Edna Castro e Violeta Loureiro. A partir disso identificamos seus principais trunfos, recursos, investimentos, engajamentos ao transitarem por distintos *domínios* de atuação e acumularem *multinotabilidades* para atuarem nas disputas pela definição e redefinição da “região” (BOURDIEU, 1996; GRILL e REIS, 2016).

Ao analisarmos os seus perfis e produção escrita apreendemos alguns dos princípios de hierarquização e diferenciação que ocorrem nas relações de gênero, sobretudo, no âmbito acadêmico. E notamos que mesmo diante dos constrangimentos e injunções causadas pelo gênero, alcançaram o topo da hierarquia acadêmica, apresentando uma posição dominante e reveladora do equilíbrio instável da balança de poder entre os sexos (ELIAS, 1987).

Ao compararmos seus perfis com os de seus homólogos do sexo oposto, notamos que as convergências e divergências variam em maior ou menor grau dependendo do fator evidenciado. Elas estão presentes nas posições ocupadas dentro das universidades, a aprovação de projetos de pesquisa, as bolsas produtividade, as inscrições militantes e culturais, além das honorárias e constituem uma divisão sexual do trabalho no domínio acadêmico.

Quanto à origem geográfica, eles e elas se dividem entre as regiões norte e sudeste, com exceção de Betty Meggers que vem de outra configuração social e política, nasceu nos Estados Unidos e veio ao Brasil algumas vezes e Jean Hébette que vem da Bélgica e fixa residência no Pará. A profissão dos seus antepassados também não apontam muitas discrepâncias entre os(as) agentes, com pais inseridos tanto em domínios culturais e políticos quanto atuando como empresários. Além da imigração ser um aspecto recorrente entre os familiares deles e delas que retomam mais tarde suas descendências para explicação das suas escolhas profissionais, especialmente aqueles(as) agentes com antepassados judeus.

Do mesmo modo, na formação escolar não há tantas discrepâncias, todos(as) se graduaram e pós-graduaram, a maioria em cursos voltados para as Ciências Humanas em universidades do norte e sudeste (UFPA, UFRJ). A principal diferente corresponde ao fato deles apresentarem ligações com outras áreas do conhecimento, como o Direito e Economia, o que nos fez refletir sobre a persistência de uma divisão sexual do trabalho, onde os homens ainda aparecem como maioria em cursos relacionados a áreas de exatas e ciências sociais aplicadas, ligadas à produção econômica e as mulheres à área do cuidado e da docência (CÂNEDO, 2001).

Ao analisarmos os investimentos profissionais, observamos os processos de hierarquização e legitimação através da circulação por centros internacionais, inserção em projetos e contatos com o poder “político” (CORADINI, 2018). No casos dos(as) agentes analisados(as), todos e todas foram professores de universidades do Brasil e do exterior. As divergências surgiram quando analisamos os vínculos com instituições de pesquisa, as bolsas de produtividade do CNPq e as honorarias recebidas. Isso porque são eles que apresentam maioria na atuação em cargos de gestão tanto dentro das universidades quanto fora delas e no recebimento das bolsas PQ. Dentre elas, apenas uma agente foi bolsista ao longo de sua trajetória. Esse aspecto é diretamente interligado a produtividade acadêmica já que um dos critérios para a conquista dessas bolsas é a elevada produção acadêmica e converge com o fato deles terem recebido mais honorarias acadêmicas de universidades e órgãos de pesquisa, enquanto elas apresentam prêmios e medalhas de mérito de governos e prefeituras pelos serviços prestados aos estados e municípios.

De modo semelhante, as inscrições culturais e militantes também são reveladoras da hierarquização e diferenciação das relações de gênero. Há um maior envolvimento deles com instâncias de consagração intelectual, como Academia de Letras e o IHG dos estados de origem e com movimentos sociais e estudantis, enquanto elas estão envolvidas em sua maioria com associações profissionais e quase não atuaram em movimentos políticos.

Quanto as publicações sobre à “Amazônia”, notamos que eles e elas pesquisaram e produziram sobre temas semelhantes em suas respectivas áreas de atuação, como conflitos socioambientais, desenvolvimento, políticas públicas e povos indígenas. E não apresentam tantas discrepâncias em relação as citações em teses e dissertações do levantamento feito anteriormente. Além disso, mesmo com todas as divergências em relação aos investimentos que acumularam em suas carreiras universitárias e com eles apresentando uma maior variedade de trunfos, elas são tão reconhecidas quanto eles no que se refere aos trabalhos sobre à “região amazônica”, o que também revelaria uma mudança no equilíbrio das relações de poder.

Esse reconhecimento advém da combinação de distintos recursos, parcerias (amorosas e profissionais) e investimentos oriundo dos múltiplos trânsitos entres *domínios* de atuação. Ao analisarmos esses aspectos no capítulo dois, notamos que além da diferenciação entre eles e elas constituída pelas relações de gênero, há uma hierarquia entre elas, que se tornou cada vez mais evidente ao comparamos suas trajetórias.

Uma das principais divergências entre elas é a origem geográfica, o que nos levou a refletir sobre a relação “centro” e “periferia”. Há duas agentes localizadas em “centros” de

poder: Betty Meggers vem dos Estados Unidos para o Brasil algumas vezes para realizar pesquisas na “região amazônica” e, portanto, seu perfil é o mais destoante das demais agentes. De modo semelhante, Bertha Becker pertencente a outro “centro”: o Rio de Janeiro, enquanto as outras duas agentes, Violeta Loureiro e Edna Castro são pertencentes a “região”, respectivamente Roraima e Pará.

Um outro aspecto crucial que se relaciona como o maior ou menor reconhecimento no que se refere as pesquisas sobre à “região” decorre do fato de serem de gerações distintas. Elas realizam pesquisas sobre à “Amazônia” em diferentes momentos de suas carreiras e em contextos históricos, sociais e políticos divergentes. Bertha e Betty realizam pesquisas na “Amazônia” já com as suas carreiras consolidadas. A primeira era professora do Instituto Rio Branco quando visitou à “região” e a segunda era professora/pesquisadora associada ao *Smithsonian Institute*. Ao contrário de Edna e Violeta que iniciam suas pesquisas durante a pós-graduação, com interesses despertados por vivenciarem “a realidade amazônica”.

Nessa linha, o reconhecimento por seus trabalhos na “região” também divergem quando analisamos os perfis. Para os casos de Bertha e Betty são atribuídos um certo “pioneirismo” por suas pesquisas. No caso de Meggers, notamos que as análises e descobertas feitas com base nas expedições na “Amazônia” ocorreram em um momento em que a arqueologia brasileira ainda estava se constituindo. Assim, os arqueólogos e pesquisadores brasileiros importaram suas ideias e modelos de estudo e a tornaram uma das principais referências em estudos sobre a “cultura amazônica”. Outro fator corresponde ao envolvimento com as principais instituições científicas, como o Museu Emílio Goeldi, e a rede de contatos estabelecidas com intelectuais já consagrados no Brasil, como Heloísa Torres.

Sua contemporânea, Bertha Becker galgou posições dentro da UFRJ e mesmo não adquirindo os títulos de pós-graduação no exterior como suas homólogas, conquistou posições em distintos domínios de atuação, dentre eles, cargos administrativos em universidades e governos. Entre as agentes, ela é a que mais apresenta variedade nos trunfos acumulados: prestou consultorias a Ministérios, elaborou relatórios técnicos, representou o governo brasileiro em eventos no exterior, concedeu entrevistas para jornais, revistas e outros meios de comunicação, além de ter participado de associações profissionais em cargos de direção. O “pioneirismo” de seus estudos também é percebido em suas pesquisas sobre a “região”, momento em que havia preocupação com o desenvolvimento da “Amazônia” e o discurso nacional de integrar a “região” ao restante do país predominava.

Para o caso de Edna Castro e Violeta Loureiro, a rede de relações (especialmente as parcerias amorosas e profissionais) foi crucial para a circulação de suas ideias e para o seu reconhecimento enquanto “porta-vozes” da “Amazônia”.

Edna estabeleceu uma longa rede de parcerias através da circulação em espaços acadêmicos militantes, como os círculos de intelectuais paraenses junto com seu marido, José Dias Castro, um dos pioneiros na luta pelos direitos humanos no Pará. Além de ter atuado ativamente na graduação e pós-graduação em movimentos estudantis e sociais. Outro investimento recorrente analisado foi a organização de livros com outros pesquisadores de universidades, tanto do Brasil quando do exterior e a participação em cargos de direção em associações profissionais, como SBS e ANPOCS. Dentre as associações profissionais em cargos administrativos destaca-se o envolvimento com o NAEA, que para além dos elementos já destacados, parece ter sido o maior trunfo da agente. A relação com o Núcleo, rendeu duas direções e envolvimento com a Editora do NAEA, o que poderia explicar as parcerias em publicações e organizações da maioria dos livros que constam no Lattes da agente.

De modo semelhante, identificamos que Violeta Loureiro investiu fortemente em prol da “educação”, causa que seguiu em paralelo e relacionado à “região”. A agente detém notoriedade em cargos obtidos nessa área em específico, sobretudo, o envolvimento com a elaboração de livros didáticos sobre a “educação da Amazônia” e ocupação de cargos estratégicos dentro da SEDUC. A posição dominante parece advir também das relações construídas e a parceria com seu marido, Paes Loureiro. Violeta vem adquirindo cada vez mais notoriedade decorrente dos assuntos que escreve sobre a “Amazônia” e tem investido constantemente em livros sobre a “região”, no qual enfatiza explicações para história da “Amazônia”, associada a preocupações como “direitos humanos”, “desenvolvimento” e “conflitos socioambientais”. Dentre as agentes é que menos participou de eventos nacionais e internacionais, privilegiando aqueles que tem como tema a “região”.

Além disso, a diferenciação dos perfis persiste em outros elementos como as inscrições militantes e a defesa de “causas” como a questão de “gênero”. Betty que vem de outra configuração social e política retratou sobre as dificuldades de ser mulher em seu diário de campo. Os dados indicam que mesmo diante dos constrangimentos de gênero que vivenciou em expedições, manteve-se atuante como pesquisadora e construiu uma carreira distante de movimentos sociais e políticos.

Mesmo que não tenha se envolvido diretamente com movimentos políticos, Bertha esteve engajada realizando trabalhos para ministérios, concedia entrevistas e defendia suas

ideias em relação à “Amazônia”. Para a agente, a “Amazônia” e o seu desenvolvimento científico e tecnológico era imprescindível e se tornou a “causa” de sua vida. Enquanto nos casos de Edna Castro e Violeta Loureiro, elas estiveram envolvidas com movimentos estudantis e atuam em defesa da “Amazônia”, aspectos refletidos em suas pesquisas e em denúncias feitas em entrevistas. Além disso, Edna durante sua atuação em movimentos estudantis e movimento feminista, atuou ativamente sobre a questão de gênero. Esse aspecto não foi recorrente entre elas e nas entrevistas mais recentes também parecem não fazer muitas referências a esses assuntos.

As distinções entre os perfis apareceram, novamente, quando analisamos e comparamos no terceiro capítulo, a recepção de seus livros e as honrarias que receberam em vida e pós falecimento. Uma das hipóteses que poderia justificar a variação na quantidade de prêmios entre elas é o aspecto geracional, visto que Bertha e Betty são mais velhas e já falecidas, receberam diversas homenagens após seus falecimentos. Além dos trânsitos entre distintos países e a circulação de suas ideias que foram expandidas por seus orientados. Enquanto Edna e Violeta são mais novas e ainda estão produzindo ativamente.

Nesse sentido, dentre as agentes, Betty Meggers se consagrou como a agente que mais detém honrarias, atribuídas pela atuação em diferentes países da América do Sul. Bertha Becker é a agente que detém uma maior variedade de homenagens, prêmios, medalhas e diplomas outorgadas por eventos concedidas por governos, universidades e entidades da sociedade civil. Violeta apresenta um maior número de honrarias recebidas no Estado do Pará, pelas contribuições realizadas pela educação. Por fim, Edna, a mais nova entre elas, é a que menos detém honrarias, além disso, elas são de menores proeminências, como as recebidas em festivais de cinema. Ao serem homenageadas, recorrentemente são destacados seus atributos como pesquisadoras, ao qual há a constância do uso de palavras como “contribuição”, “serviços prestados com êxito”, “pela causa”, são comuns em todos os casos e apontam a trajetória delas voltadas à “região”.

Na análise da recepção dos seus livros, observamos que as agentes (com exceção de Betty Meggers), apresentam interesse semelhantes em temas como “desenvolvimento” e “conflitos socioambientais”, “políticas públicas”. A circulação da produção escrita e recepção é outro aspecto onde podemos ver suas divergências entre os casos. Bertha é uma das agentes que mais produziu livros que fazem referência direta à “Amazônia” e dentre as brasileiras, é a que mais apresenta ligações com outras instituições, incluindo universidades no exterior. Violeta destaca-se pelo investimento, especialmente nos últimos anos, na produção de livros,

principalmente didáticos com circulação no Pará. Edna, ao contrário das outras duas, não apresenta um grande volume de produções próprias que fazem referências diretas à “região”. Há uma predominância de livros organizados com outros pesquisadores em um trabalho coletivo, fruto de pesquisas desenvolvidas no âmbito dos grupos de pesquisa que coordena.

Desse modo geral, observamos que o envolvimento em pesquisas sobre a “região” foi se fortalecendo conforme elas conquistaram suas titulações, postos acadêmicos e administrativos, e constituíram uma rede de relações e de parcerias que auxiliaram na circulação de suas principais ideias. As vivências e entraves ocasionados pelo peso das relações de gênero e as menções à condição feminina, mesmo que raras, são reveladoras das lógicas de dominação masculina e relações de poder que estão imersas.

Além disso, a análise inicial das recepções feitas sobre alguns dos principais livros e artigos escritos pelas agentes demonstrou a pertinência de dar continuidade aos estudos que já vêm sendo realizados ao longo dos anos, especialmente porque não adentramos propriamente no vasto material escrito que elas possuem. Do mesmo modo, não analisamos para além dos temas privilegiados pelos outros seis agentes suas definições, concepções e posicionamentos sobre a “região amazônica”. Retomar e analisar os livros e artigos elaborados em diferentes contextos e períodos de atuação, tanto pelas agentes quanto pelos outros agentes do universo mais amplo, pode fornecer pistas para entender aspectos referentes as lutas de defesa de causas legítimas, como as disputas pela representação e usos da “Amazônia”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. F.; MOSCHKOVICH, M.; POLAZ, K. PESQUISANDO OS GRUPOS DOMINANTES: notas de pesquisa sobre acesso às informações. **Repocs**, v. 9 n. 17, 2012.

ALVES, Davison Hugo Rocha. **Contando a história do Pará: a disciplina ‘Estudos Amazônicos’ e os livros didáticos (1990-2000)** / Dissertação (Mestrado em História Social)– Universidade Do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

ALVES. Diógenes S. A Ecologia como parâmetro da Geopolítica – O legado de Bertha Becker no Campo dos Estudos Ambientais na Amazônia. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 3, N.2, p. 19-22, 2013.

ARAGON, Luis E. NAEA 45 anos: uma utopia criadora. **Paper do NAEA 2019**, Volume 28, Nº 1 (401) ISSN 15169111

BADIE, Bertrand; HERMET, Guy. Dinamicas huerfanas. In: **Política Comparada**. México: Fondo de Cultura Economica, 1993.

BARREIRA, I. A. F. LIDERANÇAS FEMININAS NO CONGRESSO NACIONAL: PERFORMANCES, VALORES E HABITUS, XXX Encontro Anual da Anpocs, 2006.

BARREIRA, Irllys Alencar F. Mulheres representantes no congresso nacional: trabalho político, apresentação de si e rituais de reconhecimento In: **Repocs**, v.17, n.34, p. 149-170, jul./dez. São Luís, 2020.

BARRETO, A. V. HISTÓRIA DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, Museu. Para. Emilio Goeldi. série. Antropol. 8(2), 1992.

BARRETO, C. Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. Suplemento, n. supl.3, p. 201, 7 nov. 1999.

BARROS, Gabriel Renan Neves. **A disciplina de estudos amazônicos e a formação de professores do ensino fundamental**: uma experiência no município de Marabá-PA /– São Paulo, 2016.

BARROSO, Eloísa Pereira. Relações de gênero na guerrilha: a configuração dos espaços de luta. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 34, p. 556-575, 2021.

BASTOS, Rafael José de Menezes; RIAL, Carmen. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro. Ilha – Revista de Antropologia. V. 4 N. 2 (2002)

BECKER, Bertha K. **Amazônia: Geopolítica na III Virada do Milênio**. Editora Garamound. 2004.

BOURDIEU, P. Estratégias de reprodução e modos de dominação. **Revista Pós Ciências Sociais/REPOCS**. V. 17, n.º 33, 2020.

BOURDIEU, P. O Capital Social. In: _____. Escritos de Educação. Escritos de Educação. Petrópolis:Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **Sociologia Geral**: V.1: Lutas de classificação. Petrópolis:Vozes, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Best bolso, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Berthand. Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009. p. 17 - 58.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo.

CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Mosaico de nacionalidades**. São Paulo: Maayanot, 2013. (Série Brasil Judaico, v. 2).

CARNEIRO, Sonayra dos Santos. Intelectuais porta-vozes da Amazônia: perfis e tomadas de posição. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Perfil Institucional do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) Universidade Federal do Pará (UFPA). **B1B**, São Paulo, n° 52, 2o semestre de 2001, pp. 167-169.

CASTRO, Edna. Amazônia: sociedade, fronteiras e políticas. **Caderno CRH**, v. 25, n. 64, p. 9 – 16, abr., Salvador, 2012.

CASTRO, Fábio Fonseca de; CASTRO, Marina Ramos Neves de. É TEMPO DE PREAMAR. A POLÍTICA CULTURAL DE PAES LOUREIRO NO PARÁ, EM 1987-1990. **Políticas Culturais em Revista**, 2 (5), p. 65-82, 2012.

CHARLE, Christophe. História das elites e método prosopográfico. In: HEINZ, F. M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

COLLOVALD, Annie. Identité(s) Stratégique(s). **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 73, p. 29-40, juin, 1988.

CORADINI, O. L.. “Os Professores de Ensino Superior como Objeto de Estudo e a ‘Sociologia Prática’”. **Política & Sociedade**, v. 17, 2018.

CORADINI, O. Luiz. “Panteões, Iconoclastas e as Ciências Sociais”. In: FELIX, Loiva Otero et al. (orgs.). **Mitos & Heróis: Construção de imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998, p. 219- 240.

CORADINI, Odaci Luiz. Titulação Escolar, Mercado e Capital Social na Hierarquização Escolar: as relações entre a obtenção do título de doutor em sociologia e o ingresso na carreira. **Caderno Pós Ciências Sociais (UFMA)**, v. 8, p. 39-53, 2011.

CORADINI, Odaci Luiz; REIS, Eliana Tavares dos. Transações Culturais, intelectuais e as Ciências Sociais. In: **Repocs**, v. 09, n. 17, 2012. São Luís, 2012.

COSTA, E. M. Pode uma arqueologia das mulheres? Gênero e pesquisa arqueológica no Marajó, Pará. **Revista Brasileira de História**, v. 12, 2020.

DIAS, A. S. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico, ol. **Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007

ELIAS, Norbert. 1987. “The changing balance of power between the sexes. A process-sociological study: the example of the Ancient Roman State. **Theory, Culture & Society**”. London, v.4, n.2, p.287-316, 2000.

ENGELMANN, Fabiano. Globalização e poder de estado: circulação internacional de elites e hierarquias do campo jurídico brasileiro. **Dados**. Rio de Janeiro, Impresso, v. 55, p. 487-516, 2012.

FANINI, M. A. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. **História (São Paulo)**, v. 29, n. 1, p. 345–367, 2010

FAULHABER, Priscila. A história dos institutos de pesquisa na Amazônia. **ESTUDOS AVANÇADOS**, 19 (54), 2005

FÁVERO, M. D. L. D. A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, n. 28, p. 17–36, dez. 2006.

FIGUEIREDO, Adma Hamam de. Homenagem à Bertha Becker. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 3, N.2, p. 19-22, 2013.

FONTES, Edilza. **UFPA 50 anos: história e memória**. editora universitária UFPA. Belém, 2007.

FOWLER, D. D.; VAN BEEK, G. W.; SANOJA, M. Clifford Evans, 1920–1981. **American Antiquity**, v. 47, n. 3, p. 545–556, jul. 1982.

FUNARI, P. P. A. Arqueologia Brasileira: Visão geral e reavaliação. **Revista de História da Arte e da Cultura**, Campinas, SP, n. 1, p. 23–41, 2022.

FURTADO, Sandra Maria de Arruda. Entrevista com Bertha Koiffmann Becker. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 205-218, jul./dez. 2007

GALDINO, Lúcio, Roraima: Uma análise Geo-Histórica (Déc. 1980 - 1990) **Revista Eletrônica Casa de Makunaima**, v. 1 n. 1, 2018.

GEIGER, Pedro. Geografias Vividas. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 3, N.2, p. 19-22, 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. Homenagem à Bertha K. Becker Sobre o Divino Brilho de uma Mente Inquieta. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 3, N.2, p. 19-22, 2013.

GRILL, Igor G; REIS, Eliana T. dos. Intérpretes e notáveis da literatura e da cultura popular do Maranhão. **Revista Ciências Sociais Unisinos** 53(2):363-377, maio/agosto, 2017.

GRILL, Igor Gastal. Representações e usos da ‘Amazônia’: o trabalho intelectual e político de produção da ‘região’ por parlamentares brasileiros. Projeto de pesquisa em Produtividade, Cnpq, 2018.

GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos. Dos Campos aos Domínios das “Elites” no Brasil. **Revista TOMO**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 32, p. 163-210, jan./jun. 2018.

GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos. **Elites Parlamentares e a Dupla Arte de Representar**: intersecções entre “política” e “cultura” no Brasil. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

GRÜN, R. Intelectuais na comunidade judaica brasileira. In SORJ, B. org. **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 110- 134.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz; SOUZA, Armando Lirio de; Trajetória Acadêmica e Interdisciplinariedade: Reflexões Sobre a (Des)Construção Das Matrizes Conceituais Do Desenvolvimento Na Amazônia. **Revista Terceira Margem Amazônia**. VOL 1 • N. 3-4

HEY, Ana Paula; RODRIGUES, Lidiane S. **Elites relacionais, pólos em oposição: as Ciências Humanas e Sociais no Brasil**. 41º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, MG. 2017.

KAROL, E. **Geografia política e geopolítica no Brasil (1982-2012)**. Doutorado em Geografia Humana—São Paulo: Universidade de São Paulo, 31 jan. 2014.

KOHLHEPP, Gerd. Hilgard O'Reilly Sternberg, um Pioneiro nas Pesquisas das Questões Ambientais no Brasil. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, V. 7, N.1, p. 7-21, 2017ISSN 2237-3071

LAGRAVE, Rose-Marie. Pesquisas feministas ou pesquisas sobre a mulher? In: **Repocs**, v.17, n.34, p. 9-18, jul./dez. São Luís, 2020.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: Champagne, P., Lenoir, R.; Merllié, D.; Pinto, L. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LOPES, Bruna Ferreira. As mulheres foram à luta: A militância feminina estudantil na Ditadura Militar brasileira. **Temporalidades** – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 38, v. 14, n. 2 (Set. 2022/Jan. 2023)

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: História e Análise de Problemas** (do período da borracha aos dias atuais). Belém: Editora CEJUP, 2002. v. 1

LOUREIRO, Violeta. **Amazônia, Colônia do Brasil**. 1. ed. Manaus-AM: Editora Valer, 2022

MABOGUNJE, Akinlawon Ladipo. Tributo à professora Bertha Koiffman Becker (Geógrafa Internacional por Excelência). **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 3, N.2, p. 19-22, 2013.

MARANCA, S. A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA E O PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (PRONAPA) DOS ANOS 60. v. 4, 2007.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; O Naea como Exu (Um Deus Arquetípico): Tributo a Seus Cofundadores, Armando Dias Mendes e José Marcelino Monteiro da Costa. **Papers no NAEA**. Belém, novembro de 2013.

MEGGERS, B. J. A Contribuição do Brasil à Interpretação da Linguagem da Cerâmica. **Arqueologia**, Número especial, Curitiba, v. 4, p. 31-56, 2007.

MEGGERS, B. J. **A ilusão de um paraíso**, 1987.

MENEZES, Neto. Geraldo Magella de. **Da “História do Pará” aos “Estudos Amazônicos”:** os livros didáticos regionais entre produções e usos (séculos XX-XXI). Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

MOREIRA, Silvia Maria Bitar de Lima. **Ciência e educação superior na Amazônia:** trajetória e contribuição do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará / Silvia Maria Bitar de Lima Moreira. — Belém: NAEA, 2018.

NASCIMENTO SILVA, Isabela Ribeiro. Uma história sobre Bertha Becker. **Revista geopaisagem** (on line) Ano 10, nº 20, Julho/Dezembro de 2011 ISSN Nº 1677-650 X

NEVEAU, E. **Sociologie des mouvements sociaux**. Paris: Editions La Découverte, 1996.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2006.

NONATO, Josimara Martins Dias. **A comunidade de pesquisa da Região Norte do Brasil: perspectivas sobre o papel da ciência na construção do desenvolvimento sustentável** / (Tese de doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

OLIVEIRA FONTES, E. J.; ROCHA ALVES, D. H. A UFPA e os Anos de Chumbo: A administração do reitor Silveira Neto em tempo de ditadura (1960 - 1969). **Revista Tempo e Argumento**, v. 5, n. 10, p. 258–294, 18 dez. 2013.

OLIVEIRA, J. S. Construindo uma vida comunitária: imigrantes judeus no Rio de Janeiro em princípios do século XX. **Revista Maracanan**, n. 29, p. 145–165, 29 abr. 2022.

OLIVEIRA, Amurab; MELO, Marina Félix de; RODRIGUES, Quemuel Baruque de; PEQUENO Mayres. Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. », Configurações [Online], 27 | 2021; DOI: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (Coords.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 95-120, 1979.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PEDROSA, Tatiana Lima de. **Arqueologia e Interpretação: a criação de dois modelos arqueológicos para a Amazônia**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Porto Alegre, 2008.

PÉREZ, S. R. B. “**VER-JULGAR-AGIR**”: ANÁLISE DE PRÁTICAS DA JUVENTUDE ESTUDANTIL CATÓLICA FEMININA (ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960). (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2007.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2. Ed., São Paulo. Contexto, 2019.

PETIT, P.; CUÉLLAR, J. O golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar no Pará: apoios e resistências. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 25, n. 49, p. 169–189, jun. 2012.

PIZZORNO, Alessandro. Algum tipo diferente de diferença: uma crítica das teorias da escolha racional. In. Foxley, A.(et ali). **Desenvolvimento e Política**. São Paulo: Vértice,1988.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, nº 3,1992.

PONTES, Heloísa. Crítica de cultura no feminino. **Mana**, v. 14, n. 2, p. 511-541, Rio de Janeiro, 2008.

PONTES, Heloísa.; ROSSATTI, Camila Gui.; REIS, Eliana Tavares dos. Gênero e cultura nas Ciências Sociais brasileiras: depoimento de uma pesquisadora com nome próprio. **Revista Pós Ciências Sociais (REPOCS)**, v.17, n.34, p. 101-127, julho/dezembro, 2020.

POPSON, Colleen P. First Lady of Amazonia. **The Archaeological Institute of America**. Volume 56 Number 3, May/June 2003. <https://archive.archaeology.org/0305/abstracts/meggers.html> Acesso em: janeiro de 2023.

REIS, E.T. dos. **Trajetórias, espaços e repertórios de mobilização**. Porto Alegre/São Luís: Oikos/EDUFMA, 2015.

REIS, Eliana Tavares dos. "Confissões políticas" de mulheres parlamentares. In: **Repocs**, v.17, n.34, p. 189-214 jul./dez. São Luís, 2020.

REIS, Eliana Tavares dos. MACHADO, Andressa de Carvalho; GARCES, Karolline Cristine Reis. Produtoras, gestoras e porta-vozes: perfis de mulheres que atuam na "cultura maranhense". In: GRILL, Igor Gastal.; REIS, Eliana Tavares dos. **Estudos sobre elites políticas e culturais (volume 3)**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

REIS, Eliana Tavares dos. Saberes em movimento: transações entre "intelectuais", definições de ciências sociais e a "política". In: **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. Org. Ernesto Seidl, Igor Gastal Grill. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

REIS, Eliana Tavares dos. Um tipo diferente de diferença na elite política: perfis políticos e inserções culturais de parlamentares brasileiras. **Cadernos Pagu**. n.43, p. 233-263, jul/dez, Campinas, São Paulo, 2014.

REIS, Eliana Tavares dos; BARREIRA, Irllys Alencar F. A "força da representação": pesquisando mulheres em domínios políticos e culturais In: **Repocs**, v.17, n.34, p. 9-18 jul./dez. São Luís, 2020.

REIS, Eliana Tavares dos; GRILL, Igor Gastal. Trajetórias de Multinotabilidades: Reconfigurações Históricas e Condicionantes Sociais das Inscrições Políticas e Culturais de Parlamentares Brasileiros. **Dados**, v. 58, n. 2, p. 331-369, junho, Rio de Janeiro, 2015.

REIS, Eliana Tavares dos; GRILL, Igor Gastal; PEREIRA, Ariel Tavares. As "Regiões" nas Entrelinhas do Trabalho Político: Bases Sociais, Investimentos Intelectuais e Carreiras Parlamentares (MG, RS, PE e MA). **Revista TOMO**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 36, p. 267-322, jan./jun. 2020.

ROSA, Cassia Santos da. Ilusão e paraíso: história e arqueologia na Amazônia (1948-1965)/ Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, **Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia**, Belém, 2008.

SANTOS, T. DE L. P. **E EU, QUE JÁ FUI UMA BRASA, SE ASSOPRAREM POSSO ACENDER DE NOVO: ARQUEOLOGIA ENQUANTO EVENTO NA TRAJETÓRIA DE DUAS PIONEIRAS**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, 2012.

SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, p. 19–50, 2012.

SCHAAN, D. P. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. **Anuário Antropológico**, n. v.39 n.2, p. 13–46, 1 dez. 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**. V. 20, n. 2, p. 71- 99, Rio Grande do Sul, 1995.

SEIDL, E. “Catolicismo e mediação cultural no extremo sul do Brasil”. In: GRILL, I.G; REIS, E. T. dos. **Estudos de elites e formas de dominação**. São Leopoldo/São Luís: Oikos/EDUFMA, 2020.

SIGAL, Silvia. Intelectuais, Cultura e Política na Argentina. Trad. Eliana Tavares dos Reis. In: **Repocs**, v. 9, n. 17, 2012. São Luís, 2015.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 21., p. 187-226. setembro/dezembro, 2016.

SILVA, Ricardo Lima da; RÉGIS, Alex Sander Pereira; MARINHO, Venâncio José Michiles. O Enigma da Esfinge: O Pensamento Político de Samuel Benchimol e Djalma Batista. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 8, n. 1, p. 30-44, jan./jun. 2019. e-ISSN: 2358-4238. DOI: 10.29373/sas.v8i1.12601.

SILVA; Gabriela Côrrea da. AS MULHERES CONFERENCISTAS NAS TARDES NO INSTITUTO: GÊNERO E HISTÓRIA NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB). **Revista da Associação Nacional de História. Fortaleza**, vol. IX, nº 17 – janeiro a junho, 2018.

SIMÕES, M. F. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica. **Acta Amazonica**, v. 7, n. 3, p. 297–300, set. 1977.

SOMBRIO, M. M. D. O. Viagens por um paraíso ilusório: notas sobre a expedição de Betty Meggers à região do Baixo Amazonas e sua rede de colaboradores (1948-1949). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 39, p. 206–226, 2022.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. **Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O legado de Betty Meggers na constituição de acervos museológicos no Brasil, v. 50 (2018): **Anais do Museu Histórico Nacional**, 2018.

SOUZA, Lademe Correia de. **Arthur Reis e a História do Amazonas: um Início em Grande Estilo**. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

VIEIRA, Ima Célia Guimarães; MANN DE TOLEDO, Peter; OLIVEIRA SANTOS Roberto Araújo Junior. Homenagem à Bertha K. Becker: Ciência e políticas públicas para o desenvolvimento da Amazônia. **Sustentabilidade em Debate** - Brasília, v. 4, n. 2, p. 257-260, jul/dez 2013.

WEIGEL, Peter. O papel da ciência do INPA no desenvolvimento da Amazônia. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann de (Ed.). **Conhecimento e fronteira: história da ciência na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001a. p. 269-288.

ZHOURI, Andréa. O ativismo transnacional pela Amazônia: entre a ecologia política e o ambientalismo de resultados. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n. 25, p. 139 – 169, jun., Porto Alegre, 2006.

FONTES

Academia Brasileira de Ciências. <http://www.abc.org.br/2013/07/15/falece-a-academica-bertha-becker/> Acesso em: janeiro de 2023

ALVÁRES, Maria Luzia. Apresentação Revista Gênero na Amazônia, 2012 Disponível em <https://www.generonaamazonia.ufpa.br/apresentacao.php>

Amazônia Latitude. A Revista das Humanidades Digitais <https://www.amazonialatitude.com/2022/04/08/amazonia-o-outro-do-brasil/> Acesso em fevereiro de 2023.

BAIN, A. L. GUIDE TO THE AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION RECORDS, 1904-2005 [Bulk Dates, 1915-1996] With information dating back to 1902 and forward to 2007.; 2014.

BARNES, Monica (2013) "Betty Jane Meggers (December 5, 1921 - July 2, 2012)," *Andean Past*: Vol. 11, Article 4. Available at: https://digitalcommons.library.umaine.edu/andean_past/vol11/iss1/4

BECKER, Bertha K. Entrevista com a professora Bertha Koiffmann Becker. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 205-218, jul./dez. 2007

BECKER, Bertha K. **Memorial de Concurso para Provisão do Cargo de Professor Titular no Departamento de Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 3, N.2, p. 49-82, 2013

BECKER, Bertha K. REFLEXÕES BECKERIANAS: o desenvolvimento da Amazônia “em pé”. **Revista Científica do Núcleo de Pesquisas Eleitorais e Políticas da Amazônia - NUPEPA/UFRR**. V. 01. Número 02, 2013.

Blog Sobre Bertha Becker. Acesso em dezembro de 2021 <http://berthabecker.blogspot.com/search/label/Entrevistas>

Canal Ciência. Acesso em fevereiro de 2023. <https://canalciencia.ibict.br/ciencia-brasileira-3/notaveis/402-bertha-becker>

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Edna Maria Ramos de Castro (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 30min).

COCOLO, Ana Cristina. Uma vida dedicada à Amazônia. Edição 2 – Entreteses. 2014 Disponível em <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/component/k2/item/2074-uma-vida-dedicada-a-amazonia>

Colégio Estadual Paes de Carvalho. <https://www.alepa.pa.gov.br/noticia/6727/>

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (2015), Bolsas Individuais no País, RN 028/2015. Disponível em: cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/2958271.

Correio do Brasil. Acesso em: março de 2023 <https://e.correiodobrasil.com.br/a/desmatamento-na-regiao-amazonica-aumenta-nos-governos-de-extrema-direita>

EMBRAPA. Nota de pesar pelo falecimento de Bertha Becker. <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1875687/nota-de-pesar-pelo-falecimento-de-bertha-becker> Acesso em janeiro de 2023

Encyclopedia sobre William Meggers <https://www.encyclopedia.com/science/dictionaries-thesauruses-pictures-and-press-releases/meggers-william-frederick> Acesso em 2022

Entrevista de Bertha Becker para Monica Machado em 2001 Disponível em http://www.grupogeobrasil.uerj.br/usuario//bertha_becker//bertha_becker_geobiografia_2.pdf

Escavador Betty Jane Meggers. Acesso em 2022 <https://www.escavador.com/sobre/380305/betty-jane-meggers>

FOOTE, Paul D. William Frederick Meggers 1888—1966 Biographical Memoir, Academy of Sciences, Washington D.C., 1970.

Instituto de Estudos Avançados de São Paulo. Acesso em janeiro de 2023 <http://www.iea.usp.br/noticias/morre-bertha-becker-a-cientista-da-amazonia>

Instituto Socioambiental. <https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/morre-bertha-becker-uma-das-maiores-autoridades-em-amazonia-no-brasil> Acesso em janeiro de 2023.

MARTINS, Valeria. Bertha Becker no coração da floresta. *Ciência Hoje* • vol. 46 • nº 275, 2010.

MOURA, Edila. Bionotas SBS Disponível em <https://sbsociologia.com.br/project/violeta-refkalefsky-loureiro/> Acesso em 2022.

National Academy Of Science <https://www.nasonline.org/publications/biographical-memoirs/memoir-pdfs/griffin-james.pdf> Acesso em setembro de 2023

National Archives Foundation. G.I. Bill of Rights <https://www.archivesfoundation.org/documents/g-i-bill-rights/> Acesso em 2022

New World Encyclopedia. Leslie White. https://www.newworldencyclopedia.org/entry/Leslie_White Acesso em: 2022

O DIÁRIO DO PARÁ. Violeta Loureiro destaca caminhos e descaminhos da Amazônia em novo livro. <https://diariodopara.dol.com.br/voce/violeta-loureiro-destaca-caminhos-e-descaminhos-da-amazonia-em-novo-livro-69529/> Acesso em setembro de 2023

O ESTADO. José Carlos Castro: suas duas personas. Ano XIV, Edição Digital nº 4187. | Santarém-Pará, Quinta-Feira, 18 de Novembro de 2021. <https://www.oestadonet.com.br/noticia/3969/jose-carlos-castro-suas-duas-personas/> Acesso em novembro de 2021

Ordem dos Advogados do Brasil do Pará. <https://www.oabpa.org.br/noticias/mulheres-recebem-homenagem-da-abmcj-e-ada-oab-pa> Acesso de fevereiro de 2023

Physics History Network. <https://history.aip.org/phn/11606033.html>. Acesso em: dezembro de 2022

Plano de Desenvolvimento do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém – PA, 2018-2020. <https://www.naea.ufpa.br/arquivos/2015/internos/PDUNAEA2018-2020.pdf> Acesso em: dezembro de 2022

Plataforma Lattes/ Currículo de Margaret Moura Refkalefsky. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1529812720371943>

Plataforma Lattes/Currículo de Edna Castro. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/4702941668727146>

Plataforma Lattes/Currículo de Violeta Loureiro. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/3092799127943216>

Plataforma Lattes/ Currículo de Bertha Becker. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9164795594647563>

Plataforma Lattes/ Currículo de Betty Meggers. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2680137592951879>

Plataforma Lattes/ Currículo de Alfredo Wagner de Almeida. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/1596401343987246>

Plataforma Lattes/ Currículo de Heraldo Maués. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0915136632611666>

Plataforma Lattes/ Currículo de Eduardo Viveiros de Castro. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7248541150222692>

Portal da UFPA. <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/8997-nucleo-de-altos-estudos-amazonicos-naea-comemora-45-anos-de-criacao> Acesso em fevereiro de 2023

Portal UFPA. Edna Castro recebe o título de Professora Emérita da UFPA <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/13173-edna-castro-recebe-o-titulo-de-professora-emerita-da-ufpa>> Acesso em janeiro de 2023

Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. Violeta Refkalefsky Loureiro recebe título de Professora Emérita da UFPA <https://ppgsa.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/41-violeta-refkalefsky-loureiro-recebe-titulo-de-professora-emerita-da-ufpa> Acesso em março de 2023

Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica, ACTA AMAZONICA 7(3) : 2g7.300.

Revista Pesquisa FAPESP. <https://revistapesquisa.fapesp.br/geografa-bertha-becker-morre-aos-83-anos/> Acesso em janeiro de 2023.

SANDOVAL, Abelardo [Chinaco] 2012 Latin American Archaeology Program (LAAP). Anthropology: Newsletter of the Department of Anthropology, National Museum of Natural History. Summer: 22-23.

The Society for American Archaeology, Clifford Evans Obituary, (1920-1981), 1982

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Assessoria de Educação a Distância. Faculdade de História. A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985) – Entrevista com Violeta Refkalefsky Loureiro. Belém: UFPA, 2015. 1 vídeo. (1h e 19seg). Disponível em: <<http://www.multimedia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1405>>. Acesso em: novembro de 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Assessoria de Educação a Distância. Faculdade de História. A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985) – Entrevista com Edna Maria Ramos de Castro. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo. (1h 08min e 05seg). Disponível em: <<http://www.multimedia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1319>>. Acesso em: dezembro de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Assessoria de Educação a Distância. Faculdade de História. A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985) – Entrevista com Margaret Moura Refkalefsky. Belém: UFPA, 2014. 1 vídeo.

(55min e 58seg). Disponível em: <<http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1273>>. Acesso em: janeiro de 2023.